

TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
E DO CENTRO DE ESTUDOS DE ETNOLOGIA PENINSULAR

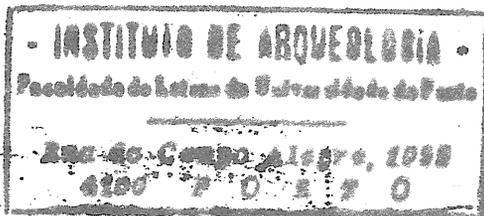
VOL. XI — FASC. 3-4
(NOVA SÉRIE — DA SOCIEDADE E DO CENTRO)



PORTO — 1948

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA — Faculdade de Ciências

17. ABR. 1988



Notas antropológicas sobre dois portugueses do século XV

(João de Albuquerque e sua mulher D. Helena Pereira)

POR

HUGO DE MAGALHÃES

Assistente do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto

O estudo antropológico das figuras notáveis da História pátria apresenta um interesse que não é de mais encarecer, pois pode-nos levar a rectificar juízos expostos pelos historiadores e, também, a aclarar certos atributos psicológicos dessas mesmas figuras.

Dentre os elementos de que se pode lançar mão para tal finalidade, figuram os restos osteológicos (evidentemente quando a sua autenticidade está bem documentada), os registos iconográficos, os quais, sendo de autor de comprovada meticulosidade, podem muito esclarecer o investigador, ou ainda atributos de uso pessoal tais como vestuário, armas, etc. Contudo as conclusões tiradas com o auxílio destes últimos conduzem sempre a resultados muito contingentes.

A existência dum esqueleto bem conservado e ao mesmo tempo uma iconografia (em mais de uma posição) da mesma personagem, permitiriam ao investigador reconstituir com fidelidade o tipo físico do indivíduo em questão. O esqueleto dar-nos-ia os elementos métricos, enquanto que a iconografia forneceria os caracteres da morfologia externa que completariam aqueles; e daí a possibilidade de se estabelecer, no ponto de vista raciológico, o tipo do indivíduo.

Podem alguns estranhar dizer-se que há correlação entre os caracteres físicos e caracteres psíquicos, mas o certo é que há quem afirme que essa correlação existe (1): As raças distinguem-se tanto por uns desses caracteres como pelos outros.

Que saibamos só foram feitos estudos deste género, em pequeno número de figuras históricas. Lembram-nos as iconografias de Afonso de Albuquerque (2), de Nuno Álvares Pereira (3), de D. Manuel I (4), além de estudos osteológicos sobre Luís de Camões e outros (5).

Na presente nota faz-se o estudo antropológico duma personagem, guerreiro de século XV, e de sua mulher. Os registos epigráficos apresentam aquele como descendente do melhor sangue português: os Cunhas pela linha paterna e os Albuquerque pela materna. Era filho de Pero Vaz da Cunha e de D. Teresa de Ataíde; neto paterno de Vasco Martins da Cunha e de sua segunda mulher D. Teresa de Albuquerque de onde lhe vem o apelido (6).

Foi casado com D. Helena Pereira, filha de João Álvares Pereira, que esteve no cerco de Tânger, e de D. Leonor de

(1) Madison Grant — *Le declin de la grande race* — Paris, 1926. Mário F. Canela — *Principi di psicologia razziale* — Bologna, 1941, etc.

(2) Costa Ferreira — *Breve estudo antropológico de um retrato de Albuquerque* — «Terra Portuguesa», 1, Lisboa, 1916.

(3) Mendes Corrêa — *O retrato de Nuno Álvares* — «Revista dos Liceus», n.º 7, Porto, 1916; *Id.* — *Um pretense vencedor de Aljubarrota* — «A Medicina Moderna», Porto, 1918.

(4) Júlio Dantas — *Iconografia manuelina* — Lisboa, 1912.

(5) *Id.* — *Os ossos de Camões* — Lisboa; *Id.* — *Caveiras de Princesas* — «República», n.º 397, Lisboa.

(6) Cordeiro de Sousa — *Referências às Canárias no túmulo de João de Albuquerque* — «Bol. da Soc. de Geog. de Lisboa», n.ºs 11 e 12 da 6.ª Série, Lisboa, 1945.

Melo, filha do Senhor de Castanheira. Teve três filhos: o almirante do Reino, Pedro de Albuquerque; Lopo de Albuquerque, embaixador de D. Afonso V em Roma, e Henrique de Albuquerque, Senhor de Angeja, que casou com D. Catarina Henriques, filha do Senhor das Alcáçovas.

Sabido o papel que tiveram na etnogenia do Povo português, os Celtas, Suevos, Visigodos, Normandos, os Cruzados e mercadores germânicos, cavaleiros cristãos da Reconquista, etc., etc., não nos repugna admitir a origem exótica (nórdica?) dos avoengos de João de Albuquerque.

Mas não antecipemos juízos; vejamos antes o que nos indica o exame osteológico dos seus restos mortais.

*

Por iniciativa da subsecção de escavações e antiguidades da Junta Nacional de Educação, da presidência do Prof. Dr. João Pereira Dias, foi trasladado da Igreja de S. Domingos de Aveiro — Sé Catedral — para o Museu da mesma cidade, o sepulcro que contém os restos mortais de João de Albuquerque e de sua mulher D. Helena Pereira.

Aproveitando essa oportunidade foi, pela mesma Junta, solicitado ao Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, da direcção do Prof. Mendes Corrêa, o exame antropológico das ossadas referidas.

O ilustre epigrafista Sr. Cordeiro de Sousa encarregou-se da interpretação da inscrição gótica que circunda o referido túmulo ⁽¹⁾.

Este, que já havia sido aberto para a condução da tampa para o Museu, a fim de facilitar o transporte, encerrava as ossadas de dois indivíduos, que o simples exame preliminar mostrou pertencerem a sexo diferente.

(1) Cordeiro de Sousa — *Obr. cit.*

Tanto um como o outro apresentavam alguns ossos partidos e a coloração do crânio masculino e respectivos ossos longos era mais clara, ao contrário dos do feminino que tinham cor escura.

Sabe-se que, por várias vezes, o túmulo foi mudado de lugar ⁽¹⁾ e é de supor que sempre tivesse sido aberto, provavelmente pelas mesmas razões, e que mãos curiosas revolvessem as ossadas à procura de qualquer despojo de valor, ocasionando que os restos mortais do valoroso soldado de D. Afonso V e de sua mulher, se encontrassem no estado de confusão actuais.

Tendo-nos tocado a nós a tarefa do estudo antropológico das ossadas, procedemos ao exame destas, uma vez colocado o túmulo no lugar definitivo no claustro do Museu.

Dos resultados a que chegamos vimos fazer a resenha nesta nota. Igualmente tivemos ensejo de fotografar os crânios. Em tudo fomos amavelmente coadjuvados pelo distinto Director do Museu, Sr. Dr. Alberto Souto, que nos concedeu todas as facilidades, assim como pelo restante pessoal: aqui lhes testemunhamos os nossos agradecimentos.

*

O crânio masculino apresentava um bom estado de conservação e, como dissemos, uma coloração clara; os ossos da caixa craniana de grande espessura, assim como elevada densidade; norma vertical entre o ovóide e bregma; fenozígio; suturas quase sinostosadas menos junto ao astério e ao bregma; glabella bem saliente assim como as arcadas supraciliares; bossas frontais pouco nítidas; órbitas de contorno rectangular e com o diâmetro

(1) Ferreira Neves — *O túmulo de João de Albuquerque em Aveiro* — «Arquivo do Distrito de Aveiro», n.º 14, 1938.

maior inclinado; abertura piriforme estreita e com goteiras pouco nítidas; malares salientes e rugosos; maxilar superior com um único alvéolo (canino esquerdo), encontrando-se os restantes reabsorvidos; arcada palatina em forma de U; occipital com a região infaca bastante saliente e o ínon e sulcos bem nítidos; buraco occipital coberto um pouco pelos cõndilos; apófises mastóides fortes.

Em norma lateral, notava-se o frontal levemente fugidio e a região obélica curva. As bossas parietais eram salientes e a escama do temporal encontrava-se solta.

A mandíbula era robusta e apresentava os alvéolos reabsorvidos à excepção dos correspondentes aos incisivos; faltavam todos os dentes.

O crânio feminino apresentava um contorno nitidamente ovóide e as suturas quase sinostosadas; arcadas tangentes ao contorno; arcadas supraciliares nulas; órbitas ovais e inclinadas; abertura piriforme bem desenhada, larga e sem goteiras; espinha nasal saliente; região malar pouco proeminente; maxilar superior com os alvéolos bem desenhados, mas faltando todos os dentes; arcada palatina parabólica.

Em norma lateral notava-se alguma frontalização; regiões metópico-glabelar recta, lambda-ínon saliente e bregmática plana; bossas parietais um pouco salientes.

Maxilar inferior sem dentes, mas com alvéolos nítidos, dos incisivos, caninos e primeiro molar esquerdo.

Os ossos deste crânio apresentavam pequena espessura e muito mais leves relativamente aos do masculino, o que lhe dava um aspecto franzino. Parte do temporal esquerdo e do esfenoidal estavam destruídos.

Tanto num como no outro esqueleto os ossos longos não apresentavam qualquer carácter particular, a não ser a mesma coloração dos respectivos crânios. O esqueleto masculino estava

melhor conservado do que o feminino; naquele as cristas de inserção muscular eram muito desenvolvidas.

Os caracteres métricos que registamos, no crânio e face, foram :

	♂	♀
Diâmetro ântero-posterior máximo	199 mm	178 mm
» transverso máximo	147 »	413 »
» vertical basi-bregmático.	139 »	122 »
» bizigomático	143 »	120 »
» basi-nasal.	112 »	90 »
» frontal mínimo	103 »	84 »
» » máximo	121 »	106 »
Altura facial superior	70 »	67 »
» nasal	57 »	56 »
Largura nasal	24 »	26 »
Comprimento da órbita	43 »	39 »
Largura da órbita	37 »	35 »
Comprimento do buraco occipital	38 »	33 »
Largura do buraco occipital	31 »	28 »
Comprimento do palatino	40 »	39 »
Largura do palatino.	37 »	36 »
Curva horizontal.	540 »	464 »
» sagital.	384 »	362 »
» násio-bregma.	131 »	126 »
» bregma-lambda	120 »	100 »
» lambda-opístio	133 »	136 »
Largura bimaatóide	113 »	96 »
Ângulo facial de Francfort	92°	83°
Comprimento da mandíbula	80 mm	68 mm
Largura bicondíliana	135 »	120 »
» bigoníaca	116 »	91 »
» do ramo	40 »	29 »
Altura do corpo mandibular	25 »	21 »
» sínfisiana	29 »	23 »
» do ramo.	70 »	55 »
Ângulo mandibular	114°	112°

	♂	♀
Índice cefálico	73,8	75,8
» vértico-longo	69,8	68,5
» » transverso	95,9	91,0
» transverso fronto-parietal	70,0	62,6
» orbitário	86,0	89,7
» nasal	42,1	46,4
» do buraco occipital	81,6	87,8
» facial superior	48,9	55,8
» do palatino	92,5	92,3

e nos ossos longos esquerdos:

Úmero

Comprimento máximo	330 mm	284 mm
» fisiológico	326 »	281 »
Diâmetro máximo ao meio da diáfise	30 »	20 »
» mínimo » » » »	25 »	16 »
» sagital da epífise superior	52 »	39 »
» transverso da epífise superior	55 »	37 »
Perímetro mínimo	81 »	56 »
Índice de robustez	24,5	19,7
» da cabeça	105,7	94,4
» do meio da diáfise	83,3	80,0

Rádio

Comprimento máximo	251 mm	218 mm
» fisiológico	242 »	210 »
Diâmetro sagital	13 »	10 »
» transverso	52 »	39 »
Índice de robustez	21,0	18,5
» da secção ao meio da diáfise	68,4	83,3

Cúbito

Comprimento máximo	269 mm	248 mm
» fisiológico	245 »	218 »

	♂	♀
Diâmetro sagital ao meio da diáfise	15 mm	10 mm
» transverso ao meio da diáfise	20 »	14 »
Perímetro mínimo	49 »	36 »
Índice de robustez	21,4	18,5

Fémur

Comprimento máximo	472 mm	400 mm
» em posição	469 »	397 »
Diâmetro sagital ao meio da diáfise	32 »	22 »
» transverso ao meio da diáfise	29 »	24 »
» sagital sub-trocanteriano	31 »	30 »
» transverso trocanteriano	37 »	23 »
Perímetro ao meio da diáfise	100 »	82 »
Índice de robustez	21,3	20,6
» » platimeria	83,7	76,6
» da secção ao meio da diáfise	90,6	91,6

Tíbia

Comprimento máximo	393 mm	346 mm
» fisiológico	347 »	328 »
Diâmetro sagital ao meio da diáfise	33 »	23 »
» transverso ao meio da diáfise	26 »	22 »
Perímetro mínimo	85 »	67 »
Índice de robustez	25,4	20,4
» da secção ao meio da diáfise	78,7	95,6

Peróneo

Comprimento máximo	380 mm	336 mm
Diâmetro máximo ao meio da diáfise	19 »	14 »
» mínimo » » » »	14 »	10 »
Perímetro mínimo	63 »	38 »
Índice de robustez	14,0	11,3
» da secção ao meio da diáfise	73,6	71,4
Capacidade craniana	1.783,4 cc	1.347,2 cc
Estatuta calculada	170,0 cm	55,9 cm

As dimensões da caixa craniana, no indivíduo masculino, excedem as do tipo médio do português; com efeito os três diâmetros ortogonais ultrapassam as médias calculadas para os Portugueses (1). Em algumas das outras medidas, também, há valores superiores às médias, como se verifica, por exemplo, no frontal, o que denota, no crânio estudado, uma frente muito ampla. O diâmetro bizigomático é superior à média, e mais notável é esse carácter, devido à pequena altura da face.

O crânio feminino é, em todas as suas características métricas, mais concordante com o tipo médio do português feminino.

Pela análise dos índices vemos que, quanto ao cefálico, tanto o masculino como o feminino se aproximam dos valores calculados por A. Basto (3), mas aquele ultrapassa na dolicocefalia a média dos Portugueses. No vertical são inferiores e no facial superior coincide com os valores de Barros e Cunha, E. Tamagnini (4) e A. Ataíde (5) o feminino, sendo o masculino inferior (eurieno). Este é baixo relativamente ao comprimento (cameocéfalo), enquanto que o Português é ortocéfalo, isto é, o crânio estudado tem uma menor proporcionalidade entre o comprimento e a altura. Embora o índice facial total não fosse determinado, devido à dificuldade de avaliar a altura facial total no esqueleto, a simples inspecção revela-nos uma mesoprosopia nítida, ao contrário da leptoprosopia característica dos Portugueses.

(1) Ferraz de Macedo — *Crime et Criminel* — Lisboa.

(2) Mendes Corrêa — *Os Povos Primitivos da Lusitânia* — Porto, 1924.

(3) Álvaro Basto — *Índices cefálicos dos portugueses* — «Instituto», Coimbra, 1897.

(4) Barros e Cunha — *O índice facial superior nos portugueses* — «Rev. da Fac. de Ciências de Coimbra», Coimbra, 1914; Eusébio Tamagnini — *Idem*, «Revista da Faculdade de Ciências», vol. III, Coimbra, 1933.

(5) Alfredo Ataíde — *Sobre algumas correlações faciais* — «Trabalhos da Soc. Portug. de Antr. e Etn.», I, Porto, 1920.

Quanto ao índice nasal o valor encontrado é inferior à média de M. de Melo (1) no masculino; coincidente no feminino. O índice orbitário concorda com as médias calculadas para os Portugueses.

O valor do ângulo de Francfort, muito elevado no crânio masculino, coloca este entre os de maior ortognatismo da Europa: Felismino Gomes (2) determinou 86°,35 e 86°,15 para os Portugueses masculinos e femininos respectivamente.

Em suma o crânio masculino é: *dolicocéfalo, cameocéfalo, metriocéfalo, eurimetópico, hipsicônquico leptorrino, eurieno*; o feminino é: *mesocéfalo, cameocéfalo, tapeinocéfalo, estenometópico, hipsicônquico, leptorrino e lepteno*.

O crânio masculino, excluindo a acentuada eurienia que lhe dá uma certa desarmonia crânio-facial, aproxima-se do tipo médio do Português actual; o contorno quase ovóide e também o ortognatismo elevado assim como a alta capacidade craniana conferem-lhe lugar bem marcado entre o tipo português do norte (3). O crânio feminino, além duma leve tendência para a mesaticefalia, não apresenta características especiais.

No esqueleto dos membros o comprimento dos ossos longos masculinos ultrapassa as médias do Português (4), coincidindo, em geral, no feminino.

Analisando os valores encontrados verifica-se que o esqueleto masculino apresenta uma grande robustez e alta estatura; esta

(1) Mascarenhas de Melo — *O índice nasal dos portugueses* — «Instituto». Coimbra, 1901.

(2) Felismino Gomes — *O prognatismo dos Portugueses* — Coimbra, 1914.

(3) Mendes Corrêa — *Os Povos Primitivos da Lusitânia* — Porto, 1924.

(4) Id. — *Osteometria portuguesa* — «Anais da Fac. de Ciênc. do Porto», Porto, 1918 e segs.; Id. *Estatutura e índice cefálico em Portugal* — «Arq. da Rep. de Antrop. Crim. Psic. Exp. e Id. Civil do Porto», II, Vila do Conde, 1932.

calculada pelo método de Manouvrier (1), a partir dos ossos longos, dá para o masculino sensivelmente 1,70 m., valor que ultrapassa a média do Português (2), e para o feminino cerca de 155,9 m. que se aproxima mais do tipo médio da mulher portuguesa.

*

O exame dos caracteres descritivos e métricos das ossadas estudadas leva-nos imediatamente à conclusão, como já notamos, de que estamos em presença de dois esqueletos de sexo diferente, pertencendo o masculino a um indivíduo robusto de estatura superior à média e dolicocefalia e cameoprosopia acentuadas, o que revela uma desarmonia crânio-facial notável. Além disso apresenta um elevado ângulo facial de Francfort e uma alta capacidade craniana.

A existência destas características leva-nos a colocar o exemplar estudado entre os tipos cromagnonóides, o que, a confirmar-se, viria talvez apoiar a suposição, posta por nós no início desta nota, da existência de sangue nórdico na pessoa de João de Albuquerque. Com efeito o exemplar afasta-se do tipo médio do ibero-insular que representa a sub-raça dos Portugueses actuais.

Reveste-se aqui de uma importância excepcional a falta duma iconografia colorida de João de Albuquerque porque se a mesma existisse e nos revelasse a pigmentação clara dos cabelos e olhos, não teríamos receio de afirmar a sua origem nórdica. Sem esse elemento, unicamente podemos pôr a hipótese de tal identificação.

(1) R. Martin — *Lehrbuch der Anthropologie* — Jena, 1938.

(2) E. Tamagnini — *Sobre a distribuição geográfica de alguns caracteres fundamentais da população portuguesa actual* — «Revista da Fac. de Ciênc.», vol. II, Coimbra, 1932.

Com a ossada de indivíduo de sexo feminino, já outro tanto não acontece, pois pode-se bem enquadrar no tipo médio da ibero-insular.

Outra consequência curiosa do exame antropológico das ossadas é a confirmação das datas documentais que indicam a morte de João de Albuquerque na provecta idade de, aproximadamente, 80 anos (1); na verdade, o grau avançado de sinostose das suturas e a ausência dos dentes, com os respectivos alvéolos totalmente reabsorvidos, confirmam a avançada idade do morto.

Também a inscrição epigráfica do túmulo dá a morte de D. Helena Pereira como ocorrida 15 anos antes da do marido (2). De facto, o aspecto que apresenta o esqueleto feminino, parece indicar que o corpo teria sido inumado em coval raso e, só mais tarde, colocado junto aos restos mortais de seu marido, em respeito, talvez, pelos desejos do destinatário do túmulo.

De facto o esqueleto feminino, como já fizemos notar, apresentava uma coloração escura, resultante, porventura, do contacto prolongado com as substâncias húmidas ou ferruginosas do solo onde teria sido primeiramente sepultado. Além disso, o maior estado de deterioração dos ossos e, também, o facto do crânio apresentar o temporal esquerdo e parte do esfenoideal destruídos, indica que esse esqueleto sofreu um maior número de andanças que o masculino, o que ocasionaria a sua fragmentação actual.

Centro de Estudos de Etnologia Peninsular
(Instituto de Antropologia da Faculdade
de Ciências do Porto). 1946.

(1) Cordeiro de Sousa — *Obr. cit.*

(2) *Idem — idem.*



Norma anterior



Norma vertical



Norma lateral

Crânio de João de Albuquerque



Norma anterior



Norma lateral

Crânio de D. Helena Pereira

Tabelas de apreciação de alguns caracteres descritivos em Antropologia

POR

SANTOS JÚNIOR

Prof. Ext. da Faculdade de Ciências do Porto
Chefe da Missão Antropológica de Moçambique

Os caracteres descritivos, como o próprio nome indica, são os caracteres expressos de maneira mais ou menos exacta pelo simples emprego de palavras, isto é, por meio de qualificativos ou descrições.

Como é sobejamente conhecido em Antropologia, aos caracteres descritivos contrapõem-se os caracteres susceptíveis de mensuração, os quais, conseqüentemente, podem ser representados por valores numéricos. Estes são os chamados caracteres merísticos, objecto da antropometria.

Há antropologistas, fortemente influenciados por tendências matemáticas, para os quais têm marcada preferência os dados antropométricos. Outros preferem utilizar os caracteres descritivos.

Seria descabido desfiar considerações sobre qual dos dois critérios é o melhor. Ambos prestam excelentes serviços à Antropologia. É do estudo conveniente de uns e outros caracteres, da sua apreciação concomitante, que derivam os resultados mais frutuozos.

Os dois critérios são legítimos. As suas vantagens dependem, consoante os casos, do modo dos respectivos emprego e utilização, sem exclusivismos nem exageros.

Ora nem sempre tem deixado de existir tais exclusivismos e exageros, mesmo até para o estudo dos problemas gerais.

Certas escolas imprimiram um extraordinário incremento aos processos matemático-gráficos, aos métodos estatísticos, desenvolvendo muito a chamada Biometria, que, em certos aspectos, atingiu por vezes um grau superlativo de minuciosidade, desnecessária por improfícua. Assim sucede, por exemplo, com a fórmula proposta por Pearson (1) e utilizada por Morant (2) para a apreciação do maior ou menor grau de parentesco etnológico.

Esta fórmula, aplicada a duas séries, conduzia a um número, o coeficiente de similitude racial (coefficient of racial likeness), que se pretendia viesse a exprimir o maior ou menor grau de parentesco racial dos indivíduos das duas séries consideradas.

As reservas postas à prodigiosa fórmula pelos próprios dois citados autores, diz Montandon, «sont suffisantes pour rendre le sang-froid à qui aurait été ébloui au premier instant par la formule magique» (3).

Os que dão preferência aos caracteres descritivos, não deixam de trazer a campo argumentos de vária ordem tendentes a defender o seu método.

Montandon, ao criticar os exageros das escolas biométricas, escreve (4): «Pearson se perd en considérations philosophiques dans sa *Grammar of Science* et en cascades de formules dans ses mémoires spéciaux, Niceforo n'a qu'une page sur vingt qui con-

(1) Karl Pearson, *On the coefficient of racial likeness*, in «*Biometrika*», t. 18, fasc. 1-2, Londres, 1926, págs. 105-117. (Apud Montandon, *L'Ologenèse Humaine*, Paris, 1928).

(2) G. M. Morant, *A first study of the tibetan skull*, in «*Biometrika*», t. 14, fasc. 3-4, págs. 193 a 260, Londres, 1923. (Apud Montandon, *L'Ologenèse Humaine*, Paris, 1928).

(3) George Montandon, *op. cit.*, pág. 144.

(4) *Ibid.*, pág. 152.

vienne à l'anthropologiste, Davenport n'est qu'un *vade-mecum* contenant d'ailleurs de l'inutile. Même R. Martin (1) donne trop, sans explications suffisantes ou en expliquant avec trop de formules ».

Montandon (pág. 153), prossequindo na análise crítica do emprego do desvio padrão em vez do simples desvio médio, diz a propósito do primeiro: « Ne se laissant justifier ni mathématiquement, ni « philosophiquement », cette utilisation doit être considérée comme l'expression d'une volonté d'ésotérisme qui tiendra éloignés des méthodes biométriques ceux pour lesquels le coup d'oeil et le bon sens n'ont pas encore perdu leurs droits ».

Se é certo que houve exageros da parte das escolas biométricas, é necessário, porém, não exagerar o seu ataque, em extremismos apaixonados.

É justo reconhecer, serenamente, o que a Biometria tem de bom, e é muito. Também não devemos esquecer que mesmo aquilo que alguns proclamam como excessivo, deve ser considerado como um desejo louvável de reduzir à insofismável valia dos números, ou à síntese luminosa duma fórmula matemática, os complexos aspectos da somatologia humana.

A Biometria deve ser apreciada como uma tendência meritória no sentido apontado, tendência que infelizmente está longe de significar, em resultados concretos, aquilo que alguns dos seus apaixonados defensores apregoaram.

De modo algum se pode, entretanto, menosprezar o mérito duma justa observação directa, pelos muitos esclarecimentos que ela nos pode fornecer.

Nem sempre, porém, é fácil sistematizar, de forma bem concreta, aquilo que nos leva, após uma observação cuidada, a fazer suposições neste ou naquele sentido.

(1) R. Martin, *Lehrbuch der Anthropologie*, 2.^a ed. Jena, 1928, 3 vols. com 1.816 págs.

Relatarei, a propósito, um caso passado comigo em Tete, quando em 1936, durante a 1.^a campanha dos meus trabalhos de Antropologia em Moçambique, ali estudei os Nhúngüès.

Durante dias e dias, sozinho, tendo apenas como auxiliar escrevente o Chefe da Polícia Sr. Luís dos Santos, observei caracteres descritivos e tirei medidas a 46 mulheres e 120 homens da mencionada tribo.

Esclarecerei que a concentração dos indígenas a observar e medir era feita tendo em vista a sua pureza tribal até à 2.^a geração, isto é, só eram aproveitados os que fossem filhos e netos de pais e avós Nhúngüès. Era uma tentativa de selecção.

Em determinado dia em que eu não fizera o costumado inquérito de reverificação da pureza tribal, por a selecção ter sido já realizada por um branco há muito guarda da polícia de Tete e tido como um funcionário cuidadoso, passou-se o seguinte facto:

Estava eu a observar e a medir um preto, ao mesmo tempo que ia ditando ao meu excelente colaborador e amigo Sr. Luís dos Santos os resultados das observações e medidas, quando, em dada altura, quase no fim da colheita dos caracteres descritivos, fiz este reparo ao meu auxiliar escrevente:

— Não sei porquê este preto não me parece Nhúngüè.

Contestou o meu amigo que essa minha opinião não tinha razão de ser, visto que o chamamento dos pretos para aquele dia havia sido feito por um dos guardas brancos em quem depositava plena confiança e a quem recomendara, como sempre, que só aproveitasse aqueles que fossem não só filhos de pais Nhúngüès mas cujos avós, quer paternos quer maternos, fossem também desta tribo.

Abalado por estas razões prossegui no exame dos caracteres descritivos do indivíduo em estudo. Quando ia já, talvez, a meio das 62 medidas que colhia em cada um, parei e disse resolutamente:

— Este preto não é Nhúngüè puro.

Queria referir-me à pureza étnica até à 2.^a geração.

O meu auxiliar escrevente e valioso colaborador tornou a defender o seu parecer, fortalecido pelos anos de convívio que tinha com os Nhúngüès de Tete.

Não me convenci então e tratei de inquirir do indígena a natureza da tribo do pai e da mãe.

Resposta: — Nhúngüès, senhor.

As perguntas sucederam-se.

— E o pai do teu pai?

— Nhúngüè, senhor.

— E a mãe do teu pai?

— Nhúngüè, senhor.

O Sr. Luís dos Santos ia anotando as respostas favoráveis ao seu ponto de vista.

Prosegui no inquérito e vim, afinal, a averiguar que a avó materna era Tauara, embora o avô materno fosse também Nhúngüè.

Depois desta averiguação pode concluir-se que havia qualquer coisa naquele negro que me levava a desconfiar de que se não tratava dum Nhúngüè puro.

Mas o quê? Proporções do corpo? Esta ou aquela particularidade facial ou cefálica? Características da pele ou do cabelo? Grau de prognatismo ou especial configuração nasal?

Muito sinceramente declaro que, tendo depois insistido demoradamente na observação daquele indivíduo, não consegui precisar o que me levava a descobrir a existência de sangue tauara nos respectivos ascendentes.

Havia, sim, qualquer coisa que se acentuava à medida que mais apurava a observação, afastando aquele indígena do cânion Nhúngüè, que eu delineara no meu espírito após 8 ou 10 dias de estudo daquela tribo, período durante o qual observara e medira já perto de uma centena de casos.

Essa «qualquer coisa» foi por mim apreendida durante o exame dos caracteres descritivos. Posteriormente fiz o estudo cuidadoso das medidas que tirei, comparando-as com as dos outros Nhúngüès até então observados. Pois tal estudo nada me dizia, por os números achados não mostrarem qualquer afastamento significativo (ao menos assim me pareceu) dos das medidas dos outros Nhúngüès.

Essa «qualquer coisa» distintiva daquele exemplar, entra-me pelos olhos. Não fora resultante das medidas tiradas. É bom, no entanto, não esquecer que também se mede com os olhos. As proporções, em que interferem várias medidas, apreciam-se olhando atentamente. Educar as qualidades de observação é instante preocupação em Ciências Naturais.

Depois do caso passado com aquele preto de Tete que, dado como Nhúngüè puro, apurei ter mistura de sangue tauara (por mais que insistisse nada consegui saber das tribos dos bisavós), os caracteres descritivos surgiram de maior importância ao meu espírito, sem, no entanto, haver qualquer menosprezo pelos caracteres merísticos.

Manuila, Sauter e Vestemeanu, num belo trabalho sobre correlações dos grupos sanguíneos e de caracteres morfológicos ⁽¹⁾, escrevem a pág. 11:— «si, des diverses tentatives de classification des races humaines, nous prenons l'une des plus solides et la plus récente, celle de Biasutti ⁽²⁾ nous découvrons que, sous

(1) Al. Manuila, M.-R. Sauter, M. Vestemeanu, *Étude de 16.685 corrélações entre le groupe sanguin et d'autres caractères morphologiques examinés en Europe Orientale*, trabalho do Institut d'Anthropologie de l'Université de Genève, publicado como anexo aos «Archives Suisses d'Anthropologie Générale», Genève, 1945, 65 págs.

(2) R. Biasutti, *Le Razze e i Popoli della Terra*, vol. 1, *Razze, popoli e culture — Europa*, Torino, 1941, 326 págs.

l'apparente rigidité des termes, l'auteur n'a pas pu — et n'a pas voulu — donner trop d'importance aux données exactes. Comme il le dit lui-même»: «È anche da tener presente che molti caratteri somatici sembrano essere legati da fenomeni di correlazione: il che può facilitare il loro aggruppamento ai fini di una classificazione dei tipi umani. Ma è bene soprattutto ricordare che la identificazione dei tipi razziali si basa essenzialmente su fatti di morfologia che sfuggono in gran parte alla misurazione, e che una classificazione delle varietà umane può esser condotta ancora senza alcun sussidio di cifre in base cioè a elementi puramente descrittivi» (1).

Isto deve estimular-nos a tentar descobrir, para cada agrupamento, quais os caracteres descritivos, não apenas mais patentes, mas sobretudo mais expressivos, capazes de, por si sós, se tal for possível, ou, mesmo, em associação com os caracteres merísticos mais salientes, nos permitirem uma averiguação segura, e tão rápida quanto possível, da filiação nesse agrupamento de determinado indivíduo onde tais caracteres existam.

Tudo quanto se fizer no sentido de facilitar e precisar o exame e a comparação dos caracteres descritivos constitui, pois, tarefa meritória. E assim é que nesse propósito os antropologistas têm organizado tabelas em que figuram desenhados um certo número de esquemas tipos, considerados como padrões.

O propósito é louvável, mas, como veremos, nem sempre tem sido possível atingi-lo eficientemente.

Trabalhei com algumas dessas tabelas ao estudar os pretos de Moçambique. A elas me referi em rápida análise crítica no

(1) R. Biasutti, *Le Razze e i Popoli della Terra*, vol. 1, pág. 241. Torino, 1941.

meu livro sobre Antropologia de algumas tribos do distrito de Tete (1).

Posteriormente, nas campanhas antropológicas de 1945 e 1946, que fiz nas províncias de Manica e Sofala, do Niassa e da Zambézia, continuei a trabalhar com essas tabelas, algumas já com alterações que lhe introduzi (2).

O presente trabalho é o resultado das tentativas de ajuste das referidas tabelas à observação e registo dos respectivos caracteres descritivos nos negros de Moçambique. Num ou noutro caso procurei imprimir-lhe carácter de maior generalização. Prossegurei nas campanhas futuras.

(1) Santos Júnior, *Contribuição para o estudo da Antropologia de Moçambique — Algumas tribos do distrito de Tete*, Porto, 1944, 416 págs., 204 figs. e 12 tab. fora do texto.

(2) Santos Júnior, *op. cit.*, págs. 48 e 51.

Forma do cabelo

Para apreciar a forma do cabelo utiliza-se correntemente a tabela de Martin (Fig. 1); utilizei-a também nos meus trabalhos em África.

Encontrei alguns tipos de carapinha que se afastavam nitidamente dos desta tabela, insuficiente para a apreciação do cabelo dos negros.

O primeiro reparo que se lhe pode fazer é o seguinte:

Para os cabelos longos, mais ou menos lisos, ondulados, encaracolados, ou frisados, há 7 esquemas, enquanto que para os cabelos curtos em tipo de carapinha há apenas 4. Esta desigualdade resulta, seguramente, de o autor da escala a ter feito partindo sobretudo do estudo da cabeleira dos europeus.

Afigura-se-me conveniente que para os negros se organizasse uma tabela especial e se assentasse num determinado número de princípios a seguir na apreciação daquele carácter.

Como é sobejamente conhecido, o aspecto que nos oferece a cabeleira dos negros varia, algum tanto, com o tamanho de cabelo, com o facto de este se encontrar seco ou molhado, e, ainda, com o modo e frequência com que é penteado; isto não falando dos múltiplos ingredientes, mais ou menos gordurosos, com que, em muitas regiões, os pretos besuntam as cabeças, e menos ainda nas chapadas de barro afeiçoadas de vários modos,

nomeadamente em bagas oblongas, que, depois de secas, constituem uma protecção argilosa e dura em forma de boné (1).

Neste caso é impossível averiguar da conformação e arranjo do cabelo, aglutinado e recoberto pelo barro seco.

Mas mesmo quando as carapinhas não são untadas com qualquer ingrediente e se nos apresentam em condições naturais, cabe perguntar: Onde deve incidir especialmente o exame? ou, melhor, qual a região que deve ser tomada como base desse exame? A parte superior da cabeça, vista em norma vertical, ou os lados da mesma quando observada em norma lateral ou occipital?

É frequente aparecerem carapinhas que na parte alta da cabeça nos mostram um aspecto lanoso contínuo (H ou I da tabela de Martin) e nas regiões laterais tufoz mais ou menos isolados (K ou L da mesma tabela) por vezes até quase em típicos grãos de pimenta. Esta diversidade de aspecto talvez advenha, em parte, da maneira como é cortado o cabelo.

Podíamos adoptar o critério da predominância, e assim, quando a configuração da carapinha, das regiões temporais, parietais e occipital se estender para o alto da cabeça, de tal modo que, embora existindo ali arranjo piloso de configuração diferente, o seja numa área restrita, o tipo de cabeleira a anotar será o das regiões laterais.

(1) Fernando Mouta, *Etnografia Angolana (Subsídios)*, África Ocidental Portuguesa (Malange e Lunda), Lisboa, 1933, 10 págs. e 40 Est. Neste esplêndido álbum, publicado pela 1.ª Exposição Colonial Portuguesa realizada no Porto em 1934, podem ver-se algumas fotografias de carapinhas afeiçoadas com argila. O cabelo destas carapinhas, diz o autor na pág. 6, começa por ser dividido em pequeninas tranças, sendo estas depois engrossadas, uma a uma, por uma pasta argilosa vermelha, preparada com «tacula» (*Pterocarpus tinctorius*, Welw), tomando o aspecto de bagas.

Se, porém, o lanoso contínuo da calote se estende para os

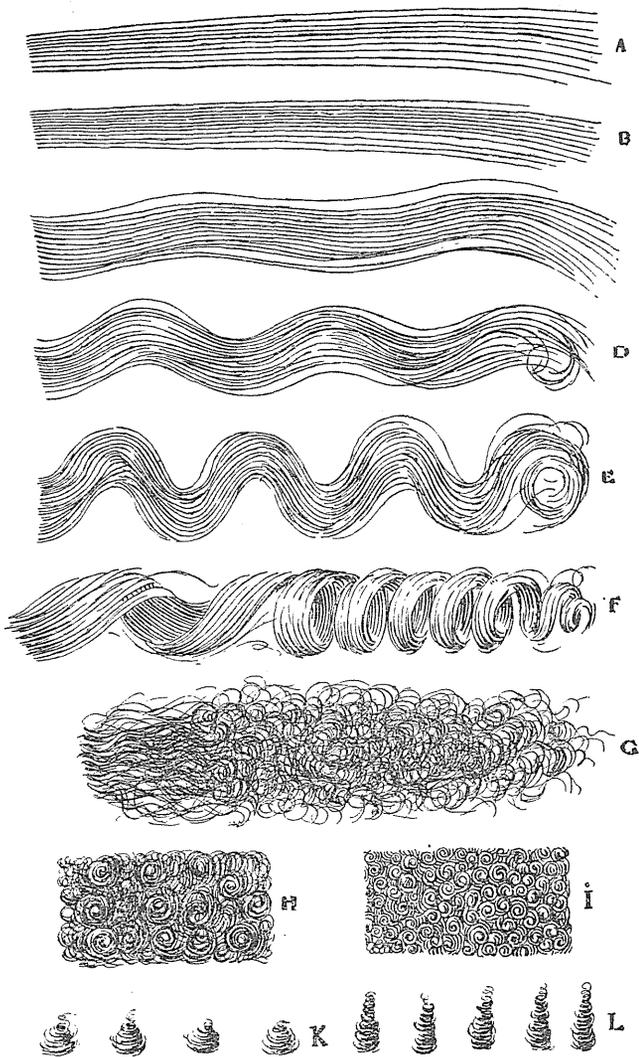


Fig. 1 — Tabela de Martin, para a forma geral dos cabelos.

lados e para trás, será este o tipo dominante e, como tal, o registado.

Por vezes as dificuldades são manifestas.

Parece, pois, que o melhor será registar os dois aspectos, quando haja acentuada diversidade. Assim diríamos, por exemplo: parte alta da calote com cabelo lanoso contínuo, tipo eriócomo (H da tabela de Martin); parte lateral da cabeça com cabelo em tufos ou glomérulos isolados, tipo lofócomo (K ou L da tabela de Martin).

De qualquer modo é necessário rever a tabela, a qual, como disse, tem 7 tipos para os cabelos das raças leucodérmicas e xantodérmicas e apenas 4 tipos para as raças melanodérmicas, nas quais o grau de variação do aspecto piloso é talvez maior do que nas raças brancas.

A dificuldade está na escolha conveniente dos respectivos padrões. Uma tarefa de tal natureza só pode ser devidamente realizada depois de largas, cuidadosas e pormenorizadas observações, feitas por vários observadores.

Os novos tipos que apresento, como acréscimo à tabela de Martin, constituem apenas uma singela e primeira contribuição para a organização duma nova tabela geral, ou, pelo menos, de uma tabela para as raças melanodérmicas (fig. 2).

Dos 4 esquemas da figura o superior esquerdo mostra o seguinte arranjo capilar: os cabelos reúnem-se espontâneamente em tufos ou glomérulos algum tanto volumosos, isolados e mais ou menos deitados. A sua distribuição faz-se à maneira de ilhotas, cada uma delas constituída por um único glomérulo oblongo.

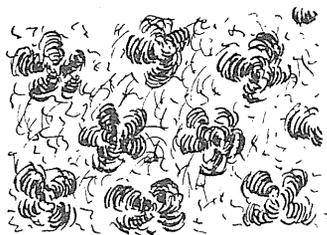
Este arranjo pode lembrar à primeira vista o tipo lofócomo ou em grãos de pimenta. Neste, porém, os tufos são mais pequenos por mais retorcidos e, além disso, crescem a direito, isto é, o eixo do tufo é aprumado e não inclinado ou deitado como no tipo que acabamos de descrever e a que podemos cha-

mar *diulótrico*, de *di(a)*, separação + *oulos*, tufo + *thrix*, *thricos*, cabelo (1).

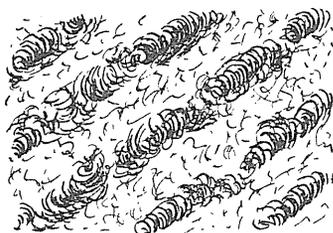
No esquema superior direito a distribuição do cabelo faz-se também às ilhotas, separadas umas das outras por espaços com alguns cabelos curtos e apenas arqueados.



diulótrico



sinulótrico



ortulótrico



camptótrico

Fig. 2 — Tipos de carapinhas de negros de Moçambique.

Aqui, porém, cada ilhota resulta do ajuntamento de um certo número de glomérulos, cada um deles muito mais pequeno que os tufoes ou glomérulos do tipo anterior, e, em regra, com os

(1) Ao ilustre professor e distinto filólogo Prof. Doutor Francisco Torrinha devo a gentileza amiga de, a uma consulta que lhe fiz sobre o assunto, ter criado os 4 vocábulos com que designo os tipos de arranjo capilar desenhados na fig. 2 e que são, respectivamente, diulótrico, sinulótrico, ortulótrico e camptótrico. Aqui lhe deixo o testemunho do meu reconhecido agradecimento.

eixos convergentes. A este tipo chamarei *sinulótrico* (do grego *sin*, ajuntamento + *oulos* + *thricos*).

No esquema imediato, inferior esquerdo, os glomérulos ou tufolembram os do tipo diulótrico, mas o seu arranjo é agora às fiadas ou linhas mais ou menos rectas. A designação deste tipo podia ser *eutiolótrico*, do grego *euthy*, em linha recta, ou *ortulótrico*, do grego *orthos*, que também significa em linha recta.

Segundo opinião do notável dicionarista e antigo ilustre Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Doutor Francisco Torrinha, deve preferir-se o segundo, por ser mais corrente o emprego da raiz *orthos*.

No último dos quatro tipos os cabelos são apenas arqueados não chegando a enrodilhar-se uns nos outros. Designá-los-emos *camptótrico* (de *kamptos*, encurvado + *thrix*, *thricos*, cabelo).

A estes desenhos esquemáticos é bem possível que outros se venham juntar, de molde a poder organizar-se um mais completo quadro de esquemas tipos ou padrões, que permitam a classificação segura das diferentes variedades de cabeleiras das raças melanodérmicas.

Configuração geral do rosto ou contorno facial

Nas 4 campanhas realizadas em Moçambique, a face dos negros foi por mim estudada no seu aspecto mais ou menos achatado ou saliente, no grau de saliência das maçãs do rosto, e na forma geral do seu contorno.

Este era apreciada por comparação com a tabela de Pösch (fig. 3).

Ao observar a forma geral do contorno facial, encontrei alguns tipos que não enquadravam com nenhum dos da tabela referida, e daí o ter necessidade de os desenhar (fig. 4).

O tipo 7^a corresponde a um contorno facial que à primeira vista se parece com o 7 da tabela de Pösch. Note-se, porém, que este é classificado como rômboico, enquanto que aquele é nitidamente pentagonal e, no entanto, bem diferente do seu homônimo da mesma tabela, ou seja do n.º 10.

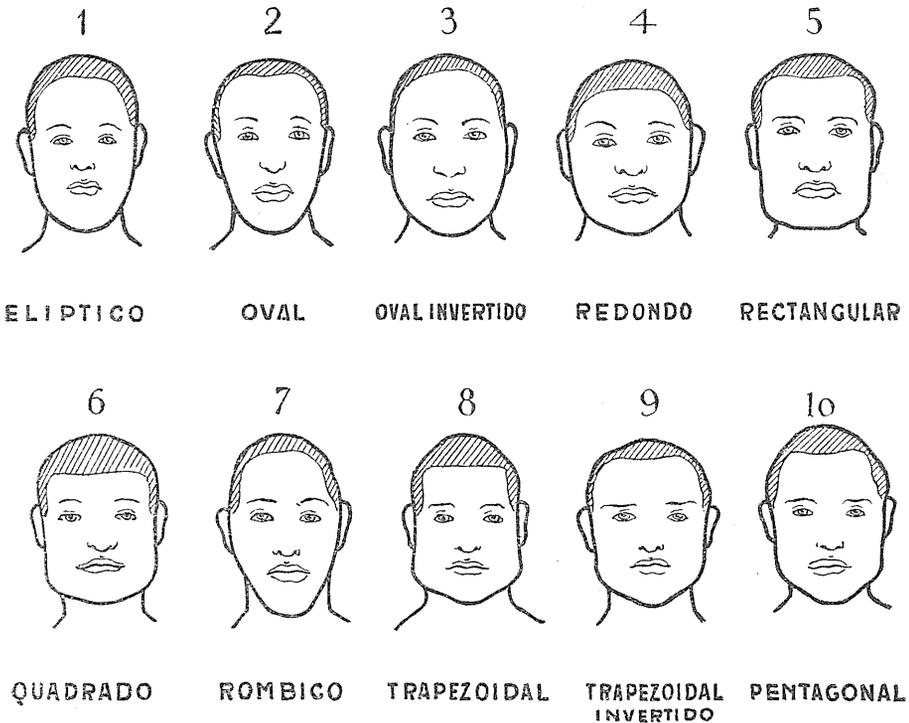


Fig. 3 — Tabela de Pösch para o estudo da configuração geral do rosto.

Neste mesmo esquema 7^a, se o queixo se espalma, se o indivíduo apresenta aquilo que em linguagem corrente se chama queixo quadrado, teremos uma configuração hexagonal que, apesar de tudo, talvez não deva constituir um novo tipo, dada a persistência da sua marcada similitude com o esquema 7^a desenhado na figura 4.

O esquema 8^a, no primeiro relance, aproxima-se do 2 da mesma figura da tabela de Pöch. Verifica-se, porém, que este é de tipo oval, enquanto que aquele é nitidamente pentagonal.

Nota-se ainda que o 7^a e o 8^a, apesar de serem ambos pentagonais, são bem diferentes.

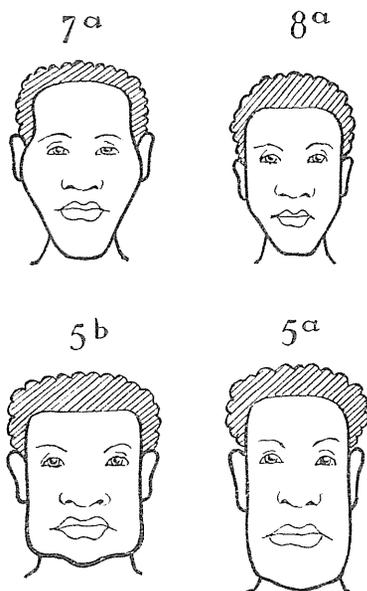


Fig. 4 — Tipos de contorno facial de negros de Moçambique.

Quer dizer: há casos em que, embora seja diferente o contorno, a similitude permanece; noutros casos, se bem que o polígono do contorno tenha o mesmo número de lados, ressaltam características que levam à criação de tipos diferentes.

O desenho do esquema 5^b comparado com o esquema 5 da tabela de Pöch, ambos rectangulares, mostra que basta uma pequena acentuação dos gónios e um maior desenvolvimento do queixo para que o contorno facial ganhe um novo aspecto, embora talvez não suficiente para a criação de um novo tipo.

Outro tanto não pode dizer-se do esquema 5^a. Este sendo um contorno facial nitidamente rectangular, a que poderíamos chamar, com propriedade, rectangular alto, parece poder constituir um novo tipo a juntar à tabela de Pöch.

Claro que não basta encontrar uma nova configuração de contorno facial, que por esta ou aquela circunstância se afasta dos desenhos da tabela, para que ela deva ser considerada como um novo tipo. Pode tratar-se de um caso esporádico de variação aberrante.

Mas, desde que esse novo tipo se observa repetidas vezes, parece que deverá figurar em nova tabela.

As considerações que expus mostram bem a manifesta dificuldade da representação esquemática e respectiva classificação, do contorno facial.

Não considero suficientes os elementos que possuo para propor a modificação da tabela de Pöch, por isso me limito a deixar indicadas algumas divergências flagrantes entre alguns casos observados e os tipos esquemáticos da referida tabela.

Nariz

O nariz é um órgão que, pela sua natureza e grau de variação, tem certo predomínio na morfologia facial, imprimindo-lhe, consoante a sua natureza, especial carácter. Daí a sua importância antropológica.

Se analisarmos o nariz visto de perfil nele temos de considerar: a raiz, porção juxta-frontal ou inter-ocular que pode ser alta, média ou achatada; o dorso; a ponta; o septo e o bordo das asas. Pondo de parte este último carácter, com os outros 4, ou sejam, raiz, dorso, ponta e septo, temos a linha do perfil nasal desde a região infraglabelar até ao ponto sub-nasal.

Se quisermos analisar em conjunto, e numa só tabela, esta linha de perfil nasal, as dificuldades são manifestas, pois é, por assim dizer, tentar resolver, a um tempo, uma equação de quatro incógnitas.

É uma das razões por que a tabela de Martin ⁽¹⁾ para o perfil do nariz é insuficiente, e toda e qualquer tabela para o perfil nasal encontrará sempre as mesmas dificuldades.

Eickstedt, ao tratar este mesmo assunto, adoptou o critério da simplificação. Este autor, no seu esplêndido livro *Rassenkunde und Rassengeschichte der Menschheit* ⁽²⁾, apresenta na fig. 266, as 5 formas do perfil nasal (fig. 5) que considera como as mais

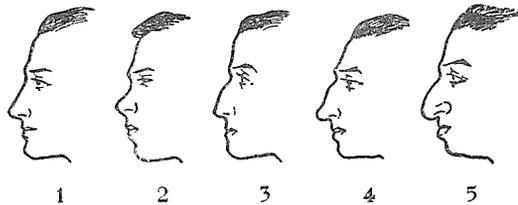


Fig. 5 — Esquemas da forma geral do perfil do nariz, segundo Eickstedt.

importantes. Como se vê apresenta-as desenhadas no conjunto global do perfil facial total.

Embora possa haver uma certa correlação entre os diferentes tipos de nariz e os vários tipos de testa, glabella, lábios e queixo, suponho que essa correlação não está ainda estabelecida. Daí a conveniência lógica e intuitiva de numa tabela dos perfis nasais figurar só o perfil que se pretende estudar.

⁽¹⁾ Martin, *Lehrbuch der Anthropologie*, cit., pág. 560, fig. 251.

⁽²⁾ Eickstedt, *Rassenkunde und Rassengeschichte der Menschheit*, Stuttgart, publicação iniciada em 1937 e ainda em curso. Até 1942 publicaram-se 1.512 págs.

Analisemos de per si cada um dos 4 elementos que constituem o perfil nasal total.

Raiz do nariz

A raiz do nariz pode apresentar grandes variedades de desenvolvimento desde a raiz alta, do nariz chamado em cavalete, até à raiz chata, própria, em regra, dos narizes pequenos e de perfil côncavo. Claro que entre os dois extremos há um estado intermediário de desenvolvimento, a raiz média. No entanto, na avaliação deste carácter, costuma-se, em antropologia, considerar os 4 casos de raízes, chata, achatada, alta e muito alta.

Tão expressivas são estas designações que tornam desnecessário o emprego de tabelas.

Dorso do nariz

Passando ao dorso do nariz veremos que o seu estudo analítico é simples, se abstrairmos dos outros caracteres da linha de perfil nasal.

Basta para isso que nos fixemos nos 4 tipos clássicos, a saber: rectilíneo, côncavo, convexo e sinuoso.

Isto afigura-se-nos mais expedito e, em certos pontos de vista, talvez fosse preferível à classificação pela tabela de Martin.

No entanto a objectividade dos esquemas tem tal valor demonstrativo que, dentro do possível, devem ser preferidos.

Aquelas 4 designações dão-nos imediatamente, por si mesmas, ideia concreta do dorso nasal; ao passo que o número da tabela de Martin obriga à consulta do desenho respectivo. Além disso, como este reproduz o perfil nasal total e não apenas o dorso, pode suceder os outros elementos pesarem de tal

modo no conjunto que o particular, que nos interessa, se dilua no todo.

O modo como o dorso e o septo influem na configuração geral do nariz pode avaliar-se pelos esquemas da figura 6, na

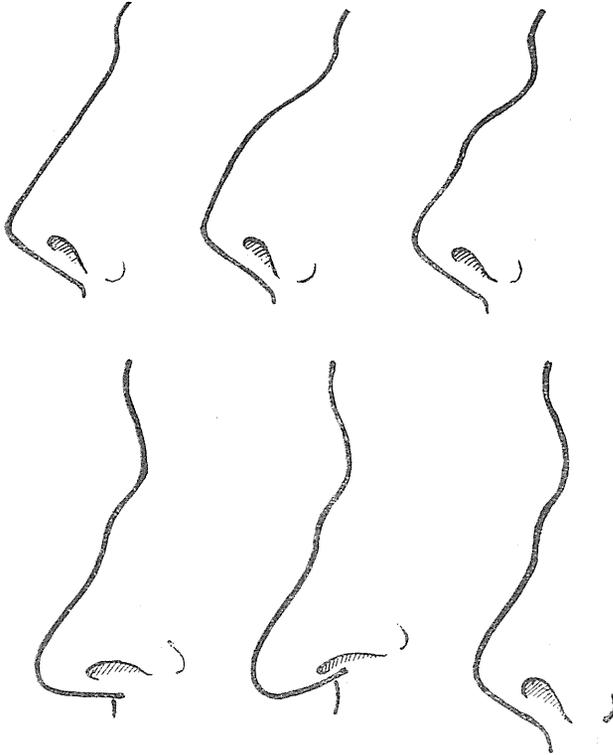


Fig. 6 — Esquemas de perfis nasais. Nos 3 de cima a linha do dorso é igual e diferentes os septos ; nos de baixo, dá-se o inverso.

qual desenhei em cima 3 narizes com o mesmo septo mas com perfis dorsais diferentes, e em baixo, pelo contrário, o dorso é o mesmo nos três e diverge a linha do septo.

Pelo que respeita à tabela de Martin, foi-me manifestamente insuficiente no estudo dos negros de Moçambique.

À mesma faltavam esquemas do dorso de perfil sinuoso e outros que tive de intercalar (fig. 7).

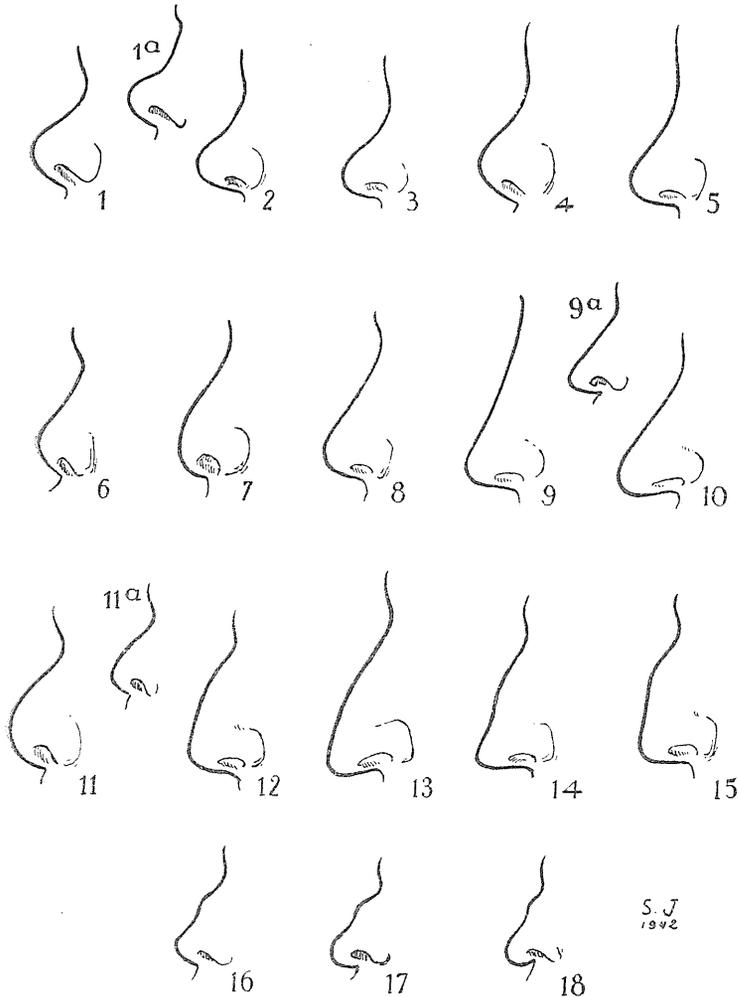


Fig. 7 — Tabela de Martin, para o estudo do nariz. Intercalei 3 esquemas e acrescentei outros 3, de 16 a 18.

Na apreciação destes esquemas que representam o perfil do dorso do nariz não podemos abstrair da ponta, das asas e do

septo, bem como da raiz, regiões que nos esquemas figuram como parte integrante dum todo.

E assim é que, para a apreciação singela do perfil do dorso do nariz, talvez fosse preferível, como disse, adoptar a classificação descritiva nos 4 tipos, rectilíneo, sinuoso, côncavo e convexo, em vez de seguir a comparação pelos esquemas da escala de Martin. Esta diz respeito não exclusivamente ao dorso, mas a todo o perfil nasal.

Ora para a apreciação de todo o perfil nasal os esquemas são de manifesta utilidade.

Adoptando, como base, a tabela de Martin, pareceu-me conveniente, num melhor ajuste dos factos analisados, organizar uma nova tabela que reproduzo na figura 8.

Claro que temos de evitar a pulverização dos tipos padrões, o que multiplicaria desmedida e desnecessariamente o número de desenhos.

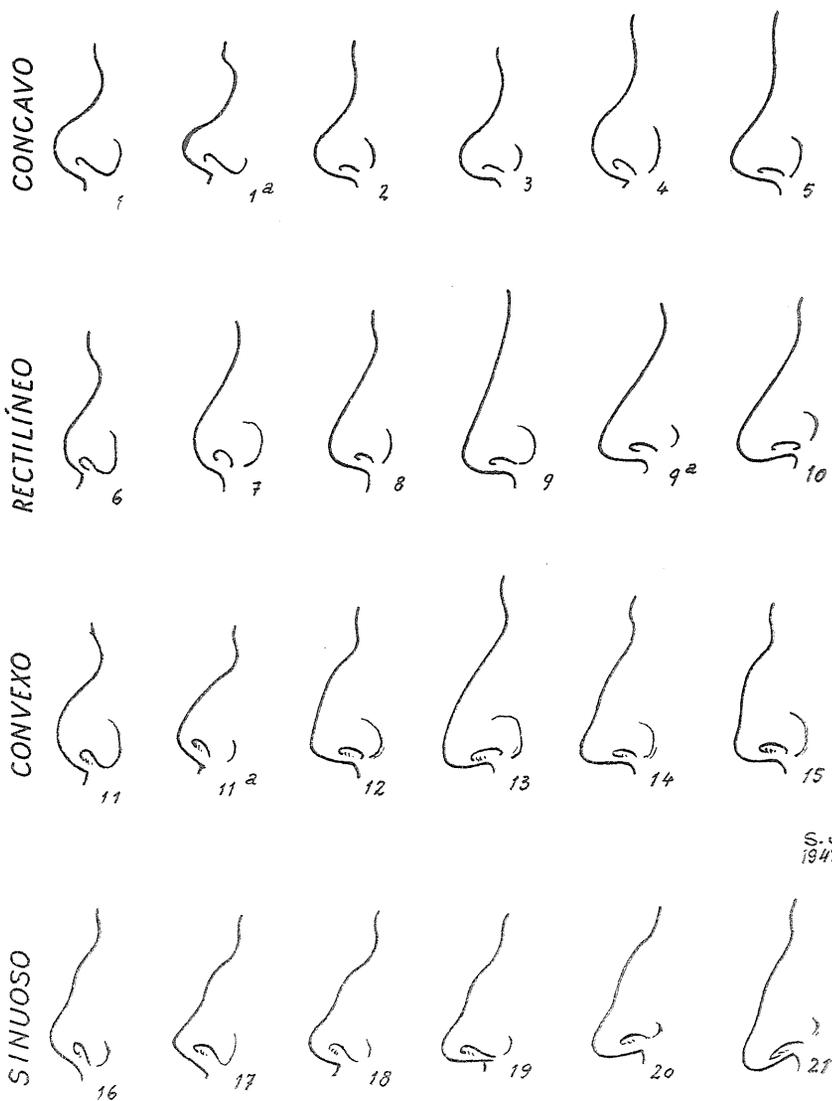
Procurei por isso apreender o grau de diversidade dos diferentes tipos da primitiva tabela de Martin e, sem ir além desse grau, introduzir novos esquemas que melhor satisfizessem, não só às necessidades da observação do perfil nasal nos negros de Moçambique, mas também ao estudo dos leucodérmicos metropolitanos.

É preciso não esquecer quanto de subjectivo pode haver na análise dos caracteres descritivos, mesmo até quando para isso dispomos de tabelas com tipos padrões. O sentido preciso da apreciação do delineamento geral deve existir naquele que observa dentro da justa medida, sem que o pormenor desnecessário venha sobrecarregar e complicar o que é fundamental.

A dificuldade na organização das tabelas dos caracteres descritivos está precisamente neste particular.

Dentro das naturais dificuldades de apreciação, em conjunto, dos 4 caracteres que coexistem no perfil nasal total, parece-me

PERFIL DO NARIZ



S. J.
1947

Fig. 8 — Tabela para o estudo do perfil nasal.

que a nova tabela da figura 8 oferece vantagens sobre a primitiva tabela de Martin.

Por disso estar convencido é que a organizei.

Igualmente estou convencido de que haja necessidade de lhe vir a adicionar novos tipos.

É de aconselhar que, na observação do nariz, independentemente da singela comparação com os esquemas da tabela, se façam desenhos do maior número possível de perfis nasais.

Assim fez Benkering (1), que, para ter uma ideia justa do perfil nasal da tribo dos Mentaweiers, de Sumatra, fez o seu desenho em 180 homens e em 22 mulheres, e assim tinha feito Basler (2), que, com a mesma finalidade, desenhou também alguns narizes de chineses.

Desde 1936, data da realização da 1.^a campanha da Missão Antropológica de Moçambique, em cada uma das quatro campanhas até agora realizadas, tenho feito o desenho de perfis nasais em algumas dezenas de negros, dentre os vários milhares que me foi dado ver e estudar. Ver Ests. VII a XVII.

Ponta do nariz

No que respeita à ponta do nariz, Weninger propôs uma tabela com estes 4 tipos: achatado, arredondado, em ângulo, e arredondado em ângulo.

Ao examinar este carácter nos negros de Moçambique encontrei muitos casos que não enquadravam com os tipos referidos.

(1) J. A. van Benkering, *Bijdrage tot de Anthropologie der Mentaweiers*, in «voorheen Kolonial Instituut», Amsterdam, 1947, pág. 118.

(2) Adolf Basler, *Die Nasenform bei Chinesen*, in «Zeitschr. F. Morph. u. Anthropol.», Bnd 3, págs. 559-563, Stuttgart, 1932 (apud Benkering *cit.*).

Acrescentei mais um, que, na figura 9, vai indicado com o n.º 2ª.

A tabela assim constituída pelos 5 tipos, achatado, arre-

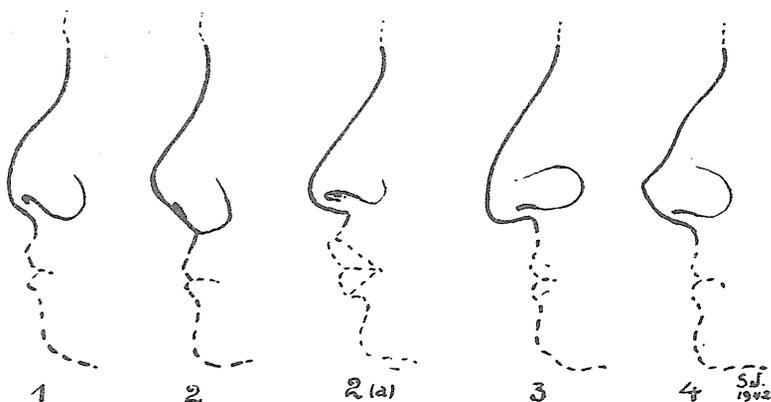


Fig. 9 — Tabela para apreciação da ponta do nariz.

dondado para cima, arredondado na horizontal, arredondado para baixo, e em ângulo, satisfizes plenamente às minhas observações.

Septo do nariz

O septo pode ser: levantado (nariz arrebitado), horizontal, e abaixado (nariz adunco).

O grau de levantamento ou abaixamento do septo pode ser variável; isso mesmo está posto em realce na tabela de Martin (fig. 7) onde os narizes de dorso côncavo são todos de septo levantado, embora em diferente grau, como os esquemas bem mostram.

Para o exame geral do perfil nasal bastará porém considerar os 3 casos de: levantamento, horizontalidade, e abaixamento, que dispensam o emprego de tabela.

Perfil nasal total

Pelo que fica dito, temos para a raiz, dorso, ponta e septo, ou seja para a linha do perfil nasal, um total de 16 variações.

Se quisermos representar em desenho todos os casos possíveis de associação ou combinação das referidas variações, obteríamos um grande número de esquemas.

Como disse, tive necessidade de intercalar alguns novos tipos à tabela de Martin. Se, apesar de tudo, quisermos adoptar essa tabela para o perfil nasal, — e em meu entender ela pode ser adoptada —, temos necessidade de a enriquecer com o total de, pelo menos, 24 esquemas, sendo respectivamente 6 para cada um dos 4 tipos da forma do dorso, ou sejam, 6 côncavos, 6 rectilíneos, 6 convexos e 6 sinuosos.

Designando por algarismos cada uma das variações morfológicas das 4 zonas ou regiões do perfil nasal no plano sagital, a saber: raiz, dorso, ponta e septo, podemos expressar o seu conjunto por um número de quatro algarismos, ou, melhor, por 4 algarismos separados por vírgulas, que revelam as variações dessas 4 zonas.

Assim, por exemplo, podemos representar a raiz chata, achatada, alta, e muito alta, pelos algarismos 1, 2, 3 e 4; o perfil do dorso rectilíneo, côncavo, convexo, e sinuoso, pelos algarismos 1, 2, 3 e 4; a ponta achatada, arredondada para cima, arredondada na horizontal, arredondada para baixo, e aguçada ou em ângulo, respectivamente por 1, 2, 2^a, 3 e 4; e o septo levantado, horizontal, ou abaixado, por 1, 2 e 3.

O perfil do nariz segundo o plano sagital poderá então ser apreciado por qualquer das seguintes expressões numéricas: 1, 1, 1, 1; 1, 2, 1, 2; 2, 3, 1, 3; ou outras semelhantes.

Adoptando este critério, o nariz dos Nhúngüès seria do tipo 2, 1, 2, 1.

Claro que, se dissermos que um nariz é de raiz achatada, dorso rectilíneo, ponta arredondada para cima e septo levantado, temos uma imediata e bastante perfeita ideia do perfil nasal no plano sagital.

No entanto, a expressão 2, 1, 2, 1, que representa um tal nariz, embora, por si só e para cada um dos indivíduos, seja menos clara, digamos, menos expressiva do que as designações correspondentes, tem a vantagem de, ao compararmos expressões numéricas representativas dos perfis nasais, imediatamente realça as semelhanças ou diferenças que houver.

Assim por exemplo: Antumbas, Chicundas, Sengas e Sereros, que observei no distrito de Tete, têm um perfil nasal sagital segundo a expressão 3, 1, 2, 1.

O nariz dos Atandes é do mesmo tipo do dos Nhúngüès, isto é, o seu perfil é expresso por 2, 1, 2, 1.

Quer dizer: Nhúngüès e Atandes, quanto ao perfil nasal, diferem dos outros grupos étnicos referidos apenas no achatamento da raiz, facto que a expressão numérica imediatamente realça.

Forma das narinas

Para a apreciação da forma das narinas dispúnhamos da tabela de Topinard, que me foi manifestamente insuficiente.

Nas duas primeiras campanhas (1936 e 1937), aos 6 desenhos esquemáticos estabelecidos por aquele notável antropologista francês, acrescentei mais 8 (fig. 10).

Posteriormente, nas outras duas campanhas (1945 e 1946), observei e registei os caracteres descritivos em perto de um milhar de indígenas. O amplo material observado permitiu-me rectificar

a tabela que já tinha modificado. Aumentei o número dos esquemas ou desenhos dos tipos padrões, de 14 para 19 (fig. 11).

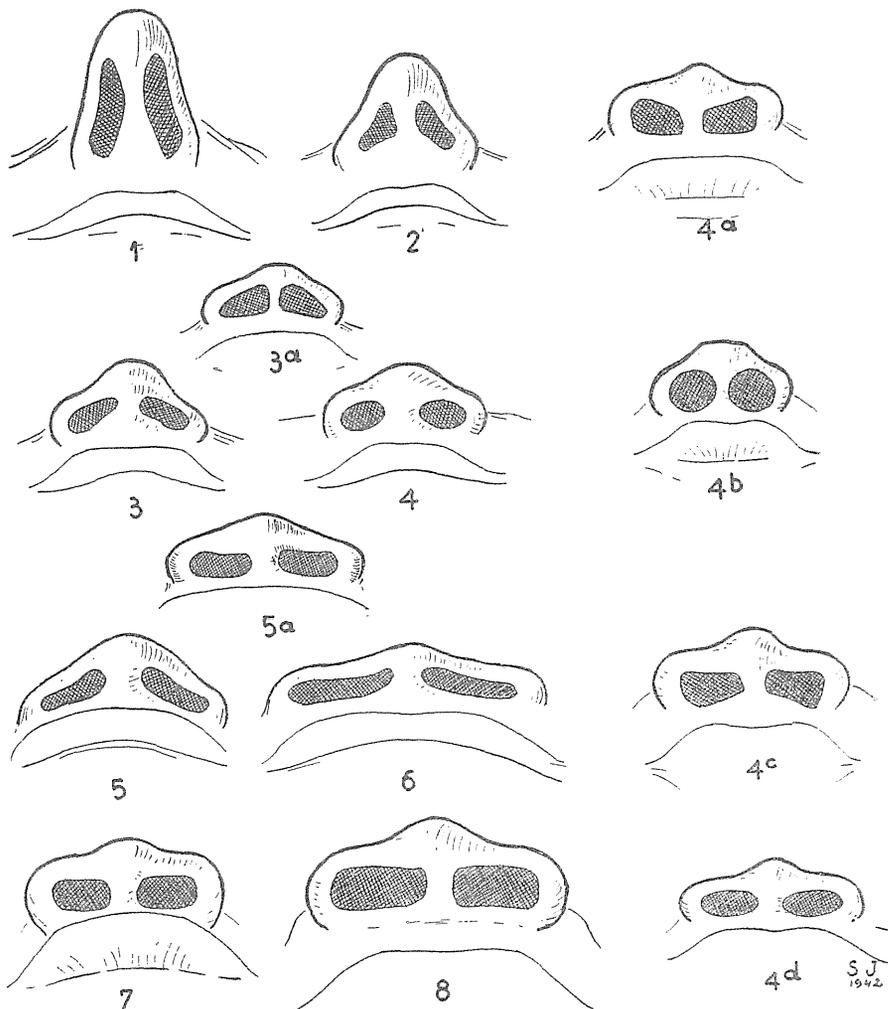
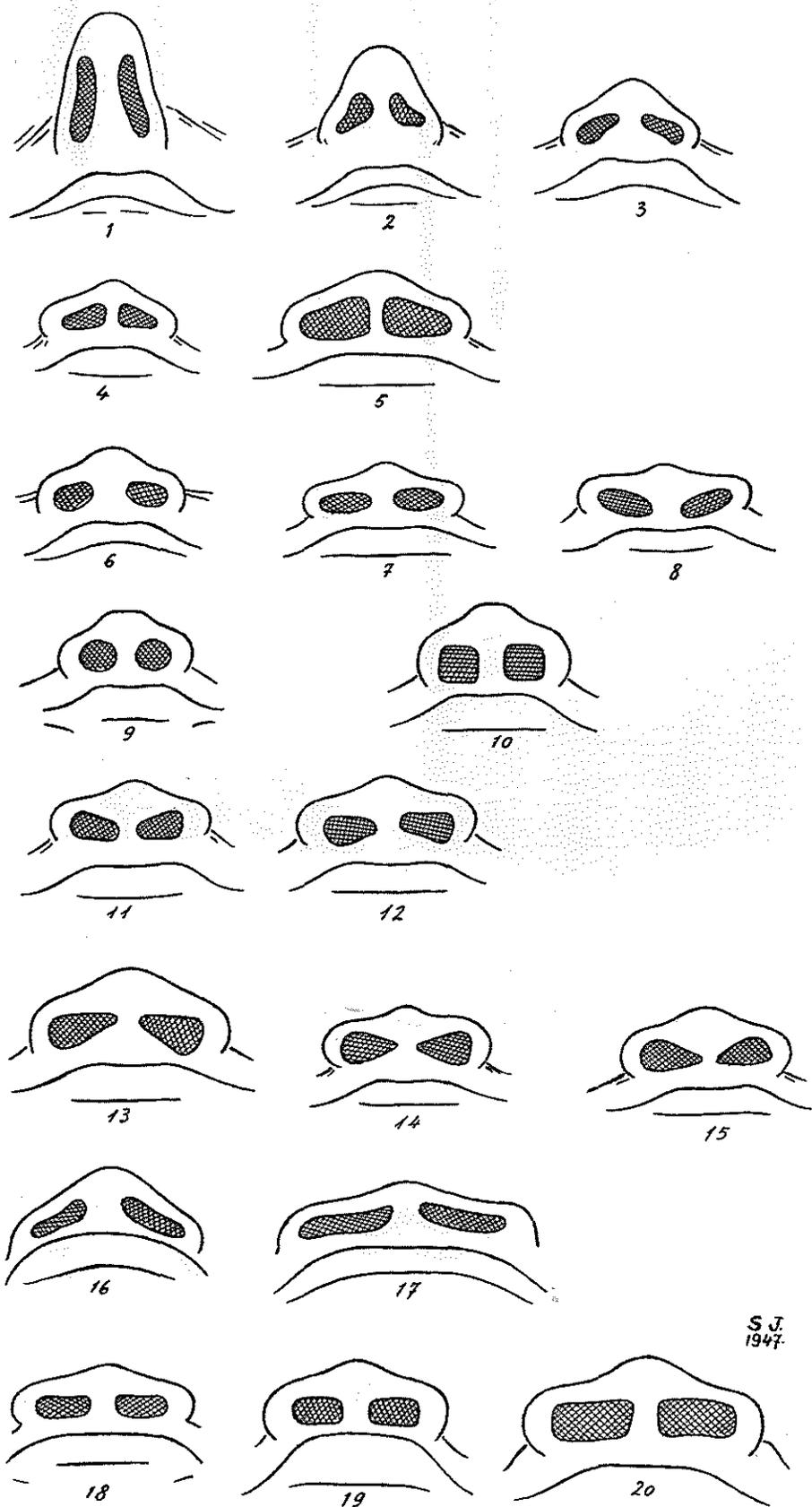


Fig. 10 — Tabela de Topinard, para apreciação da forma dos narizes, modificada por acréscimo de novos tipos.

Para o acrescentamento de novos tipos à tabela, não me bastava encontrar um caso de narinas que, por esta ou aquela

TABELAS DE CARACTERES DESCRITIVOS



S.J.
1947.

Fig. 11 — Tabela para apreciação da forma da face inferior do nariz.

Mesmo que restringíssemos a análise só ao lábio superior, a insuficiência era ainda patente.

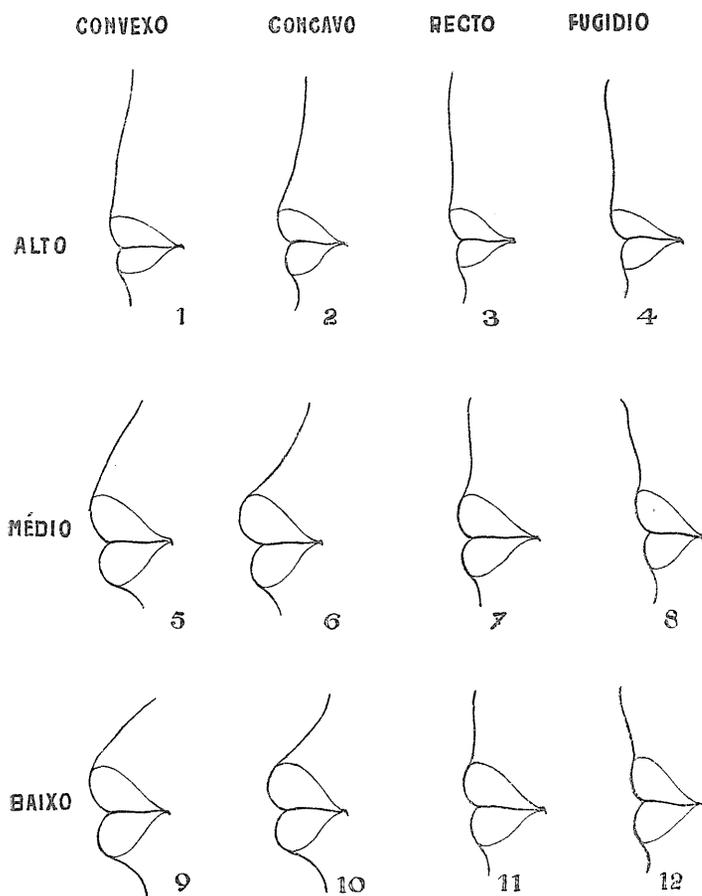


Fig. 13 — Tabela de Martin para a zona epidérmica dos lábios.

À tabela de Martin não possui o tipo sinuoso que tantas vezes me apareceu nos negros de Moçambique.

Além disso, parece lógico que se procure apreciar os lábios no seu conjunto, isto é, o lábio superior e o inferior como partes de um todo e, portanto, em análise concomitante. Tomar só em

consideração o lábio superior, como fez Martin, e não fazer a apreciação simultânea das duas referidas metades de um todo não me parece bem.

Veja-se, por exemplo, a figura 14, na qual os tipos 10^a e 10^b, ambos de lábio superior rectilíneo e inclinado para trás, são bem diversos em consequência de neles ser diferente o perfil do lábio inferior. O mesmo se pode dizer dos perfis labiais 1 e 2, reproduzidos na figura 15.

Quer dizer: parece lógico que devamos procurar fazer a observação total do perfil labial, e, para isso, na elaboração das

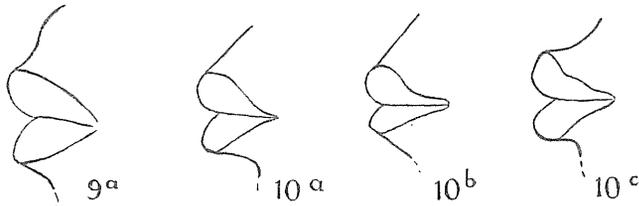


Fig. 14 — Perfis labiais de negros de Moçambique.

respectivas tabelas temos de entrar com a apreciação simultânea do lábio superior e do lábio inferior.

Influenciado por este modo de ver, tentei estabelecer uma tabela que me facilitasse a apreciação do perfil bilabial (parte epidérmica) dos negros.

Como o lábio superior, sem qualquer dúvida, tem no conjunto um franco predomínio, estabeleci, como mostra a figura 16, os 4 tipos dominantes de perfil recto, sinuoso, côncavo e convexo.

Dentro de cada um destes tipos, como se vê pelos respectivos esquemas, considero vários sub-tipos, atendendo ao grau de inclinação e ainda, pelo que respeita ao lábio inferior, ao seu perfil côncavo e rectilíneo.

Para a elaboração duma tabela geral, há que atender ao maior ou menor desenvolvimento do lábio superior no sentido

vertical, segundo os 3 tipos especificados na tabela de Martin e que são: o alto, o médio, e o baixo. Para o caso especial dos negros moçambicanos, a variação em altura foi de tão pequena

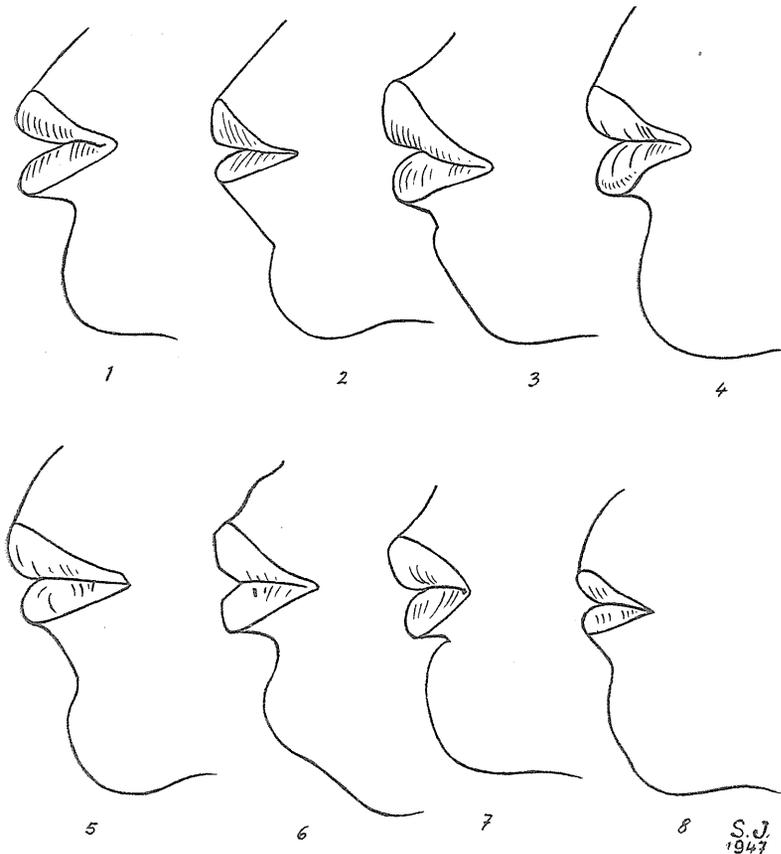


Fig. 15—Perfis labiais e do queixo de Aiauas que observei em Maniamba (Niassa).

amplitude que não senti a necessidade de a marcar na referida tabela.

A figura 15 mostra os perfis labiais e do queixo dos últimos 8 Aiauas da pequena série de homens desta tribo que, em 1946, observamos e medimos em Maniamba, circunscrição pertencente

Perfil facial total

Depois das considerações feitas sobre a apreciação de alguns caracteres descritivos, deles destaco os perfis nasal e labial que, seguindo-se um ao outro, constituem a zona média do perfil facial total, para cuja apreciação global falta apenas entrar em linha de conta com a fronte e o queixo.

Baseado em alguns desenhos que fiz, em bastantes esboços rabiscados à pressa, e, sobretudo, num grande número de fotografias, tentei esquematizar o perfil da testa e do mento de algumas tribos moçambicanas. Estes elementos, associados ao perfil nasolabial, dão-nos a linha do plano sagital, desde o tríquio até ao pescoço (ver Est. VII a XVII).

Conjugando todos esses elementos pude fazer uma tentativa de objectivação das semelhanças e das diferenças entre Nhúngüès e Antumbas, duas tribos de negros do distrito de Tete, das muitas que foram estudadas pela Missão Antropológica de Moçambique.

Os respectivos perfis faciais totais podem ser desenhados entrando em linha de conta com os seguintes dados:

Nhúngüès: testa alta, vertical e convexa; raiz do nariz, achatada; perfil nasal, o n.º 8 da tabela da figura 7; lábios (parte mucosa), grossos (ver a tabela da figura 12); lábios (parte epidérmica), o n.º 10 da tabela da figura 13.

Antumbas: testa alta, fugidia e convexa; raiz do nariz, alta; perfil nasal, o n.º 8 da tabela da figura 7; lábios (parte mucosa), grossos; lábios (parte epidérmica), o n.º 9 da tabela da figura 13.

Para a testa e queixo servi-me, como disse, de alguns desenhos e sobretudo de fotografias.

Entrando com o valor da altura facial total (tríquio-mento), com o grau de inclinação da linha compreendida entre estes dois pontos, e com as medidas de inclinação de outras porções de

perfil facial total, é possível vir a desenhá-lo com precisão. Esta linha tem, sem dúvida, interesse antropológico. Espero na próxima campanha da Missão Antropológica estudar o modo de obtenção preciso e fácil deste perfil facial total. Por agora, pouco mais faço do que aludir à sua importância antropológica.

CONCLUSÕES

I — Na observação e registo de alguns caracteres faciais surgiram-me, muitas vezes, embaraços no emprego das tabelas respectivas.

II — Algumas dessas tabelas foram-me manifestamente insuficientes nos estudos que, a partir de 1936, realizei em pretos de Moçambique.

III — Dada a grande importância dos caracteres descritivos para o estabelecimento dos diferentes grupos raciais, é de indiscutível conveniência ajustar as tabelas padrões de cada carácter às necessidades duma apurada observação.

IV — Às manifestas dificuldades para uma perfeita sistematização dos respectivos modelos ou tipos não devem constituir razão para se não prosseguir no aperfeiçoamento sucessivo das tabelas padrões.

V — No propósito de uma lógica simplificação, parece conveniente, ao menos para certos caracteres, tratar de organizar tabelas de aplicação restrita, e, assim, talvez haja conveniência — é esse pelo menos o meu parecer — em estudar a elaboração de tabelas de aplicação não a todas as raças indistintamente, mas a determinados grupos de raças. Estudar-se-iam, por exemplo, tabelas a aplicar na análise de determinados caracteres só nas raças negras e outras para os mesmos caracteres nas raças brancas. Exemplificando: numa tabela dos perfis labiais dos

negros, cujos lábios são normalmente mais ou menos grossos e muitas vezes associados a um prognatismo alveolar e dentário, mais ou menos marcado, não interessam os tipos característicos das raças ortognatas e de lábios finos.

No estudo da forma dos cabelos dos negros africanos que observei, nem uma só vez encontrei algum dos 7 primeiros tipos da escala de Martin (fig. 1), o que de resto é natural.

Parece, portanto, não oferecer dúvida que, para o estudo da cabeleira dos negros, aquilo que interessa é possuir uma tabela com os desenhos dos diferentes tipos de carapinhas.

VI — Conjugando os tipos médios obtidos no estudo dos caracteres descritivos e algumas medidas, podemos desenhar com relativa facilidade, e sobretudo com rigor, o perfil facial médio do agrupamento observado. A comparação dos perfis faciais médios das diferentes tribos duma raça ou de diferentes raças patenteará, de forma bastante demonstrativa, as respectivas semelhanças ou diferenças.

La plage milazzienne de Areias (Cascais)

PAR

G. Zbyszewski et J. Camarate França

Les plages quaternaires de Cascais et leurs industries paléolithiques ont fait l'objet d'une étude récente à laquelle nous renvoyons le lecteur (1). Nous ajouterons cependant quelques mots à ce qu'il en a été dit antérieurement.

A — Le niveau marin de 6-8 m

Ce niveau avait été jusqu'ici appelé « Grimaldien » et considéré comme contemporain du dernier interglaciaire (Riss-Wurm).

À l'heure actuelle, ainsi que l'on peut s'en rendre compte par la très belle synthèse de F. Zeuner, intitulée « Dating the past », on subdivise les dépôts du dernier interglaciaire en deux niveaux distincts.

Le plus ancien, celui de 15 m, correspondrait au Grimaldien s. s. Le plus récent est le niveau de 6-8 m. Il appartient à la deuxième moitié du dernier interglaciaire et c'est à lui que doivent être rattachés aujourd'hui les niveaux inférieurs de Boca do Inferno et de Praia do Guincho.

(1) L'Abbé H. Breuil et G. Zbyszewski — *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire*. Vol. II — *Les principaux gisements du littoral d'Estremadura et des terrasses fluviales de la basse vallée du Tage*. « Com. dos Serv. Geol. de Portugal », T. XXVI, Lisbonne, 1945.

B — Le niveau marin de 60 m (Milazzien)

C'est à ce dernier qu'appartiennent les dépôts argilo-sableux marqués sur la carte géologique au 1:50.000^{ème} de Cascais, comme « Pliocène » et que nous avons récemment cités comme « Quaternaire probable ».

Tout dernièrement nous avons réalisé une reconnaissance dans le but de trancher autant que possible définitivement la question de l'âge de ces formations. Nous les avons donc suivies depuis le phare de Guia jusqu'à l'hippodrome de Marinha et jusqu'au village d'Areias. Il s'agit sans aucun doute de Quaternaire et non point de Pliocène.

Les dépôts sont constitués par des sables parfois lavés, parfois mélangés avec de l'argile grise ou de ton rougeâtre, très souvent avec de la terra rossa ou avec un limon roux. Ces sables proviennent en grande partie de la désagrégation sur place des formations sablo-gréseuses du Crétacé inférieur qu'ils recouvrent. Ils contiennent en général des graviers à patine brune ou rousse plus ou moins intense et qui présentent souvent la marque d'une forte action éolienne.

C'est au voisinage du village d'Areias, sur le bord de la route qui relie cette agglomération à celle de Birre, que l'on peut observer les meilleurs affleurements.

Incontestablement les dépôts ont possédé autrefois une extension beaucoup plus grande, ainsi que l'on peut s'en rendre compte par les graviers, que l'on trouve actuellement dispersés ça et là à la surface du sol jusqu'à proximité de Birre et jusqu'au voisinage du signal géodésique de Selão. Leur distribution actuelle est très irrégulière. Certains lambeaux témoins se sont conservés sur les points élevés, mais dans la plupart des cas, les dépôts ont été lavés et remaniés par les eaux de ruissellement et leurs produits

de désagregation (sables et graviers) ont couru sur les pentes pour aller s'accumuler dans les bas fonds et les petites dépressions où on les retrouve aujourd'hui.

A défaut de fossiles, ce sont les industries paléolithiques que nous avons recherché dans ces formations. Nous avons eu la chance d'en recueillir quelques unes, du reste fort rares, soit en surface, soit en place dans les dépôts consolidés provenant du remaniement de l'ancienne plage de 60 m.

A l'exception de deux objets qui présentent un roulis marqué, tous les autres possèdent une patine éolienne plus ou moins accentuée suivant les cas. Nous subdivisons l'ensemble des pièces recueillies en 5 séries, qui sont les suivantes :

I — Abbevillien (?) de faciès microlusitanien, très usé par le roulis.

II — Acheuléen ancien de faciès microlusitanien, à forte usure éolienne.

III — Tayacien, Acheuléen moyen et supérieur de faciès microlusitanien avec usure éolienne moyenne.

IV — Tayaco-Moustéroïde à usure éolienne peu prononcée.

V — Post-Paléolithique.

Série I — Abbevillien (?) de faciès microlusitanien

Nous y plaçons deux pièces, toutes les deux très roulées. L'une d'elles a été fortement colorée par l'hydroxyde de fer, mais ayant séjourné en milieu réducteur, elle présente actuellement quelques indices de perte de couleur. Il s'agit en l'occurrence d'un petit galet de quartzite tronqué obliquement à l'une de ses extrémités par deux facettes alternes. Les arêtes sont complètement arrondies par le roulis.

— La deuxième pièce est un petit galet tronqué verticalement dans le sens de sa largeur (n.º 2). Il présente les vestiges d'au moins trois tailles presque entièrement effacées par l'usure de roulis. Cet objet présente une coloration jaunâtre différente de la couleur foncée des pièces recueillies alentours. Il peut avoir été transporté. Ses dimensions sont les suivantes. Dimension axiale 25 mm; largeur 32 mm; épaisseur 24 mm.

Série II — Acheuléen ancien de facies microlusitanien

Cette série se compose de 9 petits galets taillés. Tous présentent les indices d'une forte usure éolienne et de roulis très léger ou, plus probablement, d'une usure dûe aux eaux de ruissellement chargées de sables. Quelques unes de ces pièces ont été recueillies en place dans un dépôt sableux provenant du remaniement de l'ancienne plage milazzienne. D'autres ont été recueillies en surface, mais semblent dérivées du même dépôt de remaniement.

Un petit galet plat à taille très irrégulière, biface sur un bord long et uniface sur l'une de ses extrémités (n.º 17). La pièce peut être considérée comme un galet racloir. Ses dimensions sont les suivantes: longueur 56 mm; largeur 44 mm; épaisseur 21 mm.

— Un petit galet plat tronqué verticalement dans le sens de sa longueur, par taille appuyée (n.º 9), présente des traces d'utilisation comme galet racloir ainsi qu'une forte usure éolienne et un léger roulis. Longueur 47 mm; largeur 34 mm; épaisseur 17 mm.

— Un tronçon de galet (n.º 12) obtenu par taille oblique à ses deux extrémités opposées, l'une d'elles ayant été obtenue par un seul coup et l'autre par plusieurs, dont les négatifs ont presque entièrement disparu sous l'usure. Présente des traces d'usage sur le taillant de son bord large. Longueur 46 mm; largeur 38 mm; épaisseur 21 mm.

— Deux petits galets ont été tronqués à l'une des extrémités par taille appuyée, l'un deux, en quartz filonien de teinte claire, présente un tranchant concave assez fortement usé, obtenu d'un seul coup (n.º 6). Sa longueur est de 30 mm; largeur 30 mm; épaisseur 17 mm. Le deuxième est en quartzite coloré en roux taillé obliquement par taille très verticale. Nous ne le figurons pas.

— Un troisième galet plus ou moins identique et très irrégulier présente l'indice d'avoir été taillé à deux époques successives: une première fois au temps de la série II, dont il garde les vestiges d'une facette très usée par le roulis. La deuxième taille est de la série III. Les dimensions de la pièce sont plus ou moins les mêmes que celles du n.º 6.

— Un petit galet taillé en ogive à l'une de ses extrémités, par deux petites tailles très verticales, mutilées par le feu ancien. Mêmes dimensions que celles de la pièce précédente.

— Un petit galet très plat (n.º 7), taillé à l'une de ses extrémités par deux tailles, l'une très verticale, l'autre très oblique et présentant des traces de légère retouche et d'usage. Couleur brune analogue à celle des pièces précédentes. Longueur 37 mm; largeur 34 mm; épaisseur 11 mm.

— Un petit galet plat subtriangulaire, taillé sur deux de ses bords de plusieurs négatifs inclinés, le troisième côté du triangle étant occupé par la surface primitive du galet. Taille uniface.

— Un très petit galet racloir (n.º 18), tronqué sur un de ses bords par une série de tailles inclinées, complétées par de petites retouches. Ses dimensions sont les suivantes: longueur 22 mm; largeur 13 mm; épaisseur 9 mm.

— Un éclat sans intérêt spécial appartient à la même série.

Série III — Tayacien, Acheuléen moyen et supérieur
de faciès microlusitanien

Un assez grand tronçon de galet (n.º 16) ayant servi de nucleus. Il semble que l'on ait voulu ensuite le transformer en coup-de-poing. Le travail appartenant à deux âges, le premier est de la série III et présente des facettes fortement usées par le vent. Le deuxième est de la série IV, caractérisée par des faces rugueuses et des arêtes vives. On observe des traces d'usage, contemporaines de cette deuxième série et de la série suivante, à la partie supérieure du specimen. Longueur 93 mm; largeur 60 mm; épaisseur 45 mm.

— Quatre petits galets tronqués. Deux d'entre eux sont épais, leurs tranchants présentent une forme convexe avec bec central. L'un d'eux est mutilé par une fracture de feu de l'époque. Nous figurons le meilleur (n.º 15) dont les dimensions sont les suivantes: longueur 46 mm; largeur 41 mm; épaisseur 25 mm.

Les deux autres sont plus aplatis et sont à tranchants convexes, obtenus par taille inclinée. Ils présentent des ébréchures d'usage sur les bords. Nous figurons le plus grand d'entre eux (n.º 13). Longueur 44 mm; largeur 40 mm; épaisseur 22 mm.

— Une calotte de galet présentant une forme ovale allongée. Elle a du servir de galet racloir ainsi qu'en font foi les ébréchures d'usage de l'un de ses bords. Ses dimensions sont les suivantes: longueur 42 mm; largeur 24 mm; épaisseur 22 mm.

— Un nucleus moustéroïde (n.º 14) constitué par une calotte de galet qui présente au verso une facette représentant probablement une préparation de plan de frappe. Taillé au recto par une série de petites facettes irrégulières qui remontent depuis la périphérie vers le centre en relief. Longueur 49 mm; largeur 47 mm; épaisseur 31 mm.

Trois petits éclats retouchés appartenant à la série III. Nous figurons le meilleur d'entre eux (n.° 11) de forme subtriangulaire allongée. Verso de plan d'éclatement présentant un plan de frappe de première taille et un petit bulbe tayacien sur son bord droit. Recto très proéminent présentant une bande centrale de surface de galet qui occupe aussi toute la base de l'objet. Les deux bords latéraux sont taillés verticalement et présentent des traces d'usage et de retouche. Longueur 47 mm; largeur maximum 24 mm; épaisseur 18 mm.

— Un deuxième éclat, plus petit, présente un assez fort bec sur l'un de ses bords latéraux. Le troisième enfin est retouché en racloir sur l'un de ses bords longs et se termine en pointe à l'une de ses extrémités (n.° 1). Longueur 39 mm; largeur 31 mm; épaisseur 11 mm.

Série IV — Tayaco-Moustéroïde

Cette série comporte des pièces peu typiques. Elle doit être contemporaine de l'Acheuléen final, du Moustérien et peut être du Paléolithique supérieur. La nature des pièces ne permet pas d'y faire de distinctions typologiques. L'usure éolienne y est faible.

— Un petit nucleus polyédrique très irrégulier (n.° 4). Ses caractères rappellent le travail moustéroïde, les facettes du verso pouvant être des préparations de plans de frappe (?). Cette pièce a servi comme grattoir nucleiforme. Longueur 38 mm; largeur 35 mm; épaisseur 22 mm.

— Trois petits galets tronqués, de style microlusitanien, l'un deux étant en quartz et les deux autres en quartzite. Tous trois sont analogues à ceux des séries précédentes. Deux d'entre eux sont petits et plats et le troisième plus grand et convexe, mutilé par éclatement de feu de toute la moitié droite de sa base.

Dimensions du plus grand: longueur 54 mm; largeur 54 mm; épaisseur 30 mm.

Dimensions du plus petit: longueur 33 mm; largeur 35 mm; épaisseur 16 mm.

— Deux galets racloirs, taillés par des tailles très obliques. Le plus grand, en quartzite, est mutilé par le feu. Longueur 50 mm; largeur 42 mm; épaisseur 34 mm. Le plus petit a pour longueur 50 mm; largeur 42 mm; épaisseur 34 mm.

— Un petit galet plat subtriangulaire (n.º 10), taillé sur deux de ses bords latéraux et à sa pointe. Bord droit présentant des ébréchures d'usage. Longueur 40 mm; largeur 36 mm; épaisseur 14 mm.

— Un nucleus en jaspe brun pâle, de forme allongée pointue (n.º 8), dont le travail rappelle celui des coups-de-poing. Quelques ébréchures d'usage sont visibles sur un de ses bords latéraux et quelques mutilations de feu ancien le sont également. Longueur 56 mm; largeur 42 mm; épaisseur maximum 30 mm.

— Un quartier de rognon de silex gris foncé ayant conservé sa surface de cortex sur deux tiers du recto. Taillé à l'extrémité large, sur ce dernier, en un grattoir rectiligne penché de droite à gauche. Bord latéral gauche régularisé par quelques tailles verticales. Verso de plan d'éclatement très légèrement concaves, avec bords fortement ébréchés. Nombreux indices d'utilisation. Longueur 71 mm; largeur au bout large 45 mm; épaisseur 32 mm.

— Une petit calotte de galet oblongue en quartz, aménagée en racloir par trois ou quatre tailles plates (n.º 3), présente des traces d'usage sur tout son tranchant, de profil trapézoïdal. Verso entièrement de surface de galet, sauf une petite taille sur chacune de ses extrémités. Longueur 40 mm; largeur 24 mm; épaisseur 18 mm.

Outre les pièces précédentes, nous possédons quatre éclats de quartzite de technique tayacienne sans rien de spécial à en

dire. Un petit éclat grossièrement retouché en grattoir à un bout et un éclat beaucoup plus grand en quartzite que nous figurons, pour être une pièce bien retouchée au recto sur son bord gauche et à l'extrémité arrondie pour servir de grattoir. Plan de frappe de surface de galet. Verso de plan d'éclatement avec bulbe à la base. Les dimensions de cet exemplaire (n.º 5) sont les suivantes: Longueur 57 mm; largeur 43 mm; épaisseur 20 mm.

Série V — Post-Paléolithique

Elle n'est représentée que par deux silex, dont un offrant quelques retouches et ne présentant pas d'intérêt spécial.

CONCLUSIONS

Le gisement qui vient d'être décrit présente un intérêt pour deux raisons:

1.º — Du point de vue géologique, il représente l'un des derniers vestiges du niveau de plage de 60 m (milazzien) lequel a été presque entièrement détruit par l'érosion. Les dépôts que nous venons d'étudier et dont nous parlons pour la première fois, sont représentés dans leur presque totalité par des dépôts de remaniement subaérien.

2.º — Du point de vue préhistorique il vient compléter harmonieusement ce qu'il a été dit précédemment sur les industries paléolithiques de la plage du Guincho. Les pièces trouvées au Nord-Est du village de Areias, que nous venons de décrire, accentuent l'influence lusitanienne déjà notée, mais jusqu'ici paraissant moindre que celle observée dans les gisements situés au



1



2



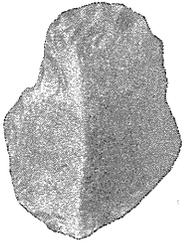
3



4



18



5



6



7



8



9



10



11



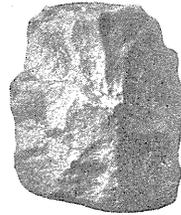
12



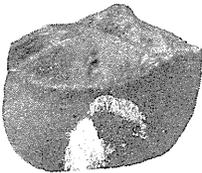
13



16



14



15



17

Nord du Massif de Sintra et notamment à Ericeira, Açafora, Magoito et Azenhas do Mar. Mais en raison des cailloux de moindre calibre qui on servi de matière première, ce qui domine dans le gisement de Areias-Selão, c'est la note microlusitanienne franche, analogue à celle de Sines, de Sesimbra, etc.

Par lui même notre gisement s'est montré pauvre mais là où son intérêt se montre certain, c'est par le complément qu'il vient apporter à la connaissance du Paléolithique de ce littoral dont la première étude d'ensemble fut faite en 1942 par l'Abbé H. Breuil.

Contribuições para o estudo do paleolítico português

POR

LERENO ANTUNES BARRADAS

Em resultado de constantes deslocações por diversos pontos do país, tivemos oportunidade de deparar por vezes com vestígios de trabalho do homem paleolítico, mas também como tínhamos muito pouco tempo ao nosso dispor, limitamo-nos quase sempre à recolha de alguns instrumentos mais típicos, e a tomar ligeiras anotações sobre a jazida dos mesmos.

Como pode suceder que essas estações algo contribuam para o conhecimento do nosso Paleolítico, embora aparentemente nem sempre sejam estações importantes, julgamos conveniente fazer-lhes umas ligeiras referências.

Não contando com os exemplares atípicos, mencionaremos as seguintes estações:

Foz do Xarrama

Na margem direita do Xarrama, afluente do Sado, perto da sua foz, junto à Quinta de Baixo (Quinta de D. Rodrigo, na carta de 1/100.000) numa encosta que domina a várzea, actualmente fora das cheias, há uns terrenos quaternários, que se distinguem dos terrenos terciários, sobre que assentam, porque contêm calhaus rolados de porfírite, arrastados por aquele rio, dos formações porfíricas do seu curso médio.

Na região escasseia a quartzite e outras rochas boas para sofrerem o talhe paleolítico. Por isso o homem desse tempo,

teve que aproveitar estes calhaus de porfirite, como matéria-prima dos seus instrumentos.

É uma estação pequena e pobre, com algumas lascas de desbastamento e poucos instrumentos chelec-acheulenses, talvez do Acheulense Inferior, derivados de lascas, e grosseiramente des-

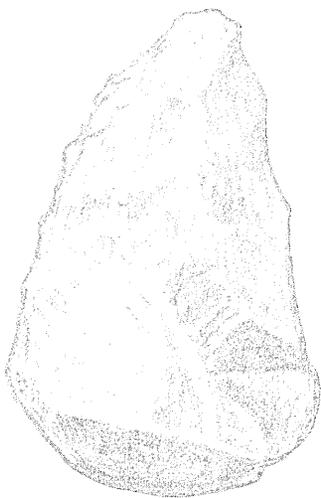


Fig. 1

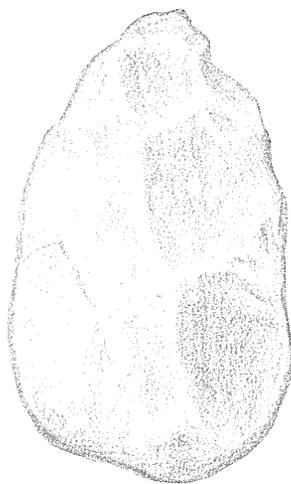


Fig. 2

bastados, apresentando uma pátina profunda, igual à da crosta do calhau, com as superfícies lascadas bastante polidas.

As figuras 1 e 2 representam os instrumentos mais característicos.

Porto-Mouro

Num depósito aluvial de estratificação mal definida, em Porto-Mouro, na margem esquerda da ribeira da Figueira, afluente do Sado, onde foi aberta uma trincheira para dar passagem à estrada que daí segue para o monte do mesmo nome, encontra-

mos dois instrumentos paleolíticos, provavelmente do Acheulense, derivados ambos de lascas de calhaus rolados, bastante patinados



Fig. 3

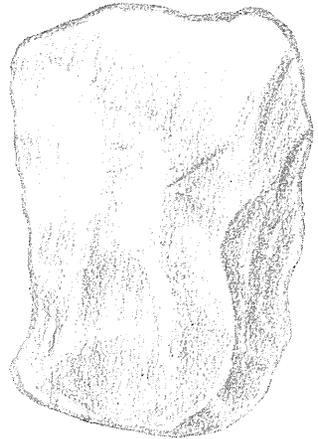


Fig. 4

e de superfícies suavizadas: um é um amigdaloide típico e o outro é um gume de machado (figs. 3 e 4).

Barrosinha

Nas barreiras da herdade da Barrosinha, entre o Sado e a ribeira de Santa Catarina, próximo à estrada de Lisboa para o Algarve, e junto a um forno de cal, há uma saibreira, bastantes metros acima das várzeas e das actuais cheias, em cujo saibro encontramos um interessante instrumento de porfirite.

O terreno da saibreira, de classificação geológica mal definida, aparentemente pertence às formações terciárias, onde o Sado e a ribeira de Santa Catarina cavaram os seus leitos; todavia este terreno deve ser formado por materiais extraídos deste.

O referido instrumento, com uma pátina amarelada e profunda, de superfícies lascadas muito suavizadas e de talhe piri-forme, parece ser do primitivo chelense ou talvez anterior, o que condiz com a remota antiguidade da sua jazida arqueológica, embora um pouco problemática (1).

Ortiga

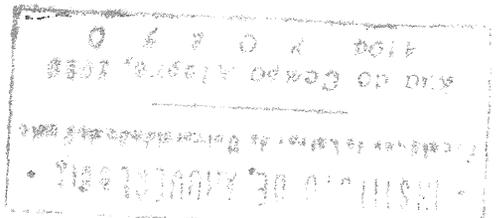
Os terraços do Tejo, pela sua grande extensão, e por conterem abundância de volumosos calhaus rolados de quartzite e de outras rochas próprias para o talhe de instrumentos lascados devem, quando bem explorados, mostrar a existência de muitas estações paleolíticas.

Em Ortiga, em frente de Alvega, em terrenos nestas condições, onde aparecem lascas de desbastamento, encontramos dois instrumentos paleolíticos, um de talhe grosseiro, de lascado largo, com aspecto primitivo, possivelmente chelense, muito patinado e rolado e outro derivado de uma lasca, trabalhado em gume de machado, de aspecto mais moderno, pouco patinado e com as



Fig. 5

(1) Este instrumento foi oferecido ao museu de Johannesburg, e por isso não chegou a ser desenhado.



superfícies lascadas ainda um pouco ásperas, talvez acheulense. Só este último foi desenhado (Fig. 5).

Cabeção

Nas várzeas de Cabeção, em ambas as margens da Ribeira de Raia que mais abaixo juntando-se à Ribeira de Sor formará o Sorraia, há depósitos aluviais a diferentes altitudes, uns de características antigas, e outros de formação recente, onde se notam à superfície, vestígios de trabalho humano sobre calhaus rolados.



Fig. 6

Encontramos apenas um instrumento de quartzite clara, do tipo acheulense, bem trabalhado, com boa pátina, e muito poído, talvez mesmo rolado, porém com a ponta partida, por fractura antiga (fig. 6).

Cilhades

Nas proximidades de Cilhades e de Meio-Mundo na margem esquerda do Sabor, afluente do Douro, há um terraço num recôncavo do rio, onde as águas torrenciais durante o Quaternário, no vale abrupto daquele rio sofriam diminuição de velocidade, depositando-se por isso aí os materiais pesados, a muitos metros acima das águas normais de hoje.

Numa passagem rápida por estes terrenos, encontramos um instrumento paleolítico, de quartzite clara, feito numa lasca com a ponta bem trabalhada (fig. 7).

É possível que investigações mais minuciosas, mostrem não ser este instrumento um achado isolado, e neste caso, e sobre-



Fig. 7

tudo, se houver estratigrafia, teríamos uma estação interessante, devido às características geológicas do terraço (1).

(1) Efectivamente assim sucedeu. O nosso amigo Prof. Santos Júnior estudou a estação e sobre ela fez uma comunicação à Associação dos Arqueólogos de Lisboa. Os resultados do seu trabalho são decerto bem interessantes. *Nota acrescentada posteriormente.*

Pastoria

Encontramos um instrumento isolado, porém típico, junto a esta aldeia, nas proximidades de Chaves, situada nos primeiros contrafortes das serranias do Barroso.

É uma bela peça derivada de uma lasca de um calhaus rolado de quartzite clara, com uma pequena porção de crosta primitiva, bem trabalhada, do tipo acheulense talvez do Acheulense superior.

Devemos notar que calhaus rolados desta rocha, e de tamanho regular, rareiam nos rios da região, até mesmo no Tâmega, sendo por isso, talvez, um instrumento trazido de longe.

O terreno em que jazia não tem qualquer característica quaternária, e talvez por isso este instrumento apareceu desacompanhado de outros instrumentos, refugos, núcleos, lascas, etc., não denotando, pois, a permanência no local de qualquer tribo paleolítica, embora nas proximidades haja alguns abrigos sob rocha, como o Cunqueiro, que poderiam servir de habitação (1).

(1) Este instrumento não foi desenhado por ter sido oferecido ao Museu de Johannesburg.

A indústria paleolítica de Carvoeiro do Vouga

Subsídios para o estudo das formações post-pleiocénicas do Vouga

POR

F. RUSSELL CORTEZ

Na área pertencente à bacia hidrográfica do Vouga, sòmente se conhecia uma estação paleolítica — a da Mealhada, jazida que assume notória importância para o estudo, classificação e cronologia do Antropozóico Português de fácies continental (1). Se exceptuássemos portanto esta estação, podíamos dizer que os terrenos da bacia do Vouga não tinham logrado ver permanecer nas suas encostas ou nos seus plainos, o paleolito, visto não serem conhecidos instrumentos provenientes daqueles lugares.

Estudando as formações aluviais da região, Zbyszewski e A. Souto referem a existência de dois terraços nas imediações de Águeda e Anadia (2): «qu'il y ait là d'une façon generale deux niveaux de terrasses. La plus élevée et la plus ancienne, pourrait être parallelisée avec la plateforme de Porto. L'autre plus basse dans le fond des vallées contient une faune chaude et une industrie chelléenne à Mealhada».

Porém, se de Aveiro nos dirigirmos para Águeda, seguindo o traçado do caminho de ferro, podemos, embora duma maneira rápida, fazer o esboço da disposição e arrumo das formações post-pleiocénicas existentes nas margens do Vouga.

O terraço mais elevado, pouco visível, é atribuído, pela citação lida, a um possível nível pliocénico, correspondendo aqui à

plataforma mais elevada em que assenta o Porto e o seu termo. Abaixo deste podemos distinguir dois outros níveis. As formações escalonam-se a diferentes alturas, distinguindo-se com relativa nitidez, classificando-as pela altitude a que se situam e pela indústria que mais adiante encontrei, de tirreniana, a encastrada a altitude média, e a outra, de altitude média menor, será mui provavelmente grimaldiana, preenchendo o fundo dos vales, atingindo por vezes grande extensão e sempre cortada com a maior nitidez pelo rio actual.

De Eixo para montante, começam de avistar-se os depósitos. O tirreniano repousa então — em camadas pouco possantes — sobre estratos arenentos, talvez gresosos, fortemente corados de vermelho.

Defronte do apeadeiro de Valongo, volta a ser avistado tal horizonte estatigráfico, porém a cascalheira é constituída por grandes e angulosos calhaus. Tal estado geológico é também idêntico na margem direita, notando-se de onde a onde, quer numa quer na outra margem, que as cascalheiras são pouco espessas e os godos pouco rolados.

Continuando a longada, na mesma avistamos os dois terraços, por alturas da Pousada de Serém, o que mostra continuarem a distinguir-se dois níveis em ambas as margens. Aqui o grimaldiano atinge grande extensão, constituindo a quase totalidade dos campos marginais.

De Macinhata a Sarnada, para cima do patamar por onde corre a linha férrea, avistam-se também cascalheiras, aglutinadas e encimadas por argilas vermelhas e acastanhadas, tudo recoberto a vinha e pinhal. Muito mais que o caminho de ferro, a estrada que serpeia paralela a este, corta tal formação em vários sítios deixando abundantemente o burgal à vista.

Entre Sarnada e Carvoeiro continua a facilidade de podermos individualizar os mesmos terraços, encastrados ora numa ora

noutra margem. Como a jusante da Ponte de Sarnada, para montante, o rio Vouga, muitas vezes, corre encaixado no terraço grimaldiano. Perto da confluência do Caima este terraço estende-se pela margem esquerda, embebendo-se pela terra dentro, ocupando larga área.

Passado o Carvoeiro do Vouga, lugar a que me referirei ao diante com mais detalhe, começa o rio a formar um grande meandro, onde também é francamente visível um dos terraços, bem assim importante formação holocénica.

Atinge tal depósito a sua plenitude no local cheio de pitoresco e beleza, denominado a Foz. Depois com uma posança cada vez diminuída, torna-se cada vez mais raro o poderem-se examinar com segurança os níveis considerados, a ponto de para montante da Ponte de Pessegueiro, local onde terminaram as minhas indagações, quase desaparecer o seu rasto.

*

* *

Por ainda deficientemente documentado não refiro hoje os vestígios líticos encontrados por mim nos antigos leitos do Rio Vouga; entre Águeda e Sarnada do Vouga.

Aquando da viagem de prospecção arqueológica, percorri o troço do rio compreendido entre Sarnada e Carvoeiro do Vouga, seguindo sempre pela margem direita.

O talude cortado para o estabelecimento da via férrea permite um razoável exame do terraço médio que repousa sobre um substractum xistoso de formação possivelmente silúrica, encaixada entre as formações Cbl da região.

Por baixo, ou melhor em nível inferior, do corte feito para o assentamento da via e ladeando o rio, nas duas ou numa só margem, é francamente visível um outro terraço de formação mais

recente, já referido, que aqui e além — onde a destruição foi mais violenta —, orla —, constituindo como que uma falésia (se a comparação pode ser permitida) — a praia actual.

A formação tirreniana que estudamos, tal qual na Mealhada, encontra-se no fundo do vale e às cotas de 31 a 50 metros, contendo nos seus estratos uma indústria de técnica *acheulense antigo* e *acheulense evoluído*, esta nas camadas superiores do terraço. Colhemos instrumentos líticos logo que passada foi a confluência do Caima, mais propriamente ao quilómetro 64, no local em que se construiu o novo cais ferroviário. Tal facto sucedeu por se ter edificado naquele local uma fábrica de destilação de madeira, pelo que houve necessidade de cortar grande parte da encosta, pondo a nu as assentadas de materiais carreados e depositados pelo rio e que estavam mascarados pela vegetação que exuberantemente recobre a região. Para a construção dos edificios tiveram, pois, de remover farto volume de terras. No corte fácil é seguir a marcha do aluviamento, permitindo talvez seguir e estabelecer as variadas fases climáticas.

Vale a pena fazer um estudo circunstanciado da disposição dos materiais, diferenciando o mais possível os horizontes em que calhaus pouco rolados de grandes dimensões alternam com mantos areentos, de onde a onde substituídos por formações lenticulares coradas de vermelho, de amarelo e por vezes roxas. Voltam depois a aparecer os godos todos polidos de tamanho médio, decrescendo de tamanho até ao areão grosso, para mais acima ser tudo recoberto por novo manto argiloso com lenticulas areentas e nova cascalheira mais polida e de tamanho mais regular.

Na remoção de terras ultimamente feita, muitos dos materiais do corte foram depositados sobre o terraço inferior, de forma a regularizar o terreno. Os materiais sobrantes foram transportados para a Sarnada; deve portanto haver toda a reserva com os ins-

trumentos recolhidos naquele local, especialmente nos aterros circunjacentes à Estação do Caminho de Ferro.

Começando por examinar, em Carvoeiro, os horizontes inferiores da formação, no terreiro ou cais novo do apeadeiro, a breve trecho colhi os exemplares que as figs. 1, 2, 3, 4, representam e considero pertencentes a um nível do *acheulense antigo*.

A um nível superior e *in situ* foram encontrados os exemplares reproduzidos nas figs. 6 a 11, que mostram pertencerem a uma indústria mais cuidada, executados com uma técnica mais apurada, um trabalho mais perfeito, correspondentes mui provavelmente a um nível *acheulense evoluído*.

Se considerarmos serem muito poucos os achados de utensílios pertencentes ao paleolítico inferior, em regiões do interior da Península, facilmente podemos avaliar a importância da localização desta estação arqueológica, para mais sendo um lugar em que é possível, o estudo das condições de jazida, fazer-se a individualização dos horizontes estatigráficos que contêm os objectos e comparar-se esta indústria com a que, pertencente ao mesmo período paleontológico, tem sido recolhida em vários locais da costa atlântica.

Deste modo, com a continuação destas pesquisas, do estudo monográfico do material encontrado nas diversas estações litorais e continentais, podemos começar a estabelecer os percursos provavelmente seguidos durante as migrações pré-históricas; ficará cada vez mais completa a visão actual da ciência arqueológica relativa a este período durante o qual o homem foi progredindo a pouco e pouco.

DESCRIÇÃO DA INDÚSTRIA

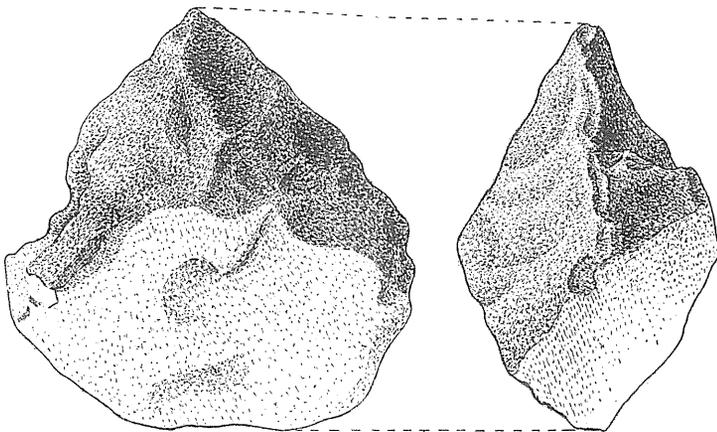
ACHEULENSE ANTIGO

Todos os instrumentos foram colhidos *in situ* no talude da via férrea, no cais do apeadeiro de Carvoeiro, ao quilómetro 64, e junto das casas da povoação.

Os estratos que continham este material paleolítico, não excedem 35 metros de altitude em relação ao nível do rio.

BIFACES E INSTRUMENTOS AFINS

1) Grande biface cordiforme em quartzo leitoso.



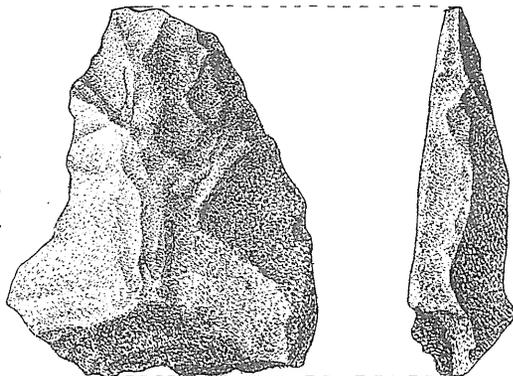
Comprimento	0,115 m.
Largura na base	0,112 m.
Espessura no centro	0,057 m.

Fabricado num grande bloco de quartzo amorfo e leitoso. Talhado a grandes lascas, pouco profundas, sobre ambas as faces, apresentando pequenos retoques posteriores e muito bem

patinado apesar da natureza do material. As arestas estão um pouco embotadas por rolamento.

2) Peça sub-triangular, de quartzo amorfo e leitoso.

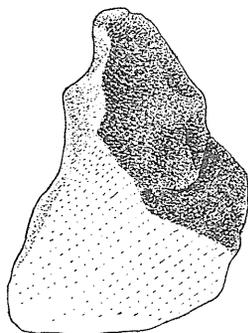
Comprimento . 0,104 m.
Largura na base 0,085 m.
Espes. no centro 0,031 m.



Talhada em delgada lâmina de quartzo, aproveitando para reverso o espelho do bloco. Mostra um lascado miúdo, pouco profundo, de arestas vivas, só com uma pátina, mostrando ter tido um ligeiro rolamento.

PEÇAS BIFACES

1) Instrumento sub-triangular, imperfeitamente biface de talhe algo fruste, fabricado num godo pouco rolado de quartzo.

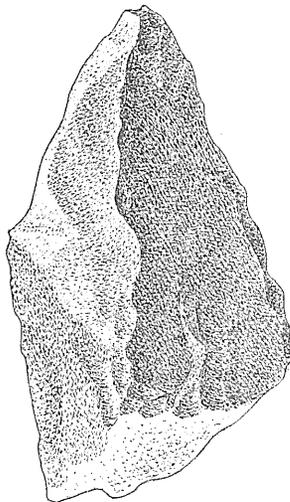


Comprimento 0,086 m.
Largura na base 0,072 m.
Espessura no centro 0,039 m.

Verso inteiramente polido e formado pela antiga superfície do burgo.

PEÇAS OBTIDAS DE GRANDES LASCAS

1) Instrumento de secção triangular talhado em ponta sobre uma grande lasca de calhau rolado.



Comprimento	0,140 m.
Largura na base	0,077 m.
Espessura no centro	0,068 m.

A superfície polida do godo foi conservada no reverso do instrumento, assim como na base onde forma o talão. Arestas um pouco gastas pelo vento. Repousava isolada entre areia fina e corada de vermelho.

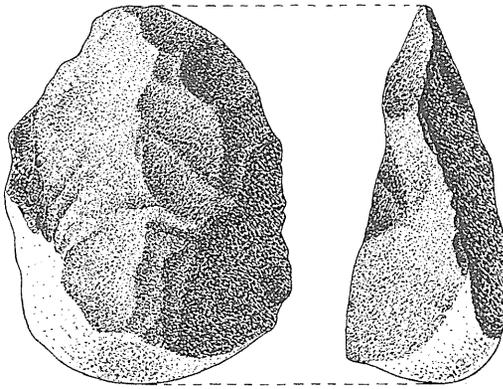
ACHEULENSE EVOLUÍDO

Todos estes instrumentos foram colhidos nos taludes da via férrea entre o quilómetro 63 e o apeadeiro de Carvoeiro, a uma altitude média de 35 a 40 metros. De arestas pouco gastas pelo

vento, nada gastas por transporte fluvial, apresentando as linhas de fractura muito pouco esmurradas.

BIFACES E INSTRUMENTOS AFINS

1) Biface ovóide, talhado com largueza, com o bolbo pouco profundo.

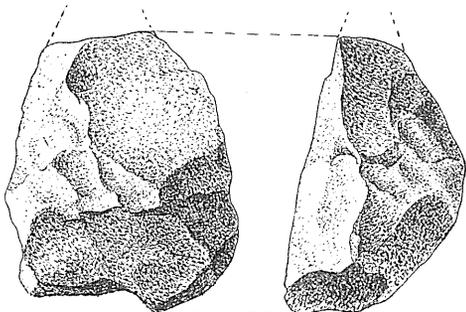


Comprimento	0,10 m.
Largura na base	0,075 m.
Espessura no centro	0,037 m.

A superfície polida foi conservada constituindo na base o talão. O reverso do instrumento resultou da extracção duma grande e única lasca. Foi colhido na valeta ao quilómetro 63 e deve ter resultado do movimento de terras aquando da construção do novo cais do apeadeiro de Carvoeiro ou do terreiro da fábrica de destilação e aproveitamento de sub-produtos da madeira.

2) Peça triangular lanceolada, de perfil regular em forma de amêndoa. Quase completamente talhada, conservando mui

pequena porção da superfície polida. Tem a ponta partida, mostrando o clássico gume em ziguezague.

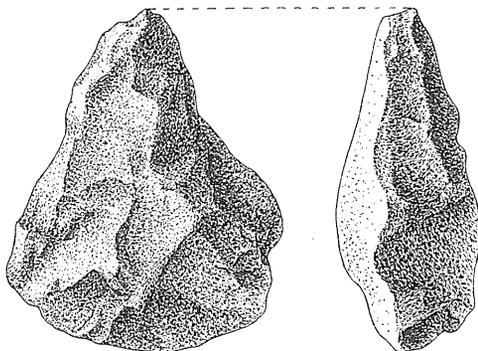


Comprimento . . . 0,72 m.
Largura na base. . . 0,50 m.
Espessura no centro. 0,47 m.

Foi colhida *in situ* no talude existente nas traseiras da fábrica de destilação, a uma altitude aproximada dos 40 metros.

PEÇAS UNIFACES

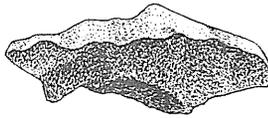
1) Uma bela peça lanceolada, talhada miudamente num só lado de um godo pouco espesso. Terminando em bico fino, mostra ter havido provável talhe de retoque, de maneira a formar faces quase planas e paralelas ao reverso polido. Talhada em toda a periferia, sendo a extracção do lascado das orlas obtido de forma a mostrar um bolbo bastante pronunciado.



Comprimento 0,098 m.
Largura na base 0,073 m,
Espessura no centro 0,073 m.

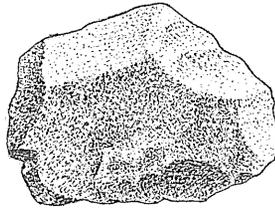
INSTRUMENTOS FEITOS DUMA LASCA

1) Uma peça lanceolada, colhida em Carvoeiro, de perfil pouco regular, obtida a partir duma lasca de quartzo leitoso. Talhe de forma a produzir um gume em ziguezague. Polida pelo vento. Apanhada no interior da camada ao quilómetro 63 da via férrea do Vale do Vouga.



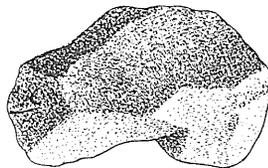
Comprimento 0,068 m.
Largura máxima 0,028 m.

2) Instrumento quase pentagonal, magnificamente trabalhado sobre uma lasca de quartzo. Com gume em ziguezague produzido pela tirada de pequenas lascas.



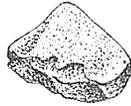
Comprimento 0,074 m.
Largura máxima 0,058 m.

3) Lasca sub-triangular fabricada em quartzo amorfo.



Comprimento 0,072 m.
Largura máxima 0,045 m.

4) Pequena lasca em quartzite, apresentando um trabalho miúdo que dá um bordo cortante curvilíneo.



Comprimento 0,034 m.
Largura máxima 0,023 m.

Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, Instituto
de Antropologia da Universidade do Porto — 7 de
Março de 1946.

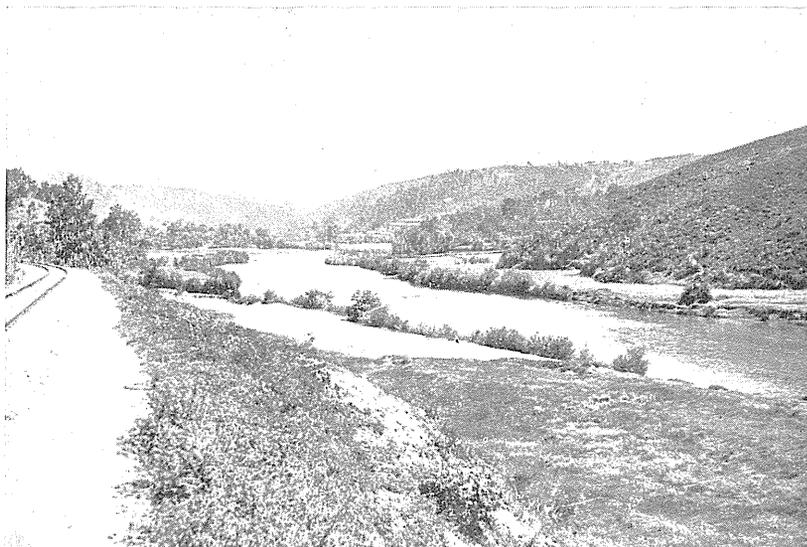
BIBLIOGRAFIA

(1) JOAQUIM FONTES — *Station paléolithique de Mealhada* — «Comun. da Comis. do Serv. Geol. de Portugal», vol. XI, Lisboa, 1915-16.

CARLOS TEIXEIRA — *A Estação Arqueológica da Mealhada* — In «Trab. da Soc. Port. de Antropologia e Etnologia», vol. IX, fasc. II, Porto, 1942.

(2) ALBERTO SOUTO — *A geologia do Quaternário e o homem paleolítico do Vale do Caima* — In «Arquivo do Distrito de Aveiro», vol. V, 1939.

GEORGES ZBYSZEWSKI — *Contribution à l'étude du littoral quaternaire au Portugal* — Porto, 1940, pág. 14.



Terraços fluviais do Vouga — formação grimaldiana — um pouco acima da confluência do Caima



Aspecto do talude sul do cais de embarque do apeadeiro de Carvoeiro.
(Distingue-se com facilidade donde foram arrancados os instrumentos líticos)



Parte do corte feito para instalação da distilaria de madeira, mostrando a disposição dos estratos tirrenianos em Carvoeiro do Vouga

A estação pré-histórica do Alto da Cabreira (Monsanto)

POR

J. CAMARATE FRANÇA

Quem segue a estrada militar de Benfca para Algés encontra, no sítio conhecido por «Portas de Queluz», uma outra estrada que se dirige para a risonha povoação de Amadora. A Norte do ângulo formado pela encruzilhada, ergue-se um outeiro de forma tronco-cónica quase regular, de vertentes ásperas, terminando superiormente por um pequeno planalto ao qual nos conduz um estreito «caminho de pé posto».

Poucos metros, a Oeste, corre uma linha de água com a direcção sensivelmente N.-S., que tem origem junto ao Casal do Zambujal e vai desaguar no Tejo, em Algés.

De aspecto bastante curioso, só por si suficiente para atrair a atenção do pré-historiador, localiza-se o Alto da Cabreira — designação local do outeiro — numa região que já tem fornecido precioso material arqueológico.

Nas margens do curso de água várias estações pré-históricas têm sido assinaladas, entre as quais avulta a da Quinta do Torres, descoberta por Vergílio Correia (1). Cerca de 1.600 metros para SE., situa-se a estação eneolítica de Montes Claros, que Leonel Ribeiro descobriu em fins de 1943 e cuja exploração tem efectuado

(1) V. Correia — *O Paleolítico em Portugal*, «O Arch. Port.», vol. XVII, pág. 60, Lisboa, 1912.

em colaboração com Eugénio Jalhay e Afonso do Paço (1). Um pouco mais longe, para SO., erguem-se os moinhos da Outurela, junto dos quais Georges Zbyszewski tem encontrado várias peças de cerâmica ornamentada. Mais longe ainda, e encoberta do Alto da Cabreira por uma dobra da Serra de Monsanto, localiza-se, a NE., a rica estação do Moinho das Perdizes, em cuja fase final encontramos abundantes restos eneolíticos (2). Também o Capitão Afonso do Paço refere ter descoberto vestígios de cultura eneolítica nos terrenos destinados ao novo cemitério municipal, nos arredores do outeiro (3). E não merece a pena falar já de tantas outras manifestações pré-históricas que abundam por toda a Serra de Monsanto, como sejam as existentes junto ao Vale de Alcântara.

Em fins de 1945, descreveu o Dr. G. Zbyszewski ao autor destas linhas o aspecto do outeiro, que lhe não passara despercebido quando, dias antes, junto dele passara ao proceder a levantamento geológico na serra de Monsanto, terminando por aconselhar uma inspecção ao mesmo, o que se efectuou no domingo seguinte.

O outeiro é ocupado por terras de sementeira e, a não ser em alguns pontos de mais acentuado pendor, todo ele tem sofrido, de alguns anos para cá, a acção do arado.

A pesquisa na base da elevação forneceu alguns restos paleolíticos. Subida a vertente e alcançado o cimo do outeiro, a primeira impressão foi de decepção, pois a maior parte percor-

(1) E. Jalhay, A. do Paço e Leonel Ribeiro — *Estação pré-histórica de Montes Claros (Monsanto)*, «Revista Municipal», n.os 20-21, Lisboa, 1945.

(2) Descoberta pelo autor em 1945 e que, pelo material fornecido, se considera a estação tipo de Monsanto.

(3) Segundo comunicação apresentada à Associação dos Arqueólogos de Lisboa.

rida do planalto nada de interessante revelou. Já se avolumava a quase certeza de uma busca infrutífera quando, observando uma pequena porção de terreno em parte rodeado por um amontoado de pedra solta, e que não abrange mais do que um quinto do total da área do planalto, se deparou à superfície, entre os regos deixados pela passagem do arado, com tudo aquilo que hoje é objecto da nossa comunicação.

Da descoberta foi dado conhecimento à Associação dos Arqueólogos Portugueses, em Dezembro do mesmo ano. A partida do autor deste trabalho no ano findo para fora de Lisboa, em cumprimento de obrigações militares, provocou a demora do cuidadoso estudo do local, que só agora se inicia com esta primeira comunicação e que se seguirá com as escavações que serão realizadas dentro do programa do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.

*

* *

O espólio recolhido divide-se em dois grupos: um post-paleolítico, outro de aspecto paleolítico, pouco abundante.

O primeiro forneceu o seguinte: fragmentos de lâminas (figs. 15, 18, 20, 22, 23 e 24), algumas afeixoadas na extremidade em raspadeiras (figs. 14, 21 e 16), raspadores (fig. 13), raspadeiras sobre lascas (fig. 17), um percutor esférico (fig. 19), uma seta de base côncava partida na ponta (fig. 10), dois pequenos fragmentos de possíveis alabardas (figs. 11 e 12), — material este todo em sílex — e inúmeros pedaços de cerâmica.

Da cerâmica, uma é lisa, de pasta grosseira, com abundantes grãos de quartzo (figs. 39 a 46); outra é de pasta mais fina, profusamente ornamentada com diversos motivos: linhas quebradas, preenchidos os espaços com segmentos paralelos (figs. 25 e 36), ou linhas rectas com os espaços preenchidos por linhas

quebradas (fig. 26), feixes de rectas e segmentos (figs. 27, 32, 37 e 38), alguns cruzando-se (figs. 28 e 29), pequenos ovais, quer formando frisos, dois a dois (figs. 31 e 34), quer reunindo-se para formar rosáceas (fig. 30). A ornamentação é incisa e os segmentos e linhas são incisos a cheio ou ponteados, sendo de especial menção os fragmentos 37 e 38, que apresentam um delicadíssimo pontilhado, talvez restos de um vaso destinado a conter produtos de beleza. Os fragmentos 25 e 26 pertenceram a duas taças do tipo de Palmela; os restantes vasos são impossíveis de identificar, sendo, porém, certo que em grande número deveriam ser, dada a diversidade dos fragmentos encontrados.

Quanto ao material paleolítico — pouco, conforme já foi dito — ele é, como aliás o de toda a serra, trabalhado nas matérias-primas aqui mais utilizadas nessa época: sílex, quartzo e quartzite. Relação alguma têm com o monumento, por serem muito mais antigos, e apenas um ou outro apresenta uma dupla pátina originada por trabalho secundário mais recente. Por mera curiosidade se lhes faz leve referência, tanto mais que as culturas paleolíticas se encontram tão disseminadas pelo Monsanto que difícil é encontrar um local onde, ao menos, não nos surja qualquer instrumento ou simples lasca a atestar as velhas e primitivas civilizações que aqui existiram.

Colhemos furadores (fig. 4), lascas afeiçãoadas em raspadeiras — algumas com pequenos bicos na periferia (figs. 2 e 3) — blocos afeiçãoados em raspadeiras ou raspadores (figs. 6, 7 e 9), etc.

Sòmente a dois nos referiremos especialmente: um pequeno seixo truncado (fig. 1) e um biface acheulense (fig. 8).

O primeiro, muito antigo, enquadra-se na série I estabelecida para o estudo das estações paleolíticas dos afloramentos basálticos dos arredores de Lisboa, contemporânea do acheulense antigo com elementos do abevilense, e enfileira tipologicamente ao

lado de outros colhidos no Moinho das Perdizes e perto de Liceia. É idêntico aos que, em grande número, aparecem em alguns pontos do litoral português e a que Breuil deu o nome de «estilo lusitano».

O segundo, que foi posteriormente truncado na extremidade para servir de raspador côncavo, parece ter sido uma machadinha cujo gume, no bordo esquerdo, foi bifacialmente afeiçoado.

Cronologia e considerações finais

O material recolhido à superfície, no Alto da Cabreira, indica-nos seguramente encontrarmo-nos perante uma jazida pré-histórica digna de ser objecto de futuras escavações, não só aconselhadas pela abundância e diversidade de cerâmica, como também por alguns achados líticos de curiosa tipologia.

Seria temerário pretendermos formar um juízo definitivo sobre a cronologia da estação, desconhecendo o material que ainda nos poderá fornecer e igualmente ignorando qual a sua significação.

Todavia, a cerâmica — principalmente os fragmentos de taça do tipo de Palmela e os ornamentados com ovais — os fragmentos de alabarda e a ponta de seta de base côncava são elementos com os quais podemos arriscar uma classificação provisória.

O ornato formado por ovais incisos aparece, quase sempre, associado à cerâmica de tipo campaniforme, no nosso eneolítico. Na Cueva del Castanyá, em Espanha, apareceram mesmo vasos em forma de sino com tal ornato, no grupo que Albert del Castillo classifica de «Cataluña Nueva e de Salamá» (1).

(1) Albert del Castillo — *La cultura del vaso campaniforme*, Barcelona, 1928.

Nas estações dos arredores de Lisboa, o tipo campaniforme aparece, frequentemente, associado também a vasos de bordos denteados. Tal sucede na estação do Moinho das Perdizes, em Montes Claros ⁽¹⁾, Alapraia ⁽²⁾, etc. Sou levado a considerar o ornato de pequenos ovais incisos, os vasos de bordos denteados — nos quais se nota uma curiosa evolução — e o grupo caracteristicamente campaniforme, pelo menos entre nós, sensivelmente contemporâneos.

Nils Aberg parece ser da mesma opinião e forma com tal associação um grupo distinto na cerâmica ibérica do eneolítico ⁽³⁾.

O arqueólogo alemão Dr. Leisner, caracteriza a fase III («Stufe III») da sua classificação geral do período dos metais pelo seguinte:

Pontas de seta de base côncava, ou com as extremidades laterais prolongadas. Pequenas lâminas ou facas de sílex. Alabardas e punhais da mesma matéria. Elementos de foicinhas. Abundância de instrumentos ósseos. Caixinhas de osso, marfim e calcário. Contas de colar de osso, xisto ou calaite. Varinhas e ídolos cilíndricos, lisos ou ornamentados. Cerâmica lisa. Cerâmica decorada com ornamentação incisa ou pintada. Primeiros trabalhos de metal (prata e cobre) ⁽⁴⁾.

É incontestável que, embora ainda nos faltem dados que preencham completamente o conjunto característico indicado pelo

(1) E. Jalhay, A. do Paço e Leonel Ribeiro — *Op. cit.*

(2) E. Jalhay e A. do Paço — *A gruta II da necrópole de Alapraia*, Academia Portuguesa da História, «Anais», vol. IV, Lisboa, 1941.

(3) Nils Aberg — *La civilisation énéolithique dans la Péninsule Ibérique*, Halle, 1921, pág. 32.

(4) Georg und Vera Leisner — *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*, Berlim, 1943, págs. 459 e seguintes.

arqueólogo alemão, os que já possuímos do Alto da Cabreira enquadram-se nele perfeitamente.

Santa-Olalla dá a tal cultura a designação de Bronze Mediterrâneo I que, segundo o mesmo autor, tem início cerca de 2.000 anos A. C. e se prolonga até 1.700 anos A. C. (1), contemporâneo da fase VI da cultura de Tróia, do Minoico Médio, do Neolítico Sahariano e do Neolítico Núbio C do Egipto (2).

Colocaremos, pois, em princípio, embora sem receio de grande erro, num período de 2.000 a 1.700 anos A. C. a estação do Alto da Cabreira, aguardando, no entanto, que futuras escavações nos permitam formular opinião mais segura.

Mais imprecisos temos de ser, porém, quanto à interpretação do monumento.

Podemos admitir tratar-se dum posto de atalaia, explicável pela vizinhança de tantos povoados, alguns fortificados; também achamos admissível ter sido um pequeno castro, onde se acolheria a população dos arredores em caso de perigo; igualmente é de presumir que se venham a encontrar sepulturas... E porque não se há-de admitir mesmo a hipótese de que houvesse sido um local de culto?

É fora de dúvida que a região vizinha do estuário do Tejo atravessou um autêntico apogeu eneolítico, de que são provas não só os achados que, dia a dia, se avolumam, mas também as lendas que aí parece terem tido origem. Não foi mesmo afastada a hipótese de que a célebre alegoria de Platão sobre a Atlântida se filiaría nesse apogeu (3).

(1) J. M. Santa-Olalla — *Esquema paleolítico de la Península Hispánica*, 2.ª ed., Madrid, 1946, pág. 59.

(2) J. M. Santa-Olalla — *Op. cit.* (Tablas cronológicas).

(3) A. A. Mendes Corrêa — *A Atlântida e as origens de Lisboa*, in «Da Biologia à História», Porto, 1934, págs. 142 e seguintes.

O Bronze Mediterrâneo I revela em suma, no dizer de Santa-Olalla, «una organizacion social y económica muy complicada, llena de fuerza y pujanza, regida por una aristocracia guer-rera» (1).

Dúvida alguma poderá subsistir de que tal desenvolvimento cultural numa região privilegiada como esta, na qual o Monsanto parece ter ocupado lugar de destaque, deveria deixar abundantes vestígios.

Quantos restos dessa milenária civilização, perdida nas brumas do passado, encerrará o Alto da Cabreira, mudo relicário de segredos tamanhos?

Sòmente os próximos trabalhos no-lo poderão indicar, e, até lá, há que aguardar pacientemente.

(1) J. M. Santa-Olalla — *Op. cit.*, pág. 61.



1



2



3



4



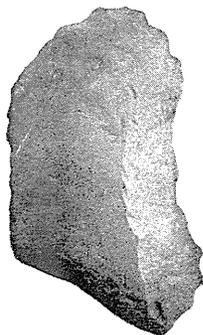
5



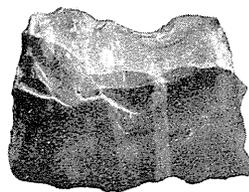
6



8



7



9



10



11



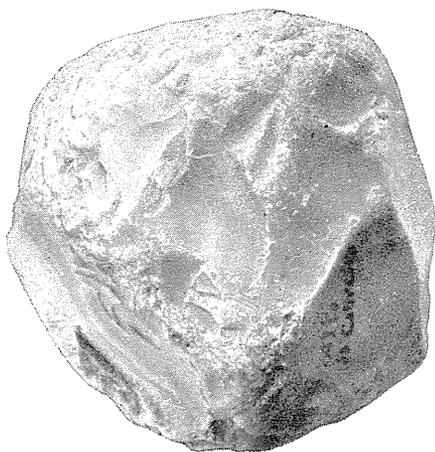
12



13



14



19



16



15



17



18



20



21



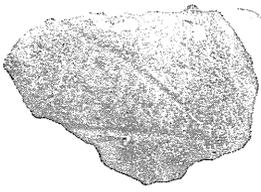
22



23



24



25



26



27



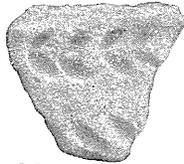
29



28



30



31



32



33



34



35



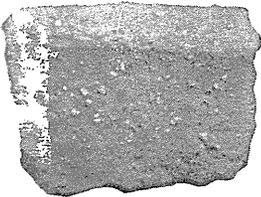
36



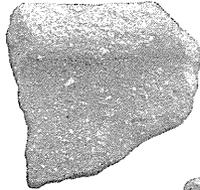
37



38



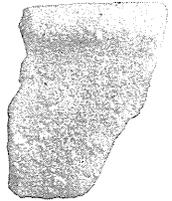
39



40



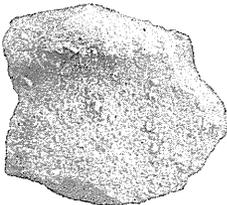
42



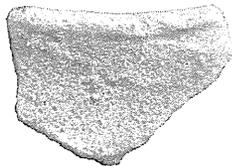
43



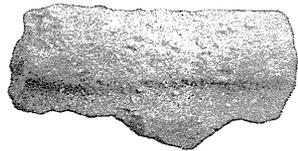
41



44



45



46

Cemitério da Idade do Bronze nos arredores de Faro

POR

Mário Lyster Franco e Abel Viana

Em Março de 1945, numa propriedade pertencente ao Sr. Joaquim Rodrigues Calças, no sítio da Ferradeira, freguesia da Conceição, concelho de Faro, ao abrir-se estreita e profunda vala para alojamento de uma conduta de irrigação, descobriram os trabalhadores algumas sepulturas antigas. A notícia do achado foi muito louvavelmente transmitida ao Sr. Dr. Justino de Bivar Weinholtz, ilustre Director do Museu Arqueológico de Faro, que não só obteve da Câmara Municipal as facilidades de transporte que nos permitiram a deslocação até ao local, mas também nos acompanhou dedicadamente na visita de exploração.

Toma-se pela estrada camarária que, do Rio-Seco, passa por Bela-Curral e vai até Pexão, aldeia do termo olhanense, e cerca de três quilómetros adiante, encontra-se, pela esquerda, o caminho vicinal que leva à Ferradeira. O local dista mais ou menos cinco quilómetros desde a saída da cidade e é geològicamente constituído por materiais de antiga praia e outros transportados, segundo cremos, pelas torrentes das últimas fases quaternárias que foram, de um modo geral, as que contribuíram para a formação do terreno que nesta zona circundante da capital algarvia representa a máxima parte do solo arável mais intensamente agricultado e produtivo.

Tal camada, revolvida por sucessivos trabalhos agrícolas, mostra, no ponto em referência, uma espessura que não vai além de 60 centímetros e que por sua vez assenta em outra de calcário alterado (caliço) mesclado de infiltrações argilosas, cujo limite inferior não chega a aparecer na vala que cortou as sepulturas, embora esta atinja ali cerca de dois metros de profundidade.

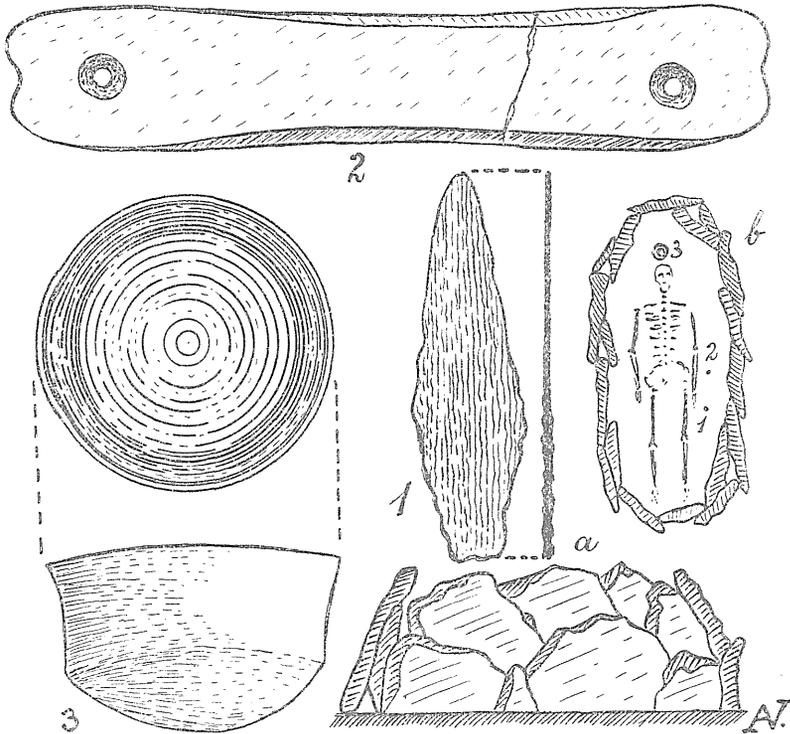
À superfície encontraram-se algumas quartzites lascadas que Abel Viana estudará em outro trabalho.

As sepulturas devassadas foram em número de três, duas das quais os trabalhadores esvaziaram completamente, e porque o eixo da vala coincidiu com a própria tumulação, da arquitetura delas não nos ficou mais do que um dos lados de uma e um dos topos da outra. Quanto à terceira, os cavadores apenas lhe destroçaram os pés, pelo que foi a única que permitiu exploração relativamente mais cuidada. E, apesar das difíceis condições de pesquisa, devido à estreiteza da vala, que não teria mais de 45 centímetros de largura, ainda se pôde obter dela o espólio que adiante se descreve.

A orientação dos túmulos era sensivelmente N. S., ficando para o N. o crânio do esqueleto jacente nesta última sepultura.

Relativamente à arquitectura do monumento funerário, observou-se consistir em uma larga concavidade rectangular com as cabeceiras arredondadas, aberta no caliço, até um metro abaixo do nível do solo, revestida de informes blocos de calcário brando (pedra caliça), de tamanho muito variável, postos de cutelo e sobrepondo-se pelas extremidades, formando desse modo caixa de configuração muito grosseira (Vid. Fig. 2 letras «a» e «b»). Estes blocos não tinham sinais de qualquer aparelho, ainda que o mais rudimentar. Nenhum deles também se justapunha pelos topos. Ligeiramente inclinados para dentro, completada a sua altura por meio de outros colocados mais acima e pela banda de

fora, tapados, com outros blocos menores, os buracos resultantes da irregularidade de contornos, o conjunto das paredes e cobertura revelava aspecto de abóbada feita de grandes calhaus postos a seco, isto é, sem argamassa de ligação. Com o tempo



Sepulturas da Ferradeira: a) — corte longitudinal; b) — posição do esqueleto e dos objectos que o acompanhavam; 1 — lança de cobre; 2 — braçal de xisto; 3 — urna.

e dada a natureza dos blocos, essa ligação prestes se fez e de maneira tão sólida que as paredes da caixa tumular formavam como que uma só peça, perfeitamente adaptada ao terreno envolvente. Mal se definia a superfície de contacto entre este e os blocos constitutivos da caixa. Por tal motivo, tanto nesta sepultura

como nas outras, não houve esmagamento das ossadas nem da cerâmica ritual, embora alguns cascões engrossados pelas infiltrações calcárias se houvessem desprendido da superfície interna da cobertura, ou cúpula rudimentar.

O esqueleto, destruído pelos abridores da vala desde meia altura dos fêmures até à extremidade dos membros inferiores, estava deitado de costas, com a nuca bem assente no terreno e os braços estendidos ao longo e aos lados do tronco. Dele se aproveitaram a parte superior do crânio, algumas vértebras e parte do humero direito, não tendo sido possível colher outros elementos osteológicos, úteis, devido à forte aglutinação da argila em que se incrustavam e, muito principalmente, à custosa posição de trabalho a que obrigavam as forçadas condições da pesquisa.

Ao lado esquerdo do esqueleto, por altura dos quadris, jazia uma pequena folha de lança (Vid. Fig. — N.º 1); ao nível do braço esquerdo, surgiu o braçal de pedra polida (Vid. Fig. — N.º 2); imediatamente por detrás do crânio, encontrou-se uma urna de barro negro (Vid. Fig. — N.º 3), com pequena porção de terra lentamente depositada.

Referem os camponeses que nas outras duas sepulturas foram também achadas vasilhas de barro e ossadas. Por amável oferta do dono da propriedade, obteve-se ainda uma daquelas (Vid. Fig. — N.º 4), sobre cujas condições de achado nada pôde determinar-se, tendo-se extraviado as restantes. Das ossadas, em parte abandonadas no local, conseguiram-se ainda recuperar alguns ossos longos (dois fêmures e uma tíbia) e uns restos de maxilar tendo ainda os dentes implantados, cujo estudo antropológico entregamos à alta competência do eminente Professor Sr. Dr. Mendes Corrêa.

O mobiliário da sepultura por nós explorada e a vasilha obtida por oferta foram entregues ao Museu Arqueológico de Faro. Passamos à respectiva descrição:

1 — Folha de lança, de cobre, do feitio de losango muito alongado, truncado pelo meio da metade inferior.

Comprimento — 0^m,077; largura máxima — 0^m,023; espessura (uniforme) — 0^m,001.

O exemplar acha-se em perfeito estado de conservação. Os bordos da metade triangular superior são ainda cortantes; os da parte inferior foram acentuada e grosseiramente achatados e serrilhados, a fim de, certamente, permitir mais segura fixação à respectiva haste. Lembra, por exemplo, várias folhas de lança, também de cobre, que Estácio da Veiga reproduz na estampa a seguir à pág. 121, do Vol. III, das suas *Antiquidades Monumentaes do Algarve*, nomeadamente as que têm os n.ºs 10 e 11, provenientes ambas de Palmela. Em geral, tanto as do Algarve como as de outras regiões do País, têm o espigão, ou pedúnculo, mais pontiagudo. Pode muito bem ser que a porção inferior do presente exemplar não fosse primitivamente truncada, e que a forma actual lhe tivesse sido dada por fractura accidental da parte que servia de espigão. Esta hipótese pode até ser corroborada pelos vestígios de um orifício que parecem ainda ver-se ao centro dessa parte truncada e que teria, possivelmente, contribuído para a fractura.

2 — Braçal de arqueiro, de ardósia cinzenta perfeitamente polida. A figura dispensa minúcias descritivas.

Comprimento — 0^m,115; largura máxima — 0^m,028; largura mínima — 0^m,023; espessura — 0^m,011.

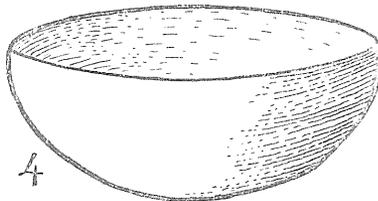
Leite de Vasconcelos (Vide *De terra em terra*, vol. 2.º, pág. 244) dá-nos a descrição e o desenho de dois braçais idênticos a este, existentes no Museu de Faro, dizendo que um deles é da necrópole da Campina (arredores de Faro e muito próximo da Ferradeira) e o outro de proveniência incerta, mas provavelmente algarvia. O nosso exemplar é muito semelhante a este último, vindo, assim, reforçar a hipótese de ter sido aquele

achado no Algarve, podendo nós acrescentar — e nos arredores de Faro.

3 — Urna de barro negro. Exemplar correctamente modelado, podendo considerar-se perfeito, não obstante algumas pequenas falhas no bordo, ocasionadas pela pressão das terras, no momento de ser exumado — ocorrência que, apesar de todas as cautelas, se não pôde evitar.

Diâmetro na boca 0^m,131; altura 0^m,065; espessura média das paredes 0^m,007.

Mostra a conformação geral das vasilhas argáricas, mas de bordo mais alto e com aresta menos pronunciada na junção da



Sepulturas da Ferradeira — Urna semi-esférica.

parte inferior, em forma de calote esférica, com a parte anular, de curva levemente reintrante. Tem alguma semelhança com certos exemplares obtidos por Estácio da Veiga na Torre dos Frades (Cacela), representados na Estampa XIII, do Vol. IV, da sua citada obra e por ele atribuídos à época que denominou de Idade do Cobre. Suspeitamos, porém, que o da Ferradeira é de tipo mais arcaico.

4 — Urna de barro vermelho. Exemplar, como o anterior, correctamente modelado e, apesar de se desconhecerem as condições em que teria sido exumado, bem mais perfeito do que o outro, pois apenas mostra ligeiras escoriações no bordo. Foi também, como, infelizmente, é hábito, um tanto raspado pelos achadores.

Diâmetro na boca 0^m,103; altura 0^m,044; espessura média das paredes 0^m,004.

Mostra igualmente a conformação das vasilhas argáricas, em forma de taça, ou, mais pròpriamente, de calote esférica. É semelhante à que aparece representada em primeiro lugar, na fig. 31, a pág. 99, da *Prehistória — La Edad del Bronce* de Moritz Hoernes-Friedrich Behn (3.^a ed.) e a uma outra que foi recolhida pelo Sr. Eng.^o A. de Melo Nogueira e que aparece reproduzida na Estampa VIII, fig. 16, do seu estudo *Estação Pré-histórica de Otelas*, in *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Tomo XVII, 1931, págs. 105 a 124.

Pela forma do monumento tumular, posição do esqueleto, rito adoptado (inumação) e características do espólio recolhido, entendemos que a sepultura explorada pertence ao período inicial da Idade do Bronze (cerca de 2500 antes de Cristo, segundo a cronologia estabelecida por Déchelette para o começo do Bronze no ocidente europeu). Desse período seriam, certamente, também as restantes.

Admitindo a possibilidade de serem as três sepulturas sòmente parte de um cemitério mais ou menos vasto, e apresentando elas características mais próximas do Eneolítico que todas as outras até agora descobertas no Algarve, fazemos votos para que, antes que os trabalhos agrícolas destruam e façam perder o resto, se torne possível a exploração pausada e cuidadosa desta estação que pode ser de muita importância.

E com a amável aquiescência, que já obtivemos, do dono da propriedade, esperamos poder vir a realizá-la, em data mais ou menos próxima.

Notas del folklor de boda en Galicia

POR

ANTONIO FRAGUAS FRAGUAS

De los temas que tienen el gran atractivo de todos los pueblos figura como uno de los principales el casamiento.

En un dialogo entre la rana y el sapo, la primera dice en su canturreo monotono y persistente:

— *Casar, casar, casar, casar...* (1).

El sapo, más filósofo de la vida, contesta diciendo:

— *I-o pan, i-o pan, i-o pan...* ?

Otro dicho refiere una sentencia que muy bien pudiera ser una amenaza: *casar, casar, que Dios dará pan*. Pudiera relacionarse este dicho con el pan del nacimiento: *cando nace unha persona trai unha petada de pan debaixo do brazo*.

Algun refran refiere la sentencia de una vida de privación de alegría desde el momento que se casa, otros se refieren a la libertad de la persona y otros a la economía.

— *Casacheste, enterracheste*.

Con este refran concuerda la copla:

Eu caseime, enterreime,
agora estou enterrada ;
de solteira roupa nova,
de casada remendada.

Es necesario advertir que el *enterramiento*, y por lo tanto lo que llamamos privación de alegría se refiere a no poder andar en fiestas y romerías por las constantes preocupaciones de la vida.

Los demas refranes a que hacíamos alusión dicen:

— *Boi solto de seu se lambe.*

— *Casamento, Sacramenta da miséria.*

— *Fillos casados, país acabados.*

El primer camino del matrimonio es el de disponerse a *buscar moza*. Fiadeiros, fiestas, rondas y parrandas son otros tantos puntos de reunión de pretendientes. El mozo acostumbra a buscar novia formalmente despues que viene del servicio militar (2). Antes de esa edad habla y baila con todas y puede mostrar predilección por alguna con la cual *parrandea*.

Parrandear es sinónimo de *parrafear*, significa sostener una conversación más o menos animada entre dos jóvenes solteros. La conversación no es necesariamente de amores, lo más corriente era que no lo fuese. Por extensión se dió el nombre de parranda a toda conversación sostenida entre jóvenes.

Hubo hombres y mujeres que poseyeron ese don de parrandear de modo admirable. Los hombres iban de unas parroquias a otras y pasaban en la fiesta tres o cuatro horas hablando con una chica de un tema que se presentaba de momento. Para ser buen parrandeador era menester que no le venciese nunca la parte contraria y no cambiar de tema en todo el tiempo que durara la conversación. Alguna vez el amor entra en ese campo dialectico y la parranda cambia de sentimiento, a eso alude la copla:

Onde hai carozos, hai fume,
 onde hai fume lume hai,
 onde hai parrandas de noite
 forza de cariño hai.

Tambien se emplea la palabra para indicar el desplazamiento de la persona de un lugar a otro. Hay que distinguir *botar unha parranda*, hablar con una chica, y *andar de parranda*, llevar moja-

duras y malas nochas por ir a una fiesta, esta clase de parrandas las sanciona la siguiente copla:

Por andar de parranda
como me vexo,
coas pernas arrasto
como un cangrexo.

El hombre en situación casadera busca la novia con la confianza que le brinda el cancionero:

Tral-o sombreiro de lado
a uso de mercader,
tes a muller por buscar
ha-la topar se Dios quer.

No existe temor ni aun con la amenaza de que su oficio sea o no de agrado:

Paseaste moi garboso
coma i-auga no rodicio
non sei se te queren
por que tes ruin oficio.

La mujer lleva por consejera el cantar que distingue en las profesiones. Anda mal parado el sastre, como él, el zapatero, y las hablillas de vecindad aconsejan que no case con herrero:

Non te cases con ferreiro
qu-e moi malo de lavar,
casate cun mariñeiro
que ven lavado do mar.

No puede fiar demasiado del consejo anterior por cuanto hay otra que invita a reflexionar el casamiento con el marinero:

A muller do mariñeiro
pode chamarse viuda;
porque ten un pe no mar
e outro pe na sepultura.

Separado del mundo poetico em hombre busca la novia segun los dictados del corazón y puede ocurrir que por razones muy especiales no puedan casarse de momento; pero si deciden constituir un hogar se prometen por esposos, *dan palabra de casamento*, esto es lo que se llama *apalabrarse*. Esta palabra ha tenido sus quiebras y a evitarlas se encaminan dos disposiciones del Arzobispo de Santiago de Compostela Fray Rafael de Valez. La primera es de primero de febrero de 1828 y dice: «S. E. con motivo de la Santa Bisita se halla penetrado de que la mayor parte de los legos del Arzebispado estan en la persuasión de que una simple palabra de matrimonio obliga en justicia asi como en conciencia y forma verdaderos esponsales de lo cual se siguen impedimentos capciosos y graves perjuicios a las familias, y esto mueve a Su exca. para evitarlos a disponer, que los señores parrocos desarraiguen este error de sus feligreses haciendoles entender que segun la circular de 1803 solo son verdaderos esponsales y obligan los otorgados por escritura ante escribano publico y bajo los consentimientos de sus mayores» (3).

La circular segun explica el mismo Prelado se dió por «la multitud de recursos echos por mujeres mozas que seducidas por simples palavras de casamiento se prestaban a ilicitos tratos creyendo ellas y sus familias que por la autoridad de su E. podía compelerse a realizar aquella».

El 27 de Abril de 1830 vuelve el Arzobispo a dar una nota aclaratoria a la primera circular porque de ella se ha «originado en algunos parrocos la duda de si las palabras de matrimonio y esponsales contraidos sin otra solemnidad obligaban en el fuero interno y producian el impedimento de publica honestidad, S. E. previene haga entender que aunque judicialmente no se puede compeler a los que dicen tales palabras a que contraigan matrimonio, en el fuero de la consciencia se les debe obligar a que las cumplan y que el impedimento de publica honestidad resulta

no de las simples palabras sino de las que van acompañadas de las condiciones que según las leyes o reglas morales se necesitan para constituir verdaderos esponsales, debiendo al Sr. Provisor los parrocos acudir en semejantes casos» (4).

El pretendiente necesita hablar a los padres de la novia y la tarea que de suyo parece sencilla está envuelta en miedo y emoción hacia los futuros suegros y más, claro está, al padre:

A tua nai xa llo dixen
na baixada do portelo,
a tua nai xa llo dixen
a teu pai teñolle medo.

El chico no puede contar de antemano con el éxito de su entrevista, puede ocurrir que una razón especial se traduzca en negativa por parte de los padres que a veces se hace saber por la misma chica. Esta respuesta que debe separa definitivamente dos almas que prometieran amarse se llama *levar un martes*. Son expresiones corrientes en casos semejantes: *Fulano levou un martes como unha casa; Fulana doulle o martes a Fulano*. En la copia aparece la sentencia rodeada de buen humor:

Come papas Manueliño
come dica que te fartes
ibas buscar Carolina
seica che deron o martes.

*

Malo raxo parta as nenas
que mal fada me botastes,
fun pretender Carolina
e despachoume c-un martes.

El desaire es más bien para los chicos que sin haber sostenido relaciones con la chica van pedirla en casamiento.

A la oposición a que se case el joven antes de hacer el servicio militar alude siguiente copla:

Eu queriame casar
 miña nai no me deixou;
 agora vou de soldado,
 boa muller me buscou.

Concertos. — Convenido el matrimonio, vencidas todas las dificultades que se hubieran presentado se fija la fecha para las proclamas, *as municións*.

Para domingo que ven
 lense as miñas municións
 agora iranse acabando
 as miñas marmulacións.

La marmuración no quiere decidir que las gentes se dediquen a hablar de sus amores con ánimo de ofenderle, es sencillamente por la persistencia del dicho, *vaise casar fulano; moito asiste fulano á moza*.

As *municións* forman la primera solemnidad del matrimonio y una vez que se hacen públicas en la misa mayor se da la noticia diciendo: *botou as municións fulano* y también *hoxe avergonzouse fulano*. Un cierto sigilo rodea las visperas de ese día y exactamente el sábado vispera de leerlas se reúnen las familias en casa de la novia procurando no ser vistos para que al día siguiente cause mayor sorpresa la noticia. Esta reunión que por primera vez se celebra para festejar la unión de las familias recibe la denominación de *os concertos*. La fiesta consiste en una cena en la que se hacía gran derroche de pan de trigo y vino, de ahí el dicho *levas pan pra concertos*, aplicado a la persona que lleva mucho pan. La denominación se ve claramente hace alusión a concertar el matrimonio.

En la fiesta acuerdan a que parroquia iran al dia siguiente a misa por no poder oír la lectura de las amonestaciones que sería de mala suerte para los contrayentes.

Cuando se celebraban *concertos* en invierno, época de fiestas de fiadeiro, era fácil que se descubriese la reunión dando lugar a que los vecinos se trasladasen a las inmediaciones de la casa de la novia y cantasen varias coplas alusivas y encomiastas:

Migueliño estás contento
e ben-o podes estar,
concertaches Mariquiña
que era a gala do lugar.

*

¡ Ai! que tellas rechamantes,
¡ Ai! que ripas d-amieiro
¡ Ai! que festas de concertos
na casa d-Anton Siciro.

*

Esta semanaña enteira
carrexouse moito pan,
foi pra facer os concertos
a filla do señor Xan.

*

Ballesterros cita la siguiente de carácter mas burlesco :

Bota leña nese lar
aunque sea toxo macho,
que esta noite se concerta
seña Andrea co Carracho (5).

Hay por último la copla que pone límite al tiempo que le falta para la fiesta a uno de los cantores:

Hoxe e luns, mañan e martes.
corta feira logo ven
dentro de catro semanas
concertome eu tamen.

La fiesta de *concertos* se repite en la casa del novio otro día, que suele ser al domingo siguiente.

Desde la celebración de la primera fiesta empiezan los preparativos de la boda. El novio regala a la novia el traje y una *mantillica* que luce el día de la ceremonia con una gran lazada.

Señalaremos como cuestión fundamental la casa de los futuros esposos. El refran dice: *o casado, casa quer*, y así es. Por regla general, los hombres salen de la casa paterna la que se deja para la hija mas joven. En los pueblos cercanos a Compostela existe el vinculo y la casa es para el mayor sea hombre o mujer. En la Provincia de Pontevedra hay la tendencia a buscar una casa para cada hija.

Al abandonar el hogar, hombres y mujeres, llevan el recuerdo de la infancia que al despertar en la emoción del pasado vive la felicidad unida a la tristeza de la despedida.

Fora casei, adios horta,
portiña do meu quinteiro
agua da nosa fontíña
sombra do meu laranxeiro.

Otra copla se burla de un padre a quien fracasa el casamiento de la hija despues de haber comprado la casa donde habia de instalarse el nuevo hogar.

Compral-a casa pra filla
vaia home madrugache,
desfixose o casamiento
ti neso no reparache.

La boda. — El día de la boda es el más solemne de la familia. Todos visten las mejores galas. Con el mayor recato, las mujeres llevan las alhajas patrimoniales. En casa de los novios se respira ese aroma de fiesta seria y emotiva. La gran sala, donde está la mejor cama familiar se ha transformado en comedor.

En una esquina de la mesa botellas, vino, pan y galletas. La familia hace los honores de la casa con el mayor afecto entreverado con la alegría y la emoción.

Van llegando los amigos que fueron invitados por los novios; la invitación se llama *chamar pra boda*. Por lo general los hombres son invitados por el novio y las mujeres por la novia.

Los chicos van a casa del novio donde son obsequiados con unas copas y galletas. Al entrar saludan a los de casa y al novio diciendo: *Felices dias*, y le responden: *Nos dea Dios*.

Un poco antes de la hora fijada sale el novio con todos los amigos y así en comitiva van buscar la novia que no ha terminado todavía de arreglarse y solo la han visto dos amigas que se encargan de colocarle todos los aderezos. Ultimados los preparativos de la gala nupcial sale la novia a la que saludan todos, e inmediatamente se dirigen a la iglesia, el recorrido se hace por camino carretero nunca por senderos y muy rara vez van acompañando los padres (6). En el momento de salir le dicen: *Dios vos vexa ir*.

Los novios visten de negro. La novia lleva traje de seda, mantillica, pañuelo de seda a la cabeza, blanco sino, está de luto, pendientes de oro, zapato bajo y media de seda. Un pañuelo de seda muy vistoso para recoger las arras, algun aderezo y por rara excepción alguna flor.

El novio lleva sombrero y bastón hasta fin de siglo XIX

vistió sempre de capa. Una copla hace burla de su indumentaria:

O que garda sempre ten
tamen o forrar e bo,
o sombreiro que leva o novio
era do pai do abo.

En la ceremonia de la iglesia estan todos pendientes del *si quiero* que pronuncian los novios con voz más o menos apagada. Es deseo general ser velados porque *quen non está velado, non esta casado*.

O cura que me casou
tamen me púdo velar,
se me peta na cabeza
volveme a descasar.

*

Eu caseime en Santiago
e veleime en Pontevedra;
a muller veu engañada
por non ser uso da terra.

Terminada la ceremonia regresan a casa de la novia siguiendo el mismo camino que han llevado para la iglesia. Los novios van delante y esperan a que les abran las puertas en cuyo momento el familiar que los recibe les dice: *Dios veña con vos e vos dea a sua bendicion*. En otro tiempo se adelantaba el novio hasta el umbral de la puerta rogando en alta voz: *Dios entre aqui*, y le respondian los de casa: *para siempre*. Los mozos al oír la formula se metian con las chicas que acompañaban respondiendo al *Dios entre aqui*, con el dicho: *e o demo na casa dos frades e as mozas bonitas na casa dos abades*.

El día de contraer matrimonio no debe tener erre y principalmente se deve evitar el martes por lo que aconseja el refran: *martes nin te cases nin te embarques, nin da familia t-aptas*. En el cancionero de Ballesteros la copla señala el día para casar y hacer la fiesta:

Casate, Xan, en domingo,
estarás o luns de boda,
o martes traballarás
acabouse a festa toda (7).

Una vez en casa de la novia se celebra la boda con dulces y copas o con una gran comida en la que hasta fin de siglo era corriente hacer un gran derroche de carnero:

Que ben cheira n-esta casa
canto carneiro sin coiro;
como hoxe non hai malla
debe ser algun casoiro (8).

La copla alude a la costumbre de matar un cordero el día que se hacía la maja. Hay el dicho aplicado a una persona que va a la fuerza a un sitio: *vai d-unhas ganas com-o carnero pra boda*. Del mismo cordero refieren que una vez iban tirando de uno y arrastrandole por un camiño; un viajero cruzando con él le pregunta: *carneiriño, vas pra boda?* y el animal responde: *Que remedio... que remedio!!!*

A media boda empiezan los brindes que se van sucediendo en continuas rondas de copas. Son parabienes que dan a los recién casados o sencillos decires burlescos, coplas o recitados para hacer reír, como el siguiente:

Salto de corzo,
pincho de lebre,
mira pra fulano como bebe.

El año 1931 hemos recogido en la parroquia de Loureiro un curioso y extenso brindis que pronunció Bianor Cavaleiro. El recitador había estado en el Brasil y el brindis tiene todas las características de estar hecho sobre uno de aquella tierra. El brindis dice así:

Brindo a os señores novios
e a toda a existencia
brindoos con alegría
con entusiasmo y clemencia.

Brindo a os señores novios
por o día en que estamos
por o solemne festexo
que aquí hoxe celebramos.

E brindo a toda a existencia
con alegría e jubilo
por estar rendendo honores
a este meu amigo y primo.

Nun día tan memorable
como e o do casamiento
que pasan anos y anos
e non sai do pensamento.

E non sai do pensamento
para o meu modo de entender
porque esto e a unión eterna
entre o home e a muller.

O casamiento e a unión
de dous corazóns que se aman
de duas almas que se atraen
de duas ideas que riman.

E o principio a nova vida
 que forma un novo lar
 e o progreso humanitario
 que principia a prosperar.

Que prosperen lles deseo
 en familia e en diñeiro
 e fago botos para eso
 por ser el meu compañeiro.

Que neste dia tan glorioso
 e de tanta alegría
 aumentou para o meu lado
 unha persona na familia.

Aumentoume unha prima
 e acolloa con emoción
 e doulle os meus parabens
 con grande satisfacción.

Canto eu podo desearlles
 e solo felicidade
 e rogolles eternamente
 disfruten tranquila.

Porque esto e a esencia
 porque esto e o principal
 para poder disfrutar
 da vida matrimonial.

Oidos así unos cuantos brindis se trae el ramo para los novios, aun cuando decimos el ramo, son dos, que se han de entregar a los recién casados. Están hechos de unas ramas de mirto adornados con flores y dulces, algunos con exquisito gusto en la elaboración. Tienen como apoyo una botella y los presen-

tan en la sala una pareja de jóvenes por lo general vecinos y de mucha amistad con los contrayentes. Al entrar en la sala los portadores del ramo, se hace silencio y la chica que lo lleva recita una composición a la que contesta la novia, sirvan de ejemplo las siguientes:

Fuy al mirto por las ramas
por las rosas al jardín
para colocar el ramo
delante de un serafín.

La novia le contesta :

Muchas gracias por el ramo
y los claveles que tiene
y aun es más de agradecer
por las manos de quien viene.

El joven entregandoselo al novio :

Aqui che entrego este ramo
con moitísimo cariño
leva dulces e rosquillas
e algun caraveliño.

El novio contesta :

Moitas gracias pol-o ramo
e pol-os dulces que ten
adornachelo con gusto
porque nos queremos ben.

Los novios tienen el ramo delante durante unos minutos y seguidamente cortan cada uno un dulce y se levantan entregandolo a una pareja de novios o por lo menos que sienten entre ellos ciertas simpatías y puede dar el ramo ocasión a que se

forme el noviazgo. El ramo se entrega siempre con un recitado semejante al primero:

Vou entregar este ramo
a unha miña compañeira
queira Dios que antes d-un ano
deixe a vida de solteira.

✽

Vou entregar este ramo
com moitísima alegría
para que axiña Fulano
veña pra esta confradía.

En Lobeira (Orense) ha existido una costumbre semejante a la que registramos de Cotobad (8 bis).

Los que ahora son obsequiados con el ramo se sientan al lado de los novios y emprenden una conversacion en medio de las miradas de los mensales. Alguna vez el ramo sigue otra pareja y aun más.

En la Mahia alta y comarcas próximas existe el canto de la regueifa que es un pan de boda adornado con gran contidade de caramelos y dulces sostenidos en un alambre que pasa sobre el mollete (9). El pan es de trigo o de centeno:

A regueifa esta na mesa
é de trigo birutado
que a birutou a novia
coas cangallas do carro.

✽

A regueifa esta na mesa
ela é de pan de centeo
o muiño que a moeu
non tiña capa nin veo.

En algúns localidades as mozas bailaban unha muiñeira con a regueifa en a cabeza, hoxe non queda máis que o canto e se fai a modo de desafío entre improvisadores de distintas parroquias lo que dá lugar a rencillas entre os mozos e é unha das razóns que han contribuído a súa desaparición. A continuación insertamos unha recollida en Castroleite (Coruña) parroquia que non celebra regueifas pero os mozos van a elas a as parroquias limítrofes:

Vengo de moys largas terras
atravesando caminos
por ver los señores novios
y también a sus padrinos.

Vamos darlle as boas noites
que entrei onte na cortiña,
vamos darlle as boas noites
a boa desta madriña.

Madriña da miña vida
madriña do corazón,
madriña da miña vida
teña de nos compasión.

Bote a regueifa madriña
pol-a folla da espadana,
se non cabe pol-a porta
botea pol-a ventana.

Bote a regueifa madriña
horas que dan os relós,
bote a regueifa madriña
considerese de nos.

Bote a regueifa madriña
valgame a Virxen do Carmen,
bote a regueifa madriña
que xa teño moita fame.

Ahi che vai a regueifa
meu divino namorado,
¡ai! que grandisima é
parece a roda dun carro.

Eu regueifa como ela
tocando no violín,
eu regueifa como ela
tocaiño nunca a vin.

Pol-o menos o que pesa home
tras de oxe veñen mais días,
pol-o menos o que pesa home
son cento cincuenta libras.

Ahi che ven a madriña
esta si que ben che vai,
ahi che ven a madriña
¡ai que boa moza fai!

Quen me dera a min con ela
tras de oxe veñen mais días,
quen me dera a min con ela
no poleiro das galiñas.

No poleiro das galiñas
botachesme moitos globos,
no poleiro das galiñas
a de haber moitos piollos.

Os piollos tocaíños
elle dar o paraben,
os piollos piscaiños
habiamolos de sacudir ben.

Deixemonos da madriña
bebendo um pouco de viño,
vamos lle dar unha volta
o bo mozo do padriño.

O padriño compañeiro
coje la pluma en la mano,
tenche unha boa pajilla
que parece un diputado.

Valgame Dios de los cielos
estou quitando a chaqueta,
si facedel-o favor
paradel-a pandereta.

Non insultes compañeiro
na historia de namorar,
non insultes compañeiro
vai aprender a cantar.

Para cantar eu contigo
a min chegame ben fondo,
para cantar eu contigo
eu seiche cantar d-abondo.

Compañeiro de mi vida
no medio ten Alicante,
compañeiro de mi vida,
vamonos chegando a diante.

Xa pasa de quince días
miña Virxe da Golada,
xa pasa de quince días
que eu non che comin nada.

O que che digo tocaio
dando a volta por Sigueiro,
o que che digo tocaio
que ti eres un bo larpeiro.

Si eu son larpeiro home
meu divino San Ramón,
si eu son larpeiro home
ti eres un bo lambón.

Deixemosche desas cousas
Virxen de Santa Lucia,
deixemonos desas cousas
que nos colle aqui o dia.

Xa me canso de cantar
baraxando na baraxa,
xa me canso de cantar
xa me vou marchar pra casa.

Antes de marchar tocaio
o arado tem a geifa,
antes de marchar tocaio
quero un cacho de regueifa.

Como che hei dar a regueifa
prenda do meu paladar,
como che hei de dar a regueifa
se inda non sabes cantar.

Eu voulle pedir os votos
de vintecatros pra fora,
eu voulle pedir os votos
os mozos d-esta parroquia.

Compañeiro de mi vida
con permiso do xuez,
o meu voto compañeira
o meu voto ahí o tes.

A regueifa está na mesa
no medio ten unha faba,
con permiso dos señores
voulle espetar a navalla.

A regueifa está na mesa
no medio ten un reló,
con permiso dos señores
voulle espetar o cuchilo.

Tantos anos viva a novia
 darredor deste palleiro,
 como de peliños ten
 a recua d-un arrieiro.

Tantos anos viva a novia
 darredor deste lugar,
 como de pedriñas tem
 a torre da Catedral.

A regueifa está no medio
 esperando con anhelo,
 vivan os de Compostela
 chupando nun caramelo (10).

Quedan en algunas localidades costumbres de origen remoto, una de ellas es el reparto del pan antes o despues de celebrada la boda. En Vedra (Coruña) los padriños van repartiendo un trozo de pan entre los vecinos de los lugares por donde pasan cuando van para la iglesia. En Puente Ledesma el reparto se hace a la noche. En esta comarca es costumbre celebrar dos comidas, la primera a las doce en casa de l contrayente que sale del hogar paterno y a la noche la cena en donde van fijar la residencia. Terminada la cena se organiza una pequeña fiesta de panderetas, acordeón o gaita, segun la importancia de la boda y una vez iniciada salen en comitiva por el lugar repartiendo en cada casa un bollo, *O Canelo*, habiendo dejado uno de media libra en casa del cura. Carre Aldao refiere este reparto en localidades que dura la fiesta toda la noche y el bollo se reparte a la mañana (11).

Alfredo Garcia Ramos opina que el pan de boda sea vestigio de la torta celtica que ellos usaban en sus espon-sales (12).

Por ultimo hemos de referir otra costumbre de recuerdo antiguo: la recepción de la novia cuando va para casa del novio, costumbre que aun se practica en algunas parroquias de Mellid. Los novios realizan el viaje de residencia siempre acaballo y al llegar a la puerta de casa, una persona de la familia espera a la novia en la puerta con una vela encendida en la mano; Vicente Risco dice que sin duda la vela representa «a antorcha que os romans chamaban d'Himeneu, lembranza nova do culto familiar, que fai do fogar santuario. Tamen poidera lembrar vellas usanzas señorias, mais de todol-os xeitos, estas cousas teñen sen dubida un orixe comun e pol-o menos sempre un senso simbolico, xa non coscente, mais que abonda pra lle dar un caraute sagro» (13).

A partir del momento de ser casada la mujer tenia que poner el tocado correspondiente a su estado para diferenciarla de las solteras; pero en la tierra de Cotobad ya a principios del siglo XVIII tenian la indumentaria igual casadas y solteiras de lo que protestan parrocos y visitantes. El 21 de Julio de 1715 Don Juan Antonio Trelles Visitador general consigna el siguiente mandato en la parroquia de Loureiro: «Por quanto su merced ha allado que en este contorno y feligresia las mugeres casadas no traen traxe de tales en la cabeza por lo qual no se diferencian de las solteras y para aorrar los inconvenientes que en caso dello pueden redundar manda saber que cada muger casada le ponga conforme a su gusto y se reconozca ser tal casada y lo cumpla y el cura se lo haga cumplir y sus maridos de cada una pena de escomunión mayor *late sentencie*, y de que constando lo contrario seran multadas y castigadas y se pasara a lo que aya lugar» (14).

Muy posiblemente las mujeres de entonces no usaban la toca de casadas por garbo y comodidad en las cuales no reparaban los hombres que siempre han tenido en esta hidalga tierra una noción elevada de la mujer y del amor.

Y para finalizar, la copla que de modo humorístico señala el matrimonio del hambre con el hambre misma, en donde la fuerza de una es atenuante del nombre de la otra:

Este ano hai moito millo
casamentos que ha d-haber,
hase de casar a fame
coa gana de comer.

NOTAS

(1) Entre las variantes que tenemos recogido figura una que sustituye la S por x.

Hemos de hacer constar de modo general que el presente trabajo responde en su mayoría a los costumbres de la comarca de Cotobad en la provincia de Pontevedra; a ésta tierra se refieren siempre que no se haga constar otra localidad.

(2) En Cotobad los hombres muy rara vez se casan antes de los 24 años. Al regresar del servicio se dice: *ese xa trai os papeles debaixo do brazo*. Es frecuente que antes de casar se ausenten por algún tiempo.

(3) Archivo Parroquial de Santiago de Loureiro en Cotobad. Libro de Veredas, fol. 10 v.

(4) Id. Id., fol. 15 v.

(5) José Pérez Ballesteros — *Cancionero Popular gallego y en particular de la Provincia de la Coruña*. Tomo II, pág. 79.

(6) En algunas localidades los contrayentes reciben la bendición de los familiares. En Puente Ledesma (Coruña) era costumbre que la madre de la novia diese la bendición al salir y la suegra al entrar. En otras localidades del Ulla es curioso el abrazo de la novia a la suegra al regresar de la iglesia, motivo de expectación de todos los asistentes a los cuales procura burlar la novia adelantándose a la comitiva. En Mellid la bendición es uno de los momentos de más emoción de la ceremonia. Vid. *Terra de Melide*, pág. 405.

(7) Pérez Ballesteros — *Op. cit.*, tomo III, pág. 60.

(8) La comida en las bodas se tuvo que reglamentar en distintas épocas limitando los comensales que podían asistir. En los *Ordenamientos de posturas* a la ciudad de Burgos, dados por Afonso X se dice en el num. 13 «*De cuantos combidados coman a la boda et que non den calças...* Orto si mando en razon de las bodas que nenguno non sea osado de dar nin de tomar calças por casamiento

de su parienta et el que las tomare que las torne dobladas al que las dio et que peche C maravedis en coto, tambien el que las dio como el que las tomo... Et mando que non coman a las bodas mas de cinco barones et cinco mugieres de parte del novio et ortas tantas de parte de la novia sin compañia de su casa. Et estos sean sin el padrino et la madrina et el padre et la madre de los novios et que non duren las bodas mas de cinco dias». (Vid. Ismael Garcia Ramila — *Ordenamientos*, «Hispania», tomo v, num. XIX, pág. 209).

Los Reyes Catolicos dieron una Pragmatica para Galicia en donde las comidas de boda duraban varios dias en la cual se dice que «no sean osados de combidar ni llamar, ni llamen ni combiden cuando ovieren de casar sus hijos, o hijas, o hermanos, o hermanas, o criados... salvo parientes i parientas i aïnes dentro del tercero grado del home o de la muger que se oviere de casar... i puesto que sean llamadas i combidadas mas personas mandamos i defendemos que no vangan ni esten en ellos para comer i cenar i otro si que los susodichos que asi pueden ser llamados para cualquier de los dichos actos... que no puedan estar ni esten en ellos, ni coman, ni beban en ellos salvo un dia i no mas, i esto a costa de los que combidaren, sin pedir, ni demandar, ni recibir de los combidados cosa alguna;... so pena que qualquiera que contra este nuestro entendimiento fuere, o llamare o combidare... i cualquier que viniere combidado o estuviere o comiere en ellos, que por cada vez que lo hiciere caya i incurra cada uno de ellos en pena de diez mil maravedis i sea desterrado del Reino de Galicia por dos años». (Vid. Antonio Lopez Ferreiro — *Galicia en el último tercio del siglo XV*. Primera edic., pág. 307).

La prohibición de las comidas continua durante gran parte del siglo XVI, solicitando los contrayentes la visita del Alcalde para comprobación de que no hacen fiesta.

(8-bis) Vid. Xoquin e Xorxe Lourenzo — *Un casamento en Lobeira*. Nos., n.º 58, pág. 186.

(9) La *regueifa* és un pan que ya se hacia en el siglo XIV y según un documento de la epoca valia *oito diñeiros*. Vid. Eugénio Carre Aldao — *Geografía General del Reino de Galicia*. Tomo I, pág. 706.

(10) Agradecemos a Don José Varela las notas que nos ha facilitado de las regueifas.

(11) Carre Aldao — *Op. cit.*, pág. 738. En Cotobad se hacia un reparto de pan en los entierros, a las personas que lo fueran solicitar y se llamaba *o carolo*.

(12) Citado por Carre Aldao — *Geografía*, pág. 738, nota.

(13) *Terra de Melide. Vida social*, por Vicente Risco, pág. 406.

(14) Arch. de la parroquia de Loureiro. Libro I de Fabrica, fol. 133-134.

Notícias da necrópole de São Tiago de Arados descoberta no séc. XVIII

POR

ANTÓNIO CRUZ

Director da Biblioteca Pública Municipal do Porto

As cartas do Cónego da Sé do Porto Bernardo de Azevedo e Carvalho que se publicam adiante pertencem a uma colectânea onde foram reunidas todas as que o seu autor enviou, em 1721, 1726 e 1727, a D. Manuel Caetano de Sousa, remetendo-lhe notícias que interessam, de modo particular, à história da Diocese Portucalense.

O valor particular das cartas advém-lhes do próprio conteúdo, pelos elementos que fornecem ao estudioso ou ao simples curioso. É dispensável, pois, qualquer comentário. Mas quem as publica julga do seu dever antepor-lhes breves palavras, para dizer da sua proveniência, das pessoas que nelas intervêm e do propósito que as determinou. No conjunto, são estas algumas das razões que ajudam a situar as cartas no tempo e no lugar próprio que devem ocupar, dentro do campo vasto dos subsídios para a história da arqueologia portuguesa.

1. *O manuscrito.* — As cartas do Cónego Bernardo de Azevedo e Carvalho estão integradas no códice n.º 8.750 da Biblioteca Nacional. Deu notícia destes documentos o Sr. Dr. Mesquita de Figueiredo (1).

(1) V. António Mesquita de Figueiredo, *Subsídios para a Bibliografia da História Local Portuguesa*, pág. 56 (Lisboa, 1933).

Como se trata dos próprios originaes das Cartas, é de admitir que tenham sido integrados na Biblioteca Nacional quando ali foram também recolhidos outros documentos da Academia Real de História. Adiante se dará explicação do raciocínio que levou a semelhante hipótese. Neste lugar, cabe apenas transcrever algumas das linhas que Pedro de Azevedo antepôs à publicação, no *Arqueólogo Português* (1), do livro 2.º da correspondência expedida e recebida, pela Academia. E diz o saudoso e grande arquivista que «com o desaparecimento da Academia Real de História muito se perdeu do cartório da Academia, mas alguma coisa resta dele entre os manuscritos da Biblioteca Nacional».

As primeiras Cartas da colecção — dezassete, ao todo — referem-se apenas a pontos ligados com a história da Diocese do Porto. Interrogado acerca de fontes inéditas, memórias e outra documentação, o Cónego Bernardo de Azevedo e Carvalho respondia sempre com apreciável soma de pormenores e desembaraço. Têm, pois, o seu interesse, para a própria história da cidade, essas cartas. A seu tempo virão também a público, se Deus quizer. E então poderá o leitor concluir, como eu, que o autor das Cartas revela erudição invulgar para o seu tempo e ainda um conhecimento perfeito das fontes onde melhor podia documentar-se para o seu propósito.

2. *O autor.* — Segundo informa o Rev. Doutor António Ferreira Pinto, no seu volume de estudos sobre *O Cabido da Sé do Porto* — trabalho que é de imprescindível consulta, anote-se de passagem, para tudo quanto diga respeito à própria crónica citadina — o Rev. Bernardo de Azevedo e Carvalho tomou posse do canonicato em 13 de Novembro de 1702, tendo nele resignado,

(1) V. *Arqueólogo Português*, vol. XXVI, pág. 37, art. de Pedro de Azevedo: *O livro 2.º da correspondência expedida e recebida pela Academia Real da História.*

por coadjutoria e futura sucessão, seu tio Domingos Carvalho de Azevedo. Veio a falecer aos 20 de Dezembro de 1729 e foi sepultado na Sé Catedral (1).

Da primeira das cartas adiante publicadas — e que é junta, aqui, às restantes, apenas por conter esse pormenor biográfico, — depreende-se que o Cónego Bernardo de Azevedo e Carvalho exercitou também o cargo de Vigário Geral do Bispado.

3. *Fim das Cartas.* — O Cónego Bernardo de Azevedo e Carvalho endereçava as suas Cartas a D. Manuel Caetano de Sousa. E logo na primeira, datada de 8 de Março de 1721, diz o seguinte:

«Entreí a fazer a delligencia que me fez merce recomendar das noticias p.^a a historia Portugueza. . . »

Daqui se conclui, de pronto, a que fim visavam estas Cartas. Adiante vai explicação completa deste ponto.

4. *A primeira notícia da necrópole.* — Baseado nos elementos que lhe enviou o seu correspondente, D. Manuel Caetano de Sousa deu notícia da descoberta da necrópole de S. Tiago de Arados, na Conferência da Academia Real da História Portuguesa, de 23 de Janeiro de 1727.

É por demais sabido que no vasto plano da acção benemérita da Academia estava compreendida a recolha, através de todo o Reino, de notícias que interessavam a cada um dos aspectos gerais e particulares da sua História. Esta a preocupação dominante daqueles que, por seus méritos, foram chamados a colaborar na iniciativa de El-Rei Magnânimo. E a mesma preocupação

(1) V. Cónego Dr. António Ferreira Pinto, *O Cabido da Sé do Porto*, vol. VI da colecção de «Documentos e Memórias para a História do Porto», pág. 179 (Porto, 1940).

dominava também os correspondentes — fossem eles ou não académicos — que de toda a parte e com louvável solicitude acorrem a juntar notícias e a rebuscar as fontes, carreando assim elementos preciosos para a História monumental que a Academia empreendeu.

Vale a pena extrair da notícia da Conferência referida atrás aquela parte em que D. Manuel Caetano de Sousa resume e comenta as informações que lhe foram enviadas pelo Cónego Bernardo de Azevedo e Carvalho. Este é o melhor, o mais expressivo dos prólogos que pode antepor-se à publicação das Cartas. E diz assim:

«Como logo no principio da Academia, por ordem especial de Sua Magestade, encomendey a todos os Reverendos Commissarios da Bulla da Cruzada deste Reyno, e suas Conquistas, que me mandassem as noticias, que pudessem conseguir dos seus districtos, ao que todos satisfizerão com pontualidade; ultimamente tive hum aviso do Reverendo Cónego Bernardo de Azevedo e Carvalho, dignissimo Commissario da Bulla do Bispado do Porto, em que me escrevia teremse achado no Concelho de Bemviver, humas sepulturas antigas, com algumas circunstancias muito dignas de reflexão.

A primeira relação que tive, diz: Que no concelho de Bemviver, Freguesia, e Couto dos Religiosos do Mosteiro de S. João de Pendorada da Ordem de S. Bento ha hum monte, chamado Monte de Arados, (nome que se lhe impoz por hum estratagema de seus antigos habitadores, contra o poder dos mahometanos) e no mais alto delle se acha edificada huma Capella de Santiago, e que no circuito della se conservão vestigios de humas paredes, que dizem ser feitas pelos Mouros, (principio, que o vulgo costuma dar aos edificios, cuja antiguidade se ignora) e no pé deste monte pela parte do Poente, havendo de se fazer humas casas por ordem do Reytor de Sandim, e descobrinda-se a parte em que

se havião de edificar, se descobrirão muitas covas, feitas ao modo de sepulturas, e que nellas se acharão diversos vasos de barro vermelho, de varios feitios, e alguns pregos, e huma pedra de Sepultura, lavrada, e na cabeça della, huma Cruz dentro em hum circulo, dividido com ella em quatro partes iguaes. Nessa mesma sepultura se acharão duas pequenas moedas de cobre dos Emperadores Constante, e Constancio, dos quaes o primeiro imperou até o anno de 350 e o segundo imperou até o anno de 361.

Com esta noticia recomendey mais exacta diligencia, e tive mais individual relação, de que aquellas sepulturas serão dez, ou doze, em altura pouco mais, ou menos de quatro para cinco palmos, que estarião distantes humas das outras tres, ou quatro palmos, e que occuparião todos a extensão de trinta até quarenta palmos, que todas tinhão por cima lousas de pedra, e outras tambem pelas bandas, que corrião do Norte para Sul, e que nas cabeças tinhão os diversos vasos de barro, que ficão ditos; mas não declara a relação, estavão para a parte do Oriente, se do Occidente; e confesso, que não me occorreo senão hoje, que lhe faltava esta circumstancia não indigna da memoria, á vista dos diversos costumes, que tiverão nesta situação os antigos; porque os Athenienses voltavão os cadaveres para o Oriente, e os Phénices para o Occidente, como diz Lilio Gyardo (*de Vario Sepelendi ritu*, pág. 657) e dos antigos Christãos sabemos, que sepultavão os corpos com a cabeça para o Occidente, e os pés para o Oriente, como escreve João Bautista Casalio (*de Veteribus Sacris Christianorum ritibus*, cap. 66, pág. 266). Não se acharão cinzas naquelles vasos, Só em huma sepultura se achou huns ossos muidos, que mostrão ser de cabeça. Tambem nas sepulturas se acharão pregos de ferro, como fica dito, e alguns de diferentes feitios, e que entre estas dez, ou doze sepulturas, se achou huma para a parte do Poente, com huma pedra lavrada por dentro, e no alto della huma Cruz da fórmula, que já fica dito, e que esta

pedra estava encostada à sepultura. Que também se achou huma pia de pedra pequena, que levaria duas, ou tres canadas de agua, e que se acharão mais duas, ou tres covas redondas, cubertas de lousas, tundo no mesmo sitio, junto do qual se acharão ha annos talhas, e urnas, e que nas talhas se acharão cinzas e carvoens. Muitos daquelles vasos se quebrarão ao cavar, alguns delles tem a fôrma dos vasos, em que vem a agua de Espà, e estas tem huns burequinhos no bojo. Hum daquelles vasos tem abertos estas letras MAROI.

Tambem em hum pequeno pucaro de cor verde se achão os caracteres seguintes ⁽¹⁾: e pela outra parte do bojo tem outros caracteres nesta forma ⁽²⁾.

Conferidas todas estas circumstancias, com o que sabemos dos antigos ritos sepulchraes, me parece, que podião ser curiosa materia de huma Dissertação Filologica, principalmente havendo em huma daquellas sepulturas a Cruz, final do Christianismo, e nas outras, urnas, e outras cousas usadas do Gentilismo. Das medalhas de Constante, e Constancio se vê, que a sepultura em que se acharão, não tinha mais alta antiguidade. Duas outras medalhas mayores também de cobre se acharão entre a terra, e não se advertio, de qual das sepulturas se tirarão; em huma já se não via figura, a outra he de Lucio Vero, que principiou a imperar no anno de Christo 189.

Tambem póde servir, para dar alguma luz, o conferir os lugares, em que os Romanos fazião as sepulturas, como escrevem Pedro Morestello na sua Pompa Feral; o Padre Francisco

(1) Os *caracteres* a que se refere D. Manuel Caetano de Sousa e por ele reproduzidos neste passo da sua comunicação, são os mesmos que insere a Carta III-A, do Capitão Manuel de Azevedo.

(2) *Idem, idem.*

Pomey na sua Libitina; Jacobo Guterio *de Jure Manium*; Lilio Gregorio Gyraldo *de Vario sepeliendi ritu* e outros muitos, que tratão desta materia: com o que diz do Monte de Arados a Benedictina Lusitana tomo 2. pagina 200. (1) e seguintes, e o Padre Antonio Carvalho da Costa na sua *Corografia Portugueza* tom. I tratado 4. Cap. 12 (2) fallando do Concelho de Bemviver, pag. 397. a donde descreve o sitio de Santiago de Arados, ao pé do qual se acharão agora as sobreditas sepulturas. Se eu tiver algum tempo menos occupado, de boa vontade escreverey mais largamente sobre esta materia, por ser pertencente á Historia do Porto» (3).

(1) Ao contrário do que podia inferir-se, ao primeiro raciocínio, do passo alegado por D. Manuel Caetano de Sousa, Fr. Leão de S. Tomás não dá, na *Beneditina*, qualquer notícia de carácter arqueológico acerca de S. Tiago de Arados, limitando-se a discorrer, ao longo de mais duma vintena de páginas, sobre as origens do mosteiro beneditino de S. João de Alpendurada.

(2) Ao referir-se ao concelho, agora extinto, de Bemviver, na sua *Corografia Portugueza*, o Padre António Carvalho da Costa escreve:

«Todo este Concelho he huma serra dividida em altos montes, que se despenhão no Tamega, & Douro, hum dos quaes se chama Santiago de Arados, nome que tomou de huma Ermida deste Santo Apostolo, que no alto a coroa em huma larga planicie, depois de se sobir a ella huma legoa do Douro; he frequentada de muitas Freguesias com clamores annuaes por voto de seus antepassados; dizem huns, que por o Santo os favorecer aqui em huma occasião, em que os Mouros na restauração de Espanha se haviaõ amparado deste sitio, que os Christaõs lhe ganharaõ numa noite, ajudandose do estratagema de por luzes nas pontas do gado, & guiallos alguns por huma parte, em quanto os mais sobiaõ por outra; sinaes se vem de hũa estrada soterranea por onde se communicavaõ com o Douro, & se tem achado nella alguns mineraes».

Pelo que se vê, esta notícia contém pormenores que interessam à história do castro de São Tiago de Arados e não, particularmente, à da sua necrópole.

(3) V. *Collecçam dos Documentos, e Memorias da Academia Real da Historia Portugueza...*, tomo 7.º, pág. 4 (Lisboa, 1727).

5. *Conclusão final.* — Quer das Cartas do Cónego Bernardo de Azevedo e Carvalho, quer da breve memória que redigiu, baseado nelas, D. Manuel Caetano de Sousa, colhe-se a notícia duma necrópole caracteristicamente luso-romana que existiu em São Tiago de Arados, freguesia de Ariz, actualmente do concelho de Marco de Canaveses. O espólio ceramológico inventariado naquelas notícias parece esclarecer-nos de que esta necrópole era idêntica a tantas outras das terras do norte. O aparecimento de moedas marca-lhe, com segurança, a cronologia.

Interessantes, ainda hoje, para o investigador, estas Cartas valem, sobretudo — em nossa modesta opinião — como documentos do interesse que a arqueologia despertava no país, nos princípios do século dezoito. Que esse interesse caracterizasse um D. Manuel Caetano de Sousa e a benemérita instituição a que ele prestou a melhor, a mais benemérita das colaborações, vamos! Porém, que fosse mais do que simples curiosidade o que movia um Cónego da Sé do Porto, embora ilustrado, e um Capitão de Ordenanças que vivia isolado num recanto provinciano, isso é que é de estranhar. De estranhar — e de anotar. E foi o que se fez.

Porto, Junho de 1948.

I

Rm.º Sor.

Meu Amo e meu Sor. rendo a V. Rm.^a Sr.^a as gracias e me ponho a seus pes pela grande m.^{ce} e honrra que me fas de me permitir suas noticias com as quoaes me ficão os seguros Logra boa saude permita Deus dar lhe amais perfeita como lhe desejo e fico rogando ao mesmo sor. Iha conseda e todas as felicidades.

Tambem agradeço a V. Rm.^a Sr.^a o aprovar a accção que fis de largar a occupação de vigr.^o g.^{al} deste Bispado pois ofis movido de que sendo eu conego desta see não hera politica continuar na dita occupação ficando o meu Cabb.^o sem o governo, sei que o sor. Arcebispo de Braga recomendou ao G.^{or} deste Bispado me movece a continuar, porem eu insisti na rezulucção que tinha tomado, e finalm.^{te} p.^a honrra me basta o ser subdito de V. Rm.^a Sr.^a e a m.^{ce} e honrra que me fas.

Veja meu Sor. se quer faca alguma couza de seu servico que não so me tem certo com efficacia, mas tambem apeteço m.^{to} o emprego de seu criado.

Ds. g.^{de} a V. Rm.^a Sr.^a m.^{tos} a^s. Porto 25 de Mayo de i 726.

Aos pes de V. Rm.^a Sr.^a

Seu menor criado

Bernardo de Azd.^o e Carv.^o.

Rm.º Sor. D. M.^{el}
Caetano de Sousa.

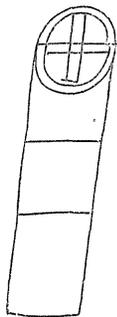
II

R.^{mo} Snr.

Meu amo e m.^{to} meu S.^{or} Premittame V. R.^{ma} S.^{ria} porme a seuz péz, e significar-lhe lhe dez a saude maiz prefeita, e todaz az felicid.^{des} o q̃. não cesso em rogar a D.^s lhe conceda.

Como sei o dizvello com q̃. V. R.^{ma} S.^{ria} chamado monte dos Arados, e no mais alto delle está situada hũa capela de Sam Tiago no sercuito della se acham hũa parede que dizem ser feita pelos mouros, e no pé deste monte p.^{la} p.^{te} do poente fazendose hũas cazas, e descobrindose a p.^{te} donde se auiam de fazer se acharam cantidade de couas feitas ao modo de sepulturas, achando se nellas emfuzas de diuersas castas, barris, tigellas, e pucaros de barro uermelho, e pregos, e tambem se achou hũa pedra de sepultura laurada e na cabessa della hũa crux como abaixo se mostra, e dentro nesta se acharam duas moedas com cara e letra, e mais se acharam duas moedas que eram imcluzas.

Segue-se a crux.



Vendo az Infuzas q. vierão, e maiz traztez de barro de tigelaz, e pucarinhos quazi tudo são cacos ou pedasos do q̃. foi.

E som.^{te} trez infuzas he q̃ estão out.^{ros} de se poderem remeter; porem duaz dellaz são do feitio de bilhas ou almo-toliaz, ou p.^a melhor dizer são do modo de huaz bilhaz em q̃ coztuma vir agoa de Spar do Norte; porem de barro vermelho, e estaz tem hunz buraquinhos no bojo q̃ mostrão, ou parecem ser feitoz ia no tempo q.^{do} se meterão naz sepul-turaz.

A outra infuza mostra q. teue duaz azas, não tem buracos, e só por uma do bocal tem hua quebradura.

L.^{to} az tigelaz duaz são p.^a feitio de frigideiras de barro estão sanz, são tambem de barro vermelho grosso; veyo maiz outra tigela da mesma sorte, maz gasta da terra e com hũa fenda ainda q̃ pouco penetrante; maz tambem na borda tem algunz bocados quebrados.

O maiz tudo são cacos, ou pedasos do q. foi... fez não há q. ver e som.^{te} hũa tigelinha pequena de barro vermelho quebrada por hũa parte, na se emprega... se averi-gue na Academia tudo o q̃ se possa dar a luz da Historia Portugueza lhe remeto essa pequena rellação incluza do q̃ se achou debaixo da terra em hũa obra rustica q̃ se anda fazendo ao pé de hu monte, e fica em hũa ponta aguda q. faz o Rio Tamega q.^{do} se mete no Douro no citio de entre amboz oz Ríoz: com esta rellação tambem remeto a V. Rm.^a S.^{ria} trez medalhaz q̃ se acharão duaz em hũa sepultura, e entendo q̃ tambem a terceira sahiria della, poiz som.^{te} se descobrio solta na terra ao depoiz de descobrir a sepultura e se tiraz terra da mesma, e não se sabe se sahio de dentro, ou se estaria avulsa por fora. Maiz se achou outra, maz tão gasta q̃ della se não diuiza forma algũa: estimarei q̃

dellaz se descubra algũa noticia: Àz d.^{as} trez medalhas vão no embrulho incluzo; fico aoz pez de V. R.^{ma} S.^{ria} rendido. Ds. gd.^e a V. R.^{ma} S.^{ria} m.^s a.^s. Porto 23 de Nour.^o de 1726.

Aos pes de V. Rm.^a S.^a,
Seu Menor Criado

Bernardo de Azd.^o e Carv.^o

Rm.^o S.^r Dom Manoel
Caetano de Souza.

III

R.^{mo} Snr.

Meu amo, e m.^{to} meu S.^r Agradeso m.^{to} a V. R.^{ma} S.^{ra} a grande m.^{ce} e honra ã me fáz em me continuar suas noticias movido do seu benigno animo, e não do meu merecim.^{to} p.^{lo} ã me ponho a seuz péz, e tambem por me seruirem de anuncio p.^a az boaz feztaz, tenha az V. Rm.^a S.^{ria} m.^{to} alegrez com todaz az felicit.^{ez} e eu não cessarei em rogar a Ds. lhaz conceda.

Tambem rendo a V. R.^{ma} S.^{ria} az graçaz por me participar a Oração panegirica ã fez noz annoz da S.^{ra} Raynha e inspirou Ds. em V. Rm.^a S.^{ria} o fazerme este favor por esmola poiz falando a V. Rm.^a S.^{ria} com toda alizura tenho grande gosto, e me regalo q.^{do} leo papeiz de V. Rm.^a S.^{ria} e todoz tem o mesmo gosto poiz não ha couza mais erudicta, eo ã V. Rm.^a S.^{ria} me tinha ia feito favor remeter o virão não só oz meuz Conegoz, maz tambem todoz oz Desembargadorez desta R.^{am} e az pessoaz principaiz da terra, e me

custou m.^{to} tornallo a haver a meu poder poiz todoz o que-rião, e eu ia daqui estou com grd.^e diz: devo tambem o outro q̃ V. R.^{ma} S.^{ria} me promete por sua grandeza.

Escrevi a Bemviver a hũ Capp.^{am} por ser a pessoa q̃ ali há de maiz resp.^{to} p.^a me remeter a informação q̃ V. Rm.^a S.^{ria} me recomendou, e a q̃ elle me inuiou he a incluza athe onde elle poz o seu sinal, e a q̃ se segue ao depoiz della he a q̃ eu achei noz pucaros, tigelas e infuzas q̃ ficão em meu poder, e se seruirem assim az remeterei, e o ponto está a via por onde hão deir p.^a q̃ não quebrem maiz, e só acho que poderão ir em Caravela ainda q̃ de Inverno poucaz vezez sucede haver aqui ezta embarcação.

Az letraz q̃ se lhe acharão vão bem imitatidaz, az da tigelinha q̃ tem o nome de Maro conforme parece dizerem Maro Primr.^o me faz conciderar no q̃ dizem alguns m.^{tres} da V.^a de Amarante q̃ esta dita V.^a fora fundada por Maro Romano, este na Serra do Marão quizera fundar hua cidade e lhe dera principio, e q̃ a mesma Serra delle tomou o nome.

A fig.^a de Pendorada aonde foi achada esta mina tem hũ Conv.^{to} de fradez m.^{to} antigo, aonde está hũa grd.^e reliquia de S. João Bap.^{ta} e como... tez fradez são bentoz e compuzerão varias ca... nicaz não sei se em algua dellaz se fará menção de algũa couza a resp.^{to} do referido.

Hũ deztez diaz me uierão hunz autoz à mão p.^a dar hũ parecer em hũa cauza daz freiraz de S.^{ta} Clara desta cid.^e, e como nos mesmoz autoz achei hũa doação mui antiga do Conv.^{to} daz freiraz de S.^{ta} Clara do Torrão hoie incorporado no sobred.^o Citio de S.^{ta} Clara do Torrão esteia vezinho de Pendorada e do citio donde se achou a mina couza de... quarto de legoa remeto a V. Rm.^a S.^{ria} o trezlado da mesma doação p.^a della ver esta antiguid.^e daquella terra, e o por q^m foi feita a d.^a doação, e q^m governaua aquellez dominioz.

Não molezto maiz a V. R.^{ma} S.^{ria} a q^m peso me não tenha occiozo no seu seru.^o poiz dez.^o m.^{to} este emprego. Ds. gd.^e a V. R.^a S.^{ria} m.^s a.^s Porto 21 de Dezv.^o de 1726.

Aos pes de V. R.^a Sr.^a
Seu menor criado

Bernardo de Azd.^o e Carv.^o.

R.^{mo} S.^r Dom Manoel
Caetano de Souza.

III — A

Carta que anda junta à anterior

Em o con.^{lo} de Bem uiver frg.^a e Couto dos Rellegiozos do Mostr.^o de S. B.^{to} de Pendorada, está situado hũ monte qual se achão gravadas ou abertas p.^{la} parte de dentro az letraz seg.^{tes} MARQI. Pella quebradura da tigela nãos se sabe se principiarião az letraz maiz traz; porem parece q̃. não.

Tambem se achou hũ pucarinho pequeno q̃. leua pouco maiz de meyo quartilho de cor verde ao modo de louça vidrada; porem quebrado de hũa parte, e por baixo da quebradura no boio se lhe achão hũ modo de letras ou algarismo da forma seg.^{te} / K / , e p.^{la} outra parte do boio se acha tambem grauado no mesmo pucarinho huns riscos ou letraz q̃. tem a forma seg.^{te} pouco maiz ou menos .

O q̃. tudo aresp.^{to} daz d.^{as} letraz se tirou á imitação q̃. se achão grauadaz noz d.^{os} vazos ou louça.

As talhaz, q̃. se acharão comaz cinzas e carboes ia hoie não existem e só ha no.^{ta} de q̃. ha m.^{to} tempo forão achadaz naquelle citio.

Fazendo delig.^{ca} p.^a saber na forma que se acha a mina ou supulturas, me enformão os sug.^{tos} que andarão no alisersse da casa que quer mandar fazer o R.^{do} Reitor de Sandim no pé do monte chamado de S. Tiago de Arados que he da freg.^a de são João de Alpendorada Con.^{to} de Bem Viver. Este monte he bas.^{te} leuantado, e no mais alto delle se conçerua hũa Cappella do d.^o S.^{or} S. Tiago dizem ser do tempo dos Mouros, em tempo que neste sitio habitauão aq... assim omostra por serem paredes diferentes feytio dos do tempo presente.

E andando Homens como fica dito asima no dito alisersse acharão *i0* ou *i2* couas a modo de sipulturas, em saybro lig... em altura pouco mais ou menos de qatro p.^a 5 palmos, Estas sipulturas estarião distantes hũas das outras 3 ou 4 palmos estavam todas em largura de 30 p.^a 40 palmos, estas tinham por sima louzas de pedra e outras tinham pelas bandas, estas sipulturas corrião do Norte p.^a o Sul. e dentro dellas nas cabessas se acha... emfuzas tigellas e pucarinhos na forma que vai não se acharão com sinsa. Mas em hũa infuza se achou dentro em hũa sipultura hũa dita infuza com hũz ossos meudos que mos... se acharão outros, os... remetto. Tambem se acharão tigoles dentro em as syulturas dizem acharão mais pregos por diferente feitio, entre estas *i0* ou *i2* sepulturas se achou hũa p.^a a p.^{te} do poente hũa pedra sabroa por dentro, e no simo della hũa Crus do modo que ja foj remetida (?) a forma della, esta tal pedra estaua emcostada a sipultura. Tambem se achou hũa pia de pedra piquena que leuaria duas ou tres canadas de Agoa e se acharão mais duas ou tres couas

redondas cubertas de louzas, tudo no mesmo sitio não se pode aviriguar o principio disto, que emformandome com as pessoas mais antiguas não me dão no.^{ta} algũa só acho que algũas p.^{as} acharão perto deste sitio algũas Talhas algũas infuzas, nas Talhas se achaua sinsa e caruois, não acho outra no.^{ta} só me dizem algũs velhos que no tempo em que os Mouros haitauão no tal Monte Ouuerão Batalhas os Cristanos com elles e não acho outra no.^{ta}, no sitio que se acharão as syputuras não consta ouuessem em tempo algũ adficios, no tal sitio, nas ditas syputuras se acharão as 3 Moedas que se remeterão a Crus me dizem lhe mandarão a forma della vão as infuzas e Tigelas na forma que as achej porem q.^{to} se andou cabando no sajbro se cobrarão o mais dellas. Não se acharão mais ossos que os que estauão dentro na infuza. as infuzas com seus buraquinhos no bojo como della se vera.

Os ossos que se acharão na infuza dizem herão mais ao leuantada da syputura cahirão os mais miudos. Vão os que achej.

M.^{el} de Az.^{do}.

IV

R.^{mo} Snr.

Meu amo e m.^{to} meu S.^{or} V. R.^{ma} S.^{ria} não cessa em me fazer fauorez, e este ã me permite de noticiaz suaz he p.^a mim da maior estimação por ter a certeza lhe continua boa saude, e fico rogando a D.^s lhas conceda e todaz az felicid.^{es}

Rendo a V. R.^{ma} S.^{ria} az graçaz, e me ponho a seuz pés p.^{la} m.^{ce} e honra ã me fez de me remeter a oração ã reci-

tou na Academia em nove do mez px.^o pasado, poiz assim eu, como todoz oz desta terra somoz mui ambiciozos destes papeiz, porq̃. não há couza q̃ mais deleite o entendim.^{to} do q̃ he leloz e ver a grande erudição q̃ nelle se acha. E como não tenho palauraz com q̃ explicar o meu agradecimento aceite V. R.^{ma} S.^{ria} a minha ezcravidão em remuneração deste fauor.

Aremesa daz enfuzas, e tigelaz não de a V. R.^{ma} S.^{ria} cuidado no q̃ rezpeita ao custo do caixão em que hão de ir porq̃. he coiza de tão pouca consideração q̃. se não pode reputar por dezpeza, e me parece q̃ algũ criado meu q̃. correr com esta incumbencia não hade ser tão miudo q̃ ma de em rol; e finalm.^{te} he o custo de semelhantez m.^{to} limitado em tal forma, q̃ senão faz cazo nesta terra de couza tão limitada; e só o q̃ amim me dara cuid.^o he irem eztez vasos por terra poiz eztão tão dannificados q̃ receyo q̃ toda a cautella não bazará p.^a oz acomodar no d.^o caixão em ts.^{os} q̃ la cheguem na mesma forma. Com oz balanço doz carroz, ou beztaz em q̃ vão semelhantez encomendaz, e amim me vierão hunz pucaroz dessa corte por terra p.^a beber agoa e vindo estez metidoz em huaz talhas grossas e estaz metidas em hũ caixão, e oz d.^{os} pucaros acomodadoz nellaz entre farelloz, e aparas de papel, com os d.^{os} balansos todo q̃ vierão quebradoz, e só hunz q̃ ao depoiz mandei vir em hũa caravella chegarão bonz.

Já a V. R.^{ma} S.^{ria} disse a forma em q̃ estauão az d.^{az} enfuzas, e q̃ são trez duaz daz quaiz tem hunz buraquinhoz por sima do bojo, q̃ parece forão feitoz ia naquelle tempo em q̃ senterar.^{ão} naz sepulturaz ao modo de vedar luz ao q̃ estaua dentro naz d.^{az} enfuzas por serem oz d.^{oz} buracoz feitoz com prego, ou ponta de faca, e cada hũ delles pouco maiz ou menoz do tamanho de meio toztão: a outra enfuza não

tem buracoz, e só sim hũ pedasinho fora na boca: a maior (A) dellas levará duaz canadaz de agoa de cuio altor he atira de papel q̃ vai inclusa, são pouco largaz na boca, e hũa dellas he do feitio de almotolia de barro: duaz tigelas por serem m.^{to} grosas e do feitio de frigideiraz, estão em bom uzo, ha outra maiz tambem m.^{to} grossa (?) maz tem hũa fenda. O pucarinho vidrado, e a tigelinha uermelha em q̃ estão az letraz ia disse a V. R.^{ma} S.^{ria} a forma em q̃ eztauão, e az quebraduras q̃ tinhão, e não há outra couza maiz q̃ hunz testoz q̃ mostrão ser pedasos de outras enfuzaz.

Fico ezperando az ordens de V. R.^{ma} S.^{ria} e a remesa do referido, e farei tudo o mais q̃ me ordenar de seu seru.^o como pede a minha gr.^{de} obrigação. Ds. gd.^e a V. R.^{ma} S.^{ria} m.^s a.^s Porto 11 de Janr.^o de 1727.

Aos pes de V. Rm.^a Sr.^a
Seu menor criado.

Bernardo de Azd.^o e Carv.^o.

R.^{ma} S.^{or} Dom Manoel
Caetano de Sousa.

(A) [*A margem*] a largura do boio he a q̃ consta da guita, q̃ vai tambem incluza.

V

Rm.^o Sor.

Meu amo e m.^{to} meu S.^r Recebo a de V. Rm.^a S.^a a tempo q̃. me acho de cama com hũa deflucção, maz ja Ds. louvado quazi liure della, porem não pude fazer esta de mão

propria, nem tambem me posso dilatar mais, q̃. em render az graçaz a V. Rm.^a S.^a p.^{1a} m.^{ce} e honra q̃. me faz de me honrar em toda a occazião, não só em p.^{ar} como tambem em p.^{co}, e ainda expondo os seuz ereditissimoz papeiz à censura de nelles ir o meu nome, o q̃. só ficará dizculpado com a grandeza, é benigno animo de V. Rm.^a S.^a, com q̃. honra a todos, principalm.^{te} a este seu menor criado; pello q̃. me ponho a seuz péz.

An.^{to} Cerqr.^a Pinto entendo escreveuera a V. Rm.^a S.^a q̃. tem em seu poder o caxão com az infuzas e tigellas, p.^a o remeter com segurança debaixo da proteção de P.^o da Costa Lima. As d.^{as} infuzaz, e tigelas entendo vão com boa segurança, por irem metidas entre farelos, e aparos de papel, e o d.^o caxão ser de taboa grosa, em forma, q̃ indaq̃. lhe ponhão algũa couza por sima, não ha de correr risco o q̃. leua dentro.

Chegoume a informação, q̃. se fez em Bemvivo (?) a resp.^{to} das sepulturas, e p.^a onde estas tinhão as cabeceiras, e fazendosse toda a averiguação, se não pode assentar con-certeza, o p.^a onde ficauão az cabeças, poiz as pedras dellas q̃. corrião de Norte a Sul tem tanta largura na d.^{ta} p.^{te} do Sul como na do Norte, e só hũa sepultura se achaua mais estreita p.^a a p.^{te} do Sul, e p.^a esta estauam as infuzas, e hũns ossinhos q̃ se acharam, q̃. mostrauão, parecião ser de cabeça poronde se infere tinhão as cabeceiras p.^a o Sul, e isto he só o q̃. se pode alcansar.

Farei toda a delig.^{ca} com o C.^{or} do Crime Celestino Cunha a fauor de An.^{to} Garcia Srr.^a, e fie V. Rm.^a S.^a de mim q̃. hei de procurar todo o bom successo no liuram.^{to} deste prezo.

O q̃. vai dentro no caixão são trez infuzas duas das quaiz tem seuz boraquinhos no bojo, q̃. mostrão serem feitos

no tp. q̃. se meterão nas sepulturas, a outra não tem buraquinhos porq. he quebrada na boca. Vão mais trez tigellas groçaz a modo de frigideiras, vão tambem duas tigelinhas pequenas hua das quaiz tem letras graudadas, e a outra he de hum barro tão vermelho, q̃. parece ser fino, porem estas duas tigelinhas vão quebradas das bordas, vai tambem hum pucarinho quebrado na boca de barro fino e tem letras. Dentro em hũa enfuza, vai hum papel com huns ossos e hum prego dos q̃ se acharam naz sepulturas.

Veja V. Rm.^a S.^a meu S.^{or} se nestaz partez tem alguma couza de seu seru.^o em q̃. me exercite, poiz dez.^o m.^{to} este emprego Ds. g.^{de} a Pessoa de V. Rm.^a S.^a m.^{tos} ann.^s.

Porto 15 de Feur.^o de 1727.

Aos pes de V. Rm.^a Sr.^a
Seu m.^{to} obrigd.^o Criado

Bernardo de Azd.^o e Carv.^o.

Rm.^o S.^r D. M.^{ei}
Caetano de Sousa.

VI

R.^{mo} Sor.

Meu Amo e meu Sor. Sempre V. R.^{ma} Sr.^a me constitue em mayores obrigações pela m.^{cc} e honrra que me continua de suas boas noticias pelo que lhe rendo as graças e me ponho a seus pés.

Já a V. Rm.^a Sr.^a dei p.^{te} no corr.^o passado que q.^{do} quis valer ao prezo Ant.^o Garcia Frr.^a o achei sentenceado com degredo p.^a a India, e agora tambem lha dou que aqui che-

gou hũ seu sogro afalar me no neg.^{cio} atempo q̃ ficou desmayado com a sn.^{ca}, eu lhe disse se vieçe com embargos, porem o mesmo acha por noticias q̃ tem que não costumar os menistros retratarce nos degredos da India por terem passado a hista de semelhantes mas haa de fazer a dilig.^{ca} q.^{do} o prezo queira se intente esse meyo.

Nas sepulturas onde se acharão as infuzas se achou a moeda incluza que estava em poder de hu trabalhador da nova obra, que se fas naquele sitio, que cuidando hera ouro a raspou tanto perdeo quazi a forma e da parte q̃ menos se percebe tinha a feitura de hũa mulher, o q̃ não obstante a remeto e fico rendido aos pes de V. Rm.^a Sr.^a que Ds. g.^{de} Porto o pr.^o de M.^{co} de i 727.

Aos pes de V. Rm.^a Sr.^a,
Seu menor criado

Bernardo de Azd.^o e Carv.^o.

Rm.^a Sn. M.^{el} Cae-
tano de Souza.

[*Em baixo*] ja avisei da pronta remessa das infuzas.

VÁRIA

Ruínas de tipo castrejo no Algarve

Quando em Setembro de 1947 percorremos o Algarve, em todas as direcções, há procura de elementos para os nossos estudos de Etnografia, encontramos uma curiosa estação arqueológica, que supomos estar por estudar. Chamamos para ela a atenção dos arqueólogos do Sul, que melhor que ninguém podem fazer o seu estudo, e dizer o valor que pode representar.

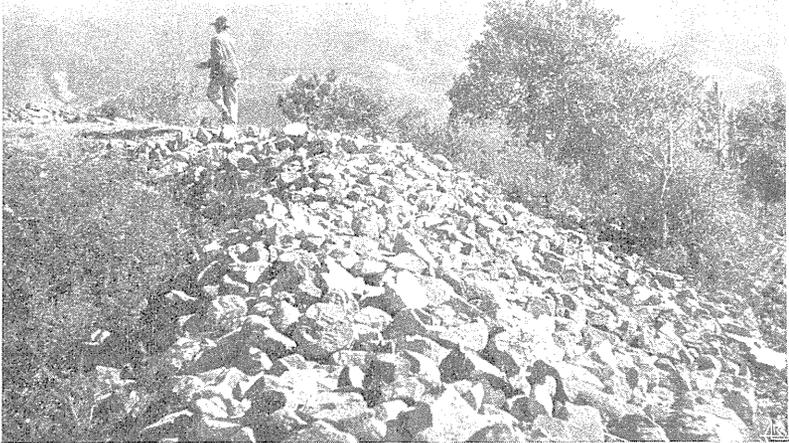


Fig. 1 — Muralha desmantelada do Castelo de Alferce.

Nos contrafortes orientais da Serra de Monchique, — essa ilha nortenha encravada no Sul, — no cimo dum cerro de 480 m. de altitude, a 1,5 quilómetros ao Sul de Alferce, encontram-se umas estranhas ruínas, a que os da região chamam: castelo.

Restam hoje, bem visíveis, duas muralhas circulares concêntricas, a primeira das quais terá um diâmetro aproximado de 40 m.

No interior desta primeira muralha, feita de pedra solta amontoadas, que ainda conserva uma razoável altura, apesar de

desmantelada, encontram-se vestígios de edificações, e uma quan-



Fig. 2 — Aspecto da muralha vista do interior.

tidade enorme de fragmentos de objectos de barro. O exame

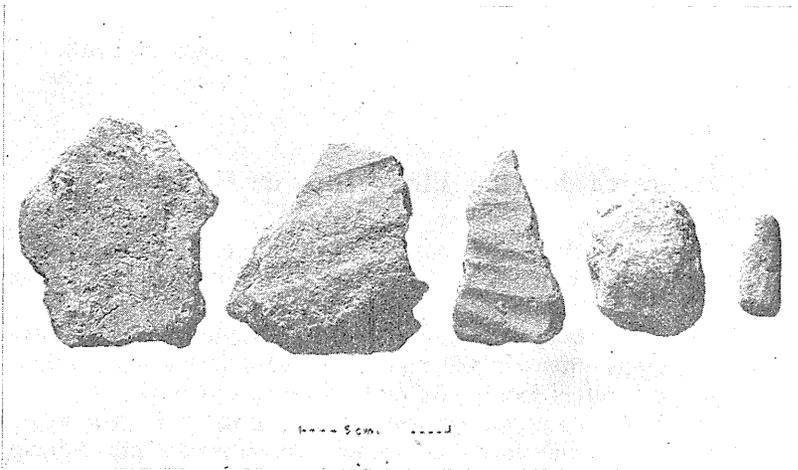


Fig. 3 — Fragmentos de cerâmica encontrados dentro das muralhas.

superficial que pudemos fazer, e sem qualquer instrumento que

nos permitisse levantar algumas pedras, levou-nos a concluir que estamos perante uma espécie de castro romano, pelos restos de cerâmica, *imbrices* e *tegulae* que encontramos.

Estes restos de cerâmicas são abundantíssimos, mas não achamos nenhum que apresentasse qualquer particularidade interessante.

Além dos numerosos cacos de *tegulae*, só encontramos uma espécie de bola de barro, muito deteriorada, e que deve ser o fragmento de qualquer objecto, e um pequeno cilindro com pouco mais de três centímetros de comprimento e 13 milímetros de diâmetro, que também é um fragmento de qualquer objecto desconhecido.

Pode ser que estejamos perante uma estação romana, ou então mais antiga, posteriormente romanizada.

Só uma sondagem feita por especialistas poderá lançar alguma luz sobre o caso.

É curioso, que fazendo a Serra de Monchique lembrar o Norte de Portugal, por tantos dos seus aspectos naturais, e sobretudo pela maneira como o homem se lhe adaptou, reproduzindo formas de cultivo com pormenores que parecem minhotos, também ofereça vestígios de ruínas, de tipo castrejo. Se, de facto, estes restos arqueológicos revelarem a existência dum antigo castro, devemos estar perante o castro mais meridional do país, do qual se descobre a mancha azul dum mar, a que já chegamos os tons anilados e vivos do Mediterrâneo próximo.

JORGE DIAS.

Acerca do Atlas Etnográfico de Portugal

Ao iniciar os trabalhos para o Atlas Etnográfico de Portugal, que o Centro de Estudos de Etnologia Peninsular pretende levar a cabo, cumpre dizer algumas palavras sobre o assunto.

Já há muito que a ideia duma tal realização me preocupava, pelas vantagens imensas que isso representava, para o conhecimento das diferentes formas da cultura do nosso povo.

Parecia-me, contudo, empresa difícil, num país, em que a Etnografia não tinha foros de ciência reconhecida por aqueles que superintendem tais assuntos, visto que não é professada em nenhuma das três Universidades portuguesas, nem existia qualquer organismo científico universitário, que se dedicasse à investigação etnográfica da metrópole.

Felizmente que o Instituto para a Alta Cultura veio remediar esta falta, com a criação do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, anexo à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Como se pode inferir pelo seu nome, este Centro, não se dedica apenas à investigação em Portugal, mas procura cooperar com Espanha e activar o intercâmbio científico entre as duas nações vizinhas, visto que, o campo das ciências a que se dedica, tem fronteiras flutuantes que, nem sempre correspondem às actuais fronteiras políticas.

Além disso, a Etnologia é uma ciência essencialmente comparativa, que não pode desenvolver-se sem activo intercâmbio entre os investigadores das diferentes nações. Mais que qualquer outra ciência, a Etnologia necessita ter sempre presentes os dados da investigação dos outros países, para poder prosperar e obter resultados positivos.

Temos, portanto, que confessar, que o Instituto para a Alta Cultura, mais uma vez viu os problemas com largueza, procurando estabelecer bases amplas ao novo organismo científico que criou, de maneira a dar à Etnologia portuguesa projecção internacional e nível superior.

Uma vez que o Instituto para a Alta Cultura, e o Professor Mendes Corrêa, director do Centro, concordaram há alguns meses em me nomear secretário, da nova instituição, vi de repente abrir-se uma oportunidade magnífica à minha antiga aspiração.

A Etnografia tem sofrido uma profunda renovação, nestes últimos decénios, e está a caminho dum apogeu que nunca tinha conhecido, mercê da atenção geral que se lhe está a prestar em todos os países cultos. Não só se tem feito a revisão dos fundamentos teóricos, como se renovaram os métodos de maneira a obter resultados cada vez mais satisfatórios.

Precisamente um dos métodos hoje empregados em Etnografia, com excelentes resultados, é o método geográfico, que tem como base a cartografia.

Não sendo a localização dos fenómenos, senão um dos processos de estudo, de que dispõe a Etnografia moderna, este é, contudo, fundamental, pois, mais que qualquer outro, ajuda a tirar conclusões, pela comparação das cartas de diferentes fenómenos.

A aplicação do método cartográfico à Etnografia, não é recente. A Alemanha, animada por Pessler, o grande defensor do método geográfico, começou o seu Atlas Etnográfico em 1907, e daí por diante os estudos de cartografia etnográfica têm ganhado terreno, e hoje há um grande número de países europeus, que trabalham com afinco na realização do seu Atlas Etnográfico.

É extraordinária a importância dos resultados obtidos por tais estudos, pois a comparação das cartas do Atlas Etnográfico entre si, e com outras cartas, permite tirar conclusões, que não são só úteis à Etnografia, mas a outras ciências da Cultura, podendo fornecer a chave de problemas até hoje sem solução, sobretudo para a pré e proto-história.

Não é, contudo, empresa fácil levar a cabo um Atlas Etnográfico. Para darmos uma ideia do que isso representa, basta apresentarmos alguns dados acerca do que se tem feito na Suíça, que dentro de dois anos deve ter concluída essa obra formidável.

Der Atlas der schweizerischen Volkskunde, ou o Atlas da Etnografia Suíça, deve-se sobretudo à iniciativa dos Profs. Richard Weiss e P. Geiger, que com o seu saber e enorme entusiasmo, conseguiram que a Sociedade Suíça de Tradições Populares, se lançasse nesta enorme empresa de que tanto há a esperar.

De 1937 a 1942, sete exploradores, com a preparação técnica necessária, percorreram as comunas que lhes foram de antemão designadas, cabendo a cada um, um determinado sector do país.

Das 3.000 comunas suíças, escolheram-se 387 para serem questionadas, não recaindo a escolha naquelas que apresentavam traços mais arcaicos, mas sim, procurou-se estabelecer uma certa equidistância entre elas, aceitando-se as características etnográficas actuais.

Para os casos de arcaísmo especial, ou fenómenos esporádicos, estão as monografias locais ou especiais, visando o Atlas os fenómenos mais gerais, susceptíveis de se poderem seguir numa carta.

Cada explorador dispunha, para o bom desempenho da sua missão: 1.º dum *vade mecum* condensado de conselhos, para preparar e realizar as inquirições; 2.º dum *questionário* com 150 perguntas escolhidas pelo seu valor etnográfico e cartográfico; 3.º dum *modelo do processo verbal* circunstanciado, para preencher em cada inquirição.

Todos estes elementos, assim como a escolha das comunas a questionar, foram estudados por uma comissão «Directório do Atlas».

A duração média duma inquirição comunal era de 3 dias, durante os quais o questionador minutava e transcrevia o seu jornal da actividade, e preparava um ficheiro comunal das matérias, repartidas por assuntos.

O *curriculum* dos informadores atentamente estudado, não omite os ascendentes e o conjunto.

No limite das possibilidades, foram consultadas três gerações de informadores.

As perguntas dirigiam-se à parte material, social e ideológica da vida da comuna, o que mostra a sã concepção etnográfica suíça.

A elaboração cartográfica, conduzida pelos Professores Geiger e R. Weiss está muito adiantada. O primeiro já preparou umas 150 cartas e o segundo umas 90.

Levantar-se-ão aproximadamente 300 cartas, das quais 200 devem ser publicadas. Estes Professores, utilizam cartas físicas, históricas, económicas, linguísticas, confessionais, demográficas e outras, sobre as quais colocam uma ou várias cartas preparatórias, podendo decalcar o que lhes interessa, de maneira a poderem confrontar fenómenos conhecidos com os que estão a ser estudados, e que são designados por sinais próprios, escolhidos para representar os diferentes fenómenos.

Este trabalho é realizado com o auxílio dos materiais das inquirições, completado, quando é necessário, pelos que provêm duma inquirição por correspondência, baseado num questionário de 1.585 perguntas.

Ainda se não chegou a uma conclusão relativamente à forma técnica da publicação, que é de supor esteja realizada em 1950.

Tudo leva a crer, porém, que cada carta conterá um número limitado de fenómenos, que serão representados por sinais geométricos simples, e pondo de parte todas as tentativas de simbolismo, que o bom senso repudia.

Nas reproduções de algumas cartas, que apresenta Richard Weiss no seu livro *Volkskunde der Schweiz*, aparecem sinais geométricos como: triângulos, círculos, cruces, quadrados, etc., umas vezes cheios, outros brancos e combinados, sendo metade cheios e metade brancos, o que torna a leitura fácil e rápida.

Para certos fenómenos, que se podem localizar no tempo, terão as cartas índices cronológicos, o que lhes dará carácter dinâmico.

Poder-se-á calcular a dificuldade que representa a realização dum Atlas Etnográfico de Portugal, quando a Suíça precisa de tantos anos e de tanta gente para levar a cabo tal empresa.

De facto, nós, depois duma brilhante geração de etnógrafos, entre os quais se destaca José Leite de Vasconcelos, nada mais temos, senão o valor isolado de alguns homens de boa vontade, que a estes estudos têm dado o melhor do seu esforço. Ao passo que na Suíça, a tradição etnográfica, além de antiga, tem-se mantido numa linha de continuidade e progresso crescente. Esta pequena nação conta com investigadores de reputação mundial, não lhe faltando institutos, laboratórios e museus modelares, onde os estudiosos podem completar a preparação universitária.

Basta dizer, que a Sociedade Suíça de Tradições Populares, completou já 50 anos de vida em 1946, e conta, hoje, com mais de 700 membros.

As publicações periódicas ou adventícias são inúmeras, e toda a nação compreende o valor desta ciência e está apta a auxiliar os estudiosos e a responder a questionários.

Porém, isto não é motivo para recuar, e embora em piores condições e demorando mais tempo, também nós havemos de conseguir levar a cabo o nosso Atlas Etnográfico.

Como o Consejo Superior de Investigaciones Científicas, criou, há poucos meses, um Centro em Espanha, com o mesmo nome do nosso, a quem está confiada a investigação etnográfica do país vizinho, e com o qual estamos em permanente contacto, resolveu-se que os dois países iniciariam os trabalhos preparatórios para o Atlas Etnográfico, de colaboração. Embora Portugal e Espanha, trabalhem de preferência adentro de suas fronteiras, procurar-se-á reunir os esforços dos dois Centros, de maneira a resolver conjuntamente os problemas técnicos relativos ao Atlas, ao qual procuraremos dar a mesma orientação, de maneira a que dos Atlas dos dois países resulte o Atlas da Península Ibérica.

De maneira nenhuma é possível aos dois países começar a trabalhar, usando os processos adoptados na Suíça. Não só por falta de recursos, como por não existir pessoal técnico habilitado.

É necessário começar aos poucos, de forma a que ao mesmo tempo que se vai fazendo o Atlas, se vão estudando outros problemas e preparando especialistas. O importante, é trabalhar com todo o rigor científico, de maneira a que o estudo, que se vá realizando, sirva de modelo para os trabalhos futuros.

Nas conversas que tivemos com os colegas espanhóis, assentou-se em que se devia começar pela recolha da cultura material, por ser a que menos resiste às tendências planificadoras modernas. E entre os objectos materiais, escolheu-se o arado para ser o primeiro a cartografar.

Esta escolha deve-se, sobretudo, a ser o arado um dos elementos mais importantes da cultura humana, e aquele que mais interesse tem para ajudar a resolver problemas culturais importantes.

Em Espanha já há trabalhos valiosos sobre o arado, de nacionais e estrangeiros, como os de Crespí, os do casal inglês Aitken e do alemão Krüger, e é notável a contribuição que tem feito para o seu estudo, o Secretário do Centro, em Espanha, Júlio Caro Baroja, actual director do Museu do Povo Espanhol de Madrid, nos seus valiosíssimos trabalhos etnográficos e etnológicos.

De acordo com esta decisão, nós, depois de recolhermos a escassa bibliografia portuguesa sobre o assunto, lançamo-nos a procurar, sistematicamente, arados de pau, pelo país, de maneira a não deixar nenhum concelho em branco, e, sendo necessário e possível, conseguindo uma certa densidade de observações no mesmo concelho.

A falta de pessoal técnico habilitado e a modéstia das nossas possibilidades, obrigarão a gastar bastante tempo, até conclusão da primeira carta, mas uma vez feita esta, quebrou-se o encanto, e então nada se deve opor a que a realização do Atlas seja um facto.

A magnífica aquisição dum novo colaborador, Fernando Galhano, veio aumentar as probabilidades de êxito, pelas suas qualidades como desenhista e enorme interesse por estes estudos.

Entretanto, é natural que surjam colaboradores úteis e especialistas que permitam levar a cabo o estudo da parte social e espiritual da cultura, que é de mais difícil recolha.

Como base teórica para a preparação da folha dos arados estou a concluir um trabalho intitulado *Os Arados Portugueses e as suas Prováveis Origens*, onde procuro enquadrar os arados portugueses nos grandes tipos mundiais de arados.

A riqueza imensa de tipos de cultura que se encontram na Península, promete que se faça uma das obras mais notáveis no género, pois talvez nenhuma nação europeia apresente uma série de elementos etnográficos tão variados e curiosos como Portugal e Espanha.

Se esta obra se vier a realizar, o que espero, conseguiremos um elemento de capital importância para o conhecimento da História do Homem, não só na Península como em todo o Mundo.

J. D.

Instrumentos paleolíticos da Ribeira da Guarda (Gare)

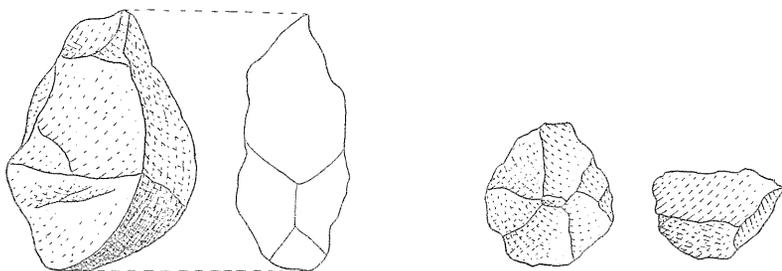
Em meados de Maio, tive de ocupar umas horas na estação da Guarda, aguardando a ligação ferroviária com a Espanha. Então dei uma volta pelas imediações e pude verificar a existência dum bem caracterizado depósito aluvial, depósito originado pela ribeira que corre entre a estação do caminho de ferro e o sopé do monte, no cômodo do qual campeia a cidade da Guarda.

Nesta veiga, formada pelo carreamento e depósito de materiais aluvionares, notam-se de onde em onde abundantes calhaus rolados que vão sendo sucessivamente postos a descoberto pelo desgaste fluvial e à superfície pelos trabalhos agrícolas.

Num ligeiro exame desta formação post-pleiocénica, de fraca altitude em relação ao nível da ribeira, tive ensejo de colher os instrumentos líticos adiante representados, dois em quartzo leitoso e um outro em quartzite de cor amarelada tostada.

Temos assim confirmada a existência neste lugar duma estação paleolítica, denotando o achado uma maior permanência do homem neste rincão e que o esplêndido biface lanceolado, de cerca de dois decímetros de comprimento, encontrado em 1935 pelo Rev.º Henrique da Silva Louro, fazia entrever.

Nesta primeira e sucinta prospecção pude examinar e recolher dois bifaces e uma lasca de quartzo com sinais evidentes de trabalho humano e intencional.



Segue-se a descrição da indústria encontrada:

Biface cordiforme, em quartzo leitoso, de pequeno talhe, e completamente trabalhado a grandes lascas.

Biface em quartzite, amigdalóide, com duas pátnas e que parece ter sido talhado sobre um outro instrumento mais antigo pois são visíveis as anteriores arestas gastas por rolamento violento. As novas arestas do gume estão muito pouco gastas pelo vento, e não têm mostras de terem sido roladas. Tem ainda restos do talão formado pela superfície primitiva do godo em que o objecto foi trabalhado.

Lasca espessa de quartzo leitoso, sub-rectangular, com as arestas muito vivas, porém com uma bela pátna.

Tipologicamente as peças agora encontradas, se bem que algo frustes, podem situar-se no *Acheulense* médio.

BIBLIOGRAFIA:

EUGÉNIO JALHAY — *As novas directrizes no estudo da Pré-história*, T. A. A. P. vol. II, Lisboa, 1936; *O Paleolítico na Beira Baixa*, «Brotéria», vol. XXII, Lisboa, 1936.

AFONSO DE PAÇO — *Paleo e mesolítico português: descobrimentos, bibliografia*, «Rev. de Guimarães», 1930-1937; *Revisão dos problemas do paleolítico, mesolítico e asturiense*, Sep. do 1.º Congresso do Mundo Português, Lisboa, 1941.

EUGÉNIO JALHAY e AFONSO DE PAÇO — *Paleo e mesolítico português*, «Anais da Ac. Port. de Hist.», vol. IV, Lisboa, 1941.

Centro de Estudos de Etnologia Peninsular,
Instituto de Antropologia da Universidade
do Porto, Maio de 1948.

F. RUSSELL CORTEZ.

Evolução demográfica da cidade do Porto

Posteriormente à publicação do trabalho intitulado *Estudos sobre a população da cidade do Porto — Evolução demográfica*, inserido no vol. XI, fasc. 1-2 dos «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», verifiquei que escaparam alguns lapsos referentes à distribuição por idades da população das cidades de Lisboa e Porto. Em vista disso, publico novamente as pirâmides representativas dessa distribuição e corrijo alguns números do quadro VI, pág. 101 e do quadro VIII, pág. 103.

No primeiro, as correcções a fazer são as seguintes:

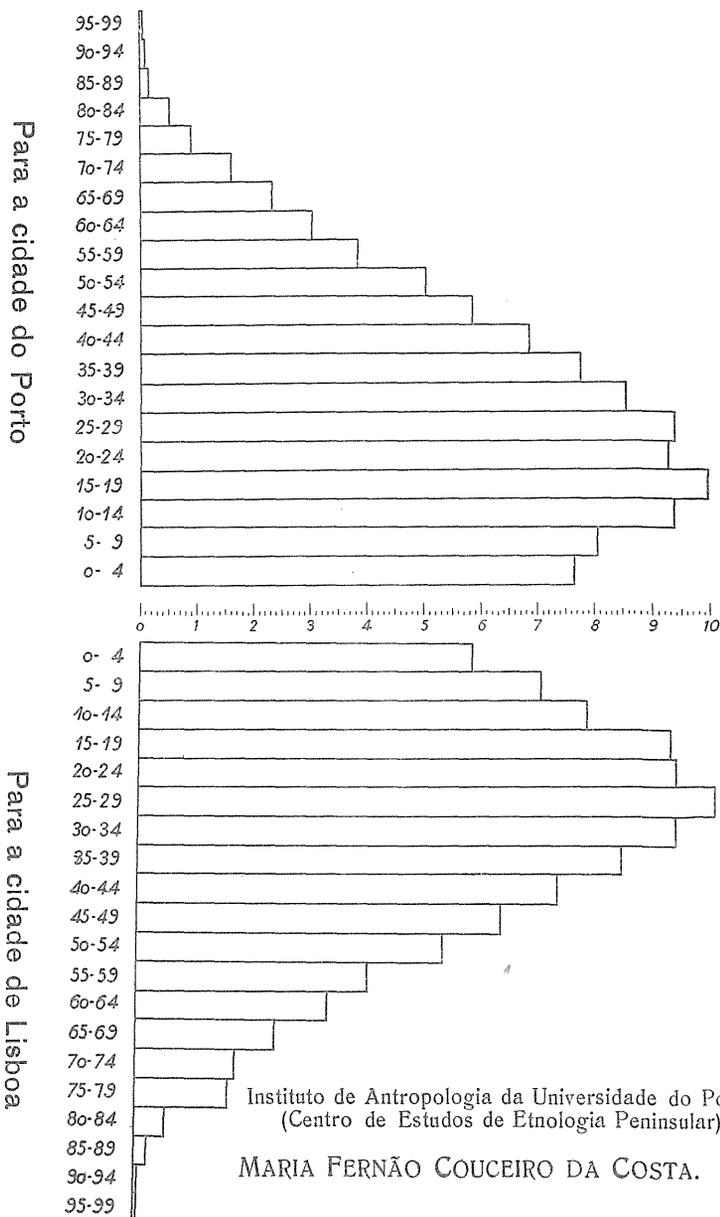
Grupos de idades	Números absolutos	Percentagens
10-14	24.433	9,3
15-19	25.981	9,9

No segundo:

Grupos de idades	Números absolutos	Percentagens
60-64	23.377	3,3

Estas correcções não alteram as considerações que fiz no texto sobre o assunto, exceptuando o período em que, ao afirmar serem as idades de 10 a 14 e de 15 a 19 as que dão maiores percentagens de habitantes à cidade, reproduzi os números erra-

dos. Corrigindo-os, como fiz acima, não invalido, porém, a afirmação feita que, mesmo assim, permanece verdadeira.



A 3.^a sessão plenária da Comissão Internacional das Artes e Tradições Populares (1947)

Realizou-se em Paris de 1 a 5 de Outubro de 1947, pela primeira vez depois da guerra, a sessão plenária da C. I. A. P., que decorreu com animação inesperada.

Por indicação do Professor Mendes Corrêa foi o nosso nome designado para irmos representar o Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, a fim de Portugal não deixar de marcar presença neste certame internacional.

Embora não tivéssemos chegado ao início dos trabalhos, teria sido, de facto, lamentável se Portugal não tivesse enviado representação, tanto mais, que a ausência da Espanha viria a deixar a Península Ibérica quase que como a única região da Europa, que não comparecia, se exceptuarmos a Alemanha, que não pôde participar pelas circunstâncias que todos conhecemos. De resto, quase todas as nações europeias mandaram representantes, desde o pequenino Luxemburgo, que enviou Dummont, até aos países que foram particularmente afectados pela guerra, como a Itália, representada por Corso, e a Polónia representada por Kolankowski.

Outros países europeus enviaram dois e três representantes, vendo-se, entre os presentes, figuras de grande relevo dentro da Etnografia, como: Meertens (Hol.), Campbell, Lindblom e Erixon (Suécia), Henningsen e Schiqrting (Dinamarca), Marquina (México), Brailoiu (Roménia), Van Gennepe, Rivet, Maget, Rivière, Duchartre (França), Lajtha (Hungria) e muitos outros.

Contudo, apesar da distância e das dificuldades que ainda representam as grandes viagens, vieram etnógrafos de países distantes, como a Turquia, o Irão, os Estados Unidos, o México e o Brasil. Só o Brasil tinha nada menos que três representantes, que seriam os únicos de língua portuguesa se nós não tivéssemos comparecido.

Entregámos ao Sr. Foundoukidis, secretário da C. I. A. P., um relatório da actividade portuguesa no campo da Etnografia e, a seu pedido, por falta de representante espanhol, fizemos o mesmo para a nação vizinha, que tem hoje figuras de grande relevo e cuja acção era lamentável ficar esquecida.

A C. I. A. P. resolveu criar dentro da sua organização, 10 secções científicas para trabalhos práticos (das quais duas começarão a reunir a partir de 1948) a saber: 1.^a Bibliografia; 2.^a Teorias gerais, metodologia, terminologia; 3.^a Museus, colecções, arqui-

vos, centros de documentação; 4.^a Habitat, trabalho, tecnologia; 5.^a Sociedade, religião, direito; 6.^a Literatura; 7.^a Artes dramáticas, brinquedos e folganças; 8.^a Artes plásticas e decorativas, trajos; 9.^a Música e dança; 10.^a Exposições, festivais, manifestações públicas.

À frente destas secções está uma comissão de 40 membros, formada por cientistas de nome internacional de vários países, que centralizam as actividades dos investigadores de cada secção do país a que pertencem.

Como membro da comissão e delegado português junto da C. I. A. P. foi escolhido o Professor Mendes Corrêa, com o que particularmente nos congratulamos, por tal honra caber ao Director do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.

Foram vários os problemas debatidos nas reuniões de Paris, alguns deles de magna importância para os especialistas da Etnografia.

Tomaram-se resoluções várias em face dos relatórios apresentados, sobre métodos e instrumentos de trabalho, entre as quais: a preparação dum manual de metodologia geral; fixação de regras para os atlas nacionais, mediante a comparação das regras internacionais; organização de bibliografia retrospectiva e anual, esta última como resposta às ofertas dos Profs. Geiger (Suíça) e Boggs (U. S. A.) para a utilização e coordenação das instituições existentes.

Resolveu-se também aceitar a oferta de incorporar na C. I. A. P. os Arquivos Internacionais de Música Popular, de Genebra.

A C. I. A. P. deve publicar uma revista internacional, cujo primeiro número aparecerá em 1948 e se intitulará:

Laos, usos e costumes dos povos, Etnografia e Folclore comparados.

A C. I. A. P. também pensa organizar festivais de música e de dança, representações dramáticas, e pequenas exposições de assuntos limitados, além duma grande exposição de Arte Popular.

Aceitando a proposta da cidade de Berna, esta exposição realizar-se-á nesta cidade em 1951 ou 1952, de acordo com um antigo plano grandioso, que as circunstâncias internacionais tinham impedido de realizar.

Pelo número de países que participaram na reunião, pela importância dos problemas discutidos e pelas decisões tomadas, já se pode compreender o extraordinário desenvolvimento que os estudos etnográficos estão a tomar em todo o Mundo.

Desde a Rússia à América trabalha-se hoje activamente na investigação etnográfica, criando-se institutos, revistas, arquivos, atlas, laboratórios e museus.

A América, pátria jovem, nascida do amálgama de imigrantes de todas as raças, e, portanto, a menos capaz de apresentar uma tradição cultural própria, procura agora relacionar os elementos folclóricos existentes no seu país, com os das pátrias de origem dos seus imigrantes, estudando, além disso, o que há de contribuição especificamente americana, porque a geografia entra como elemento modificador dos valores humanos, imprimindo-lhes feição própria, se não de fundo, pelo menos formal.

Mas, acima de tudo, devemos admirar o trabalho sério e verdadeiramente científico realizado por algumas nações pequenas, que da lição da Alemanha aproveitaram o ensinamento científico, desprezando o ideológico, e que somente animadas do amor do seu povo e da ciência, conseguiram ser hoje modelos dignos de imitação. Entre estas nações destacam-se a Suécia, a Dinamarca, a Suíça e a Noruega, que pelos seus museus, revistas, institutos, publicações da especialidade e atlas etnográficos, não têm, depois que desapareceu a Alemanha, nenhuma outra que se lhes compare.

Mas, devemos dizer que, mesmo nações cientificamente mais atrasadas e economicamente menos favorecidas, como a Grécia ou o Irão, trabalham activamente no campo da Etnografia, chegando a haver, na primeira, duas cadeiras da especialidade, uma na Universidade de Atenas e outra na de Salonica, além de revistas periódicas da especialidade.

A França, apesar de contar grandes figuras de relevo internacional, não tinha atingido o mesmo desenvolvimento nesta ciência, como em outras, mas, pode-se dizer que, no último decénio, fez todos os esforços para conquistar um lugar digno da sua tradição científica. A guerra veio interromper certos trabalhos iniciados, que depois da libertação recomeçaram com toda a energia, apesar da grave situação económica que a impede de empregar o número de colaboradores que de início conseguiu reunir.

Contudo, podemos citar alguns dados elucidativos do que se tem feito e está a fazer naquela nação.

No Palais de Chaillot estão a organizar o Museu Nacional de Artes e Tradições Populares, para o qual já contam com enorme quantidade de material, que está amontoado nos armazéns que tivemos ocasião de visitar.

Criou-se a Sociedade de Etnografia Francesa que publica um boletim mensal (10 por ano) «Le Mois d'Ethnographie Française»,

e uma publicação anual com artigos originais, sob o título de Anais da S. E. F.

Esta Sociedade conta com grande número de colaboradores em Paris e na província, onde tem delegados e se organizam museus.

Nas instalações do Palais de Chaillot existem secções de Arquivos de monografias e de fotografias, Biblioteca da especialidade, salas de trabalho para indivíduos estranhos à Sociedade, uma secção de Musicologia Popular e um Centro de Formação Profissional de Arquitectos e Urbanistas Rurais.

Grande parte do cadastro da habitação rural francesa já está levantado. Para isso empregaram 50 arquitectos que percorrem as diferentes regiões do país, fazendo pequenas monografias da habitação rural.

Estes arquitectos levantam um alçado exacto das casas consideradas mais típicas, esboçam, além disso, uma planta da região, para relacionar a casa com a paisagem, fazem fotografias e juntam a isto um relato exacto de tudo aquilo que se relaciona com a habitação, tipo de vida dos habitantes, etc. Este material serve para o mapa da casa no Atlas Etnográfico, que a França se propõe fazer, como os que já existem noutras nações.

Os arquivos de fotografia já contam com 65.000 clichés, dos quais uns 20.000 são do inquérito da casa, 15.000 de mobiliário e 20.000 no Atlas.

Na Secção de Musicologia, além da chefe M.^{elle} Marcel Dubois e da assistente M.^{elle} Andral, chegaram a ter, antes das últimas restrições de pessoal, 7 colaboradores permanentes. Esta secção tem aparelhagem própria, que transportam num automóvel para registar pela província tudo aquilo que julgam necessário, pois a anotação musical escrita não é considerada suficiente.

À frente desta organização da Etnografia Francesa estão os conservadores do Museu, George Henri Rivière e Marcel Maquet, a quem a França muito deve pelas suas excepcionais qualidades científicas, e de dedicação à ciência a que se consagram. Em todos os outros colaboradores do Museu reinava aliás um entusiasmo e interesse, verdadeiramente animadores.

A nossa visita a Paris permitiu estabelecer contacto com os colegas das diferentes partes do Mundo, alguns dos quais se interessaram bastante por conhecer a que resultados tínhamos chegado na investigação de certos fenómenos. Causou bastante admiração o facto de em Portugal se encontrarem, abundantemente representados, os arados quadrangulares, próprios da Europa central e setentrional, cuja fronteira Sul é a Bélgica e o Norte da

França, e que devem ter sido introduzidos no nosso território pelas invasões suevas.

Também acharam curioso o nosso conceito de Etnografia, bastante mais amplo que o tradicional, e para o qual hoje se tende, como se viu pelas discussões travadas durante as reuniões da Sessão Plenária da C. I. A. P..

Mercê deste contacto, já temos recebido bastantes pedidos do estrangeiro de informações, de desenhos e de fotografias de assuntos que se estão a estudar no Centro de Estudos de Etnologia Peninsular. Por nossa vez, também temos recorrido a colegas estrangeiros para saber coisas que são importantes para o conhecimento mais perfeito de assuntos que temos em mãos.

Por este relato se vê como é animador para os que se dedicam à Etnografia, saber que esta ciência está em via dum enorme desenvolvimento em todo o mundo, e que um próspero futuro a espera, pelos enormes tesouros inexplorados que estão à sua disposição para melhor conhecimento do homem e das culturas.

Não queremos deixar de exprimir aqui os nossos agradecimentos ao Prof. Mendes Corrêa que indicou o nosso nome para ir representar o Centro a Paris, assim como ao Instituto para a Alta Cultura, que além de acolher com simpatia essa escolha, nos forneceu os meios para levar a cabo tal missão.

J. D.

2.^a Conferência Internacional dos Africanistas Ocidentais

Realizou-se em Bissau, de 8 a 17 de Dezembro de 1947, a 2.^a Conferência Internacional dos Africanistas Ocidentais. Nela colaboraram cientistas franceses, ingleses, espanhóis e portugueses, tendo na 3.^a secção (Meio humano) sido apresentados cerca de 60 trabalhos de Antropologia física e cultural, muitos dos quais de portugueses.

No n.º 27 do ano de 1948 da revista «Portugal em África» publicou o presidente da Comissão Organizadora e da Conferência um artigo sobre a participação das entidades locais da Guiné Portuguesa na Conferência, transcrevendo-se aqui em seguida a

parte desse artigo que faz a história e descrição sumária do que foi aquela importante reunião científica :

«A missão preliminar que em Dezembro de 1945 e Janeiro de 1946 realizei, na companhia do Dr. Magalhães Mateus, à Guiné, tinha como um dos seus objectivos a visita ao Instituto Francês da África Negra (IFAN) (1). Esse estabelecimento, fundado pouco antes da última guerra mundial, adquirira depressa, a despeito desta, o maior desenvolvimento, sob a direcção sábia e tenaz do Prof. Monod, do Museu de História Natural de Paris. Em Janeiro de 1945 realizou-se ali a primeira Conferência Internacional dos Africanistas Ocidentais (CIAO) em que haviam participado geógrafos, naturalistas e etnólogos de vários países, com o fim de discutirem assuntos científicos das suas especialidades, relativos às regiões da África Ocidental, desde a Mauritânia até ao Golfo da Guiné. Havia assistido cientistas franceses, ingleses e espanhóis.

Por simpática iniciativa do professor espanhol Dr. Júlio Martínez de Santa-Olalla, Portugal fora convidado a representar-se, mas, embora oficialmente designado para tal fim, o autor desta resenha não teve já o tempo necessário para preparar a sua jornada e limitou-se a enviar uma comunicação sua e outra da Dr.^a Judite dos Santos Pereira, assistente de Mineralogia e Geologia da Faculdade de Ciências do Porto. No entanto, graças a Santa-Olalla, a bandeira portuguesa figurou ao lado das dos três outros países na fachada do IFAN, e Portugal ficou com um representante no *Comité* permanente das Conferências, a realizar de 2 em 2 anos.

Pensou-se em que a 2.^a Conferência, a de 1947, se efectuasse em território inglês. Mas, por ocasião da visita a Dakar, apresentei a Monod a ideia de se incluir no programa das Comemorações Centenárias de Descobrimento da Guiné a realização dessa Conferência em Bissau, no começo de 1947. A ideia foi bem recebida por ele e, logo em seguida, pelo governador Comandante Sarmiento Rodrigues, pelo Ministro das Colónias, Prof. Marcelo Caetano, e pelos outros membros do *Comité* permanente, tendo os ingleses cedido amavelmente a sua vez. Porém, circunstâncias várias forçaram-nos a adiar a Conferência para o final de 1947. E, assim, de 8 a 17 de Dezembro desse ano, efectuou-se em Bissau aquela assembleia.

(1) Vide o meu livro *Uma jornada científica na Guiné Portuguesa*, Edição da Agência Geral das Colónias. Lisboa, 1947.

Não me pertence a mim, um dos organizadores da reunião, pôr em relevo o êxito inegável que ela teve, quer no aspecto estritamente científico, quer mesmo sob os aspectos da nossa política colonial e do valor da colaboração lusitana para a sua efectivação feliz. Não faltam, porém, depoimentos insuspeitos que assinalam tal êxito de forma insofismável, o que deve ser grato a todos os Portugueses.

A Conferência teve várias sessões, sendo a solene de inauguração e a de encerramento presididas pelo governador Sarmiento Rodrigues que nelas, como os cientistas delegados dos quatro países representados, produziu discursos com importantes afirmações não só de interesse cultural, mas ainda de grande oportunidade quanto ao nosso papel como nação colonizadora e à nossa política internacional neste lance e através da história. As sessões de trabalhos foram em número de 11, tendo as comunicações sido repartidas por três secções (meio físico, meio biológico e meio humano), mas havendo conferências plenárias, como a inaugural do presidente do Congresso, sobre «A investigação científica nas Colónias Portuguesas», a do Prof. Daryll Forde sobre «Etno-sociologia» e a do Prof. Orlando Ribeiro sobre «Alguns traços geográficos da Guiné Portuguesa». Uma das sessões foi especialmente consagrada a questões da alimentação dos indígenas, tendo sido ouvidos os relatórios de Mr. Berry e Miss Robinson, que têm estado na Gâmbia em missão sobre o assunto, e usando depois da palavra a tal respeito vários congressistas portugueses e estrangeiros. Nas outras sessões foram apresentadas mais de 150 comunicações científicas, muitas das quais suscitaram interessantes discussões. A publicação dos textos desses trabalhos não tardará.

No dia da inauguração do Congresso foi aberta, no grande salão do Palácio da Justiça de Bissau, uma exposição de bibliografia recente sobre a Guiné Portuguesa e de Cartografia portuguesa antiga sobre a África Ocidental. O Sr. Tenente Teixeira da Mota fez, nessa oportunidade, uma erudita explanação sobre a história da cartografia antiga daquela região.

Houve várias excursões, todas cheias de interesse, quer pelos aspectos geográficos que facultaram, quer pelos temas etnográficos que permitiram aos congressistas abordar. Todas elas estavam previstas no programa do Congresso, excepto a que se efectuou, finda a Conferência, ao arquipélago dos Bijagós. É que, estando fixado o dia 17 para o regresso do avião que conduziria de Bissau a Dakar e Lisboa grande número de congressistas, uma avaria grave do aparelho, quase logo após a largada, forçou ao imediato regresso ao aeródromo, tendo sido necessário aguardar

a vinda de novo avião, pelo que foi possível dispor dos dias 18 e 19 para aquela excursão marítima.

A manhã de 10 de Dezembro foi preenchida com uma excursão na ilha de Bissau, tendo os congressistas visitado a «ria» de Quinhamel, a grande barragem do Biombo — que permitiu recentemente a conquista de uma vasta «bolanha» ao mar — e por fim duas aldeias papéis, onde se exibiram danças indígenas. Em 11, à tarde, além da fortaleza da Amura, do bairro indígena de Santa Luzia, há pouco construído, e das instalações, também recentes, de abastecimento de água a Bissau, foram visitados o Asilo e Creche de Bor, a aldeia bijagó de Ponta Cardete e a povoação papel de Prábis, havendo danças indígenas nas duas últimas.

Na manhã de 13 iniciou-se a grande excursão de três dias pelo interior, tendo sido visitadas regiões e povoados de Balantas, Brâmes, Manjacos, Oincas, Mandingas, Fulas e Saracolés, dos quais foi possível observar costumes interessantes, tipos de habitação, indústrias, danças, templos, cemitérios, culturas. De 13 para 14 pernoitou-se em Canchungo e de 14 para 15 em Bafatá. Visitou-se a antiga fortaleza e a povoação de Cacheu, tendo-se subido no rebocador *Bissau* o rio Cacheu. Também, em muitos pontos, se visitaram melhoramentos recentes, como para abastecimento de água, defesa sanitária, ensino, etc. Nalguns locais apreciaram-se aspectos geológicos e florísticos.

Na subida do rio Cacheu a *Glossina palpalis* fazia frequente aparição. Os membros da Conferência visitaram, na manhã de 13, a sede da Missão Científica contra a doença do sono, sendo recebidos pelo Prof. Cruz Ferreira, chefe da Missão, e pelos seus colaboradores. Em várias oportunidades visitaram com o chefe e colaboradores da Missão várias instalações da mesma para tratamento e hospitalização de doentes, dos quais viram vários casos nas diferentes fases.

A excursão extra-programa aos Bijagós foi feita no *Bissau*, rebocador de alto mar, sob a direcção do Sr. Comandante Dentinho. Navegámos à vista de várias ilhas do arquipélago, mas apenas se passou parte da manhã de 19 na ilha de Bubaque, visitando-se a povoação de Bijante, o que teve o maior interesse.

Em 20 desembarcávamos de novo em Bissau, regressando em 21, de avião, a Dakar e a Lisboa, muitos dos congressistas. Não pôde, infelizmente, efectuar-se uma projectada visita ao Instituto Francês da África Negra, por motivo do atraso que a avaria ocorrida em 17 no avião, que deveria conduzir os congressistas, causou na data de regresso. O Prof. Monod e os seus colaboradores, como outras entidades francesas de Dakar, tinham preparado uma carinhosa recepção.

Várias festas e recepções se realizaram durante a Conferência. Não falando nos banquetes e nas danças gentílicas durante as excursões, houve uma brilhante recepção na Palácio do Governador, um *cocktail* no Consulado francês, um desafio de futebol entre os grupos locais, etc. No dia 7 os congressistas estrangeiros foram depor flores no monumento a Nuno Tristão, numa cerimónia singela mas expressiva, a que assistiram o Governador e outras autoridades, uma guarda de honra e numerosa multidão.

Algumas resoluções e votos se aprovaram na sessão de encerramento. Assim tomaram-se deliberações quanto à composição do *Comité* permanente das Conferências, tanto quanto possível constituído, em partes iguais, por elementos metropolitanos e delegados residentes na África Ocidental. Como Portugal e a Espanha tivessem apenas um delegado cada, foram eleitos, como segundos delegados respectivos, os professores Orlando Ribeiro e Francisco Hernandez Pacheco. A substituição de M. Southern, delegado da África Ocidental Inglesa, que regressou à Europa, será feita ulteriormente por proposta do Prof. Daryll Forde. Resolveu-se também, em princípio, que a 3.^a Conferência se efectue em território britânico. Como temas sugeridos para esta nova Conferência foram escolhidos:

- a) Empobrecimento dos solos africanos: causas e remédios;
- b) Origem e repartição das laterites *lato sensu*;
- c) Os problemas das peneplanícies africanas;
- d) Nível de vida das populações em relação com as condições físicas, técnicas e sociais;
- e) História das civilizações do Sudão Ocidental (1).

Entre os votos aprovados destacaremos: um no sentido de se conseguir a participação da Libéria na próxima Conferência

(1) Por lapso tipográfico foram omitidos nesta resenha do artigo os seguintes temas: *f)* Os meios aquáticos e seu papel na economia da África Ocidental; *g)* Problemas relativos ao desenvolvimento da agricultura organizada em grande escala; *h)* Papel das instituições indígenas na manutenção da coesão das sociedades; *i)* Questões de geografia humana em relação com o desenvolvimento das cidades da África Ocidental; *j)* O povoamento biológico da África Ocidental: origem e repartição; *k)* Evolução da propriedade territorial sob a influência da colonização.

e no seio do *Comité* Internacional; outro aceitando a proposta do Instituto Francês da África Negra para se confiar ao *Comité* Internacional Permanente da CIAO o papel de *Comité* Internacional do projectado Atlas Internacional Oeste-Africano, sendo o respectivo secretariado entregue à Secção de Geografia do Instituto Francês da África Negra; outro no sentido de uma intensificação dos levantamentos cartográficos e dos recenseamentos da população na África Ocidental, com adopção de métodos uniformes e os mais aconselháveis pelo rigor científico e segundo os objectivos visados; outro para se proceder a investigações sistemáticas sobre páleo-climatologia quaternária da África Ocidental, procurando-se estabelecer os sincronismos com outras regiões do globo, averiguar as causas dos fenómenos e porventura conseguir a sua previsão; outro para o estudo dos terraços litorais e dos terraços fluviais próximos das costas; outro no sentido de se conseguir dos governos e dos serviços competentes uma revisão da toponímia da África Ocidental de acordo com a proposta feita à Conferência pelo Sr. Tenente Teixeira da Mota; outro para escavações sistemáticas em ilhas e pontos da costa de África Ocidental de que possam resultar elementos para auxiliar a resolver a questão das navegações antigas naquela costa (proposta de M. Mauny); outro para estudo sistemático dos resultados dos contactos de culturas diferentes na África Ocidental (proposta do autor deste artigo); enfim, um para o estudo de providências para protecção aos jazigos e monumentos arqueológicos no Oeste Africano (proposta da *Prehistoric Society*) e outro no sentido da continuação das explorações científicas na Guiné Portuguesa, «mesmo daquelas, como as pré-históricas, que parecem ter um carácter menos utilitário».

Se não esquecermos que muitos dos trabalhos apresentados à Conferência de Bissau foram de alto valor e incidiram sobre variadas disciplinas, não poderemos deixar de reconhecer, perante as decisões tomadas, os votos enunciados e os planos esboçados em relação a futuros trabalhos, que estas conferências, após as reuniões de Dakar e Bissau, ficaram consagradas pela sua importância e interesse vital com referência às regiões e populações africanas a que dizem respeito.

À hospitalidade e galhardia do acolhimento, na Guiné Portuguesa, pelo ilustre Governador e outras entidades locais, à dedicação inteligente e magnífica com que todos se esforçaram por auxiliar a realização da Conferência e apoiar a iniciativa e acção dos organizadores metropolitanos, junta-se, para honra deles, o mérito da própria colaboração científica prestada por elementos da Colónia.

O Governador assistiu não sòmente às sessões de inauguração e encerramento, de que foi o presidente, mas também a algumas reuniões de trabalhos, como àquela em que foram discutidas questões de alimentação.»

MENDES CORRÊA.



Lutuosa

O final do ano de 1946 trouxe à Arqueologia Pré-histórica uma enorme perda: a de Hugo Obermaier, em Friburgo, onde, durante a guerra civil de Espanha, passara o grande sábio a realizar o ensino daquela disciplina. Nascido em 1877 na Baviera, Obermaier trabalhou com mestres eminentes do seu país. Tendo começado por estudos de glaciologia e pré-história na Europa Central, foi, durante a guerra de 1914, surpreendido por esta em Espanha, onde se manteve depois por muitos anos, efectuando notáveis investigações e sendo encarregado na Universidade de Madrid duma cátedra de Pré-história, para ele expressamente instituída.

Dedicou-se a estudos importantes de pré-história, glaciologia, paleontologia do quaternário, arte pré-histórica, etc., publicando em 1916 o seu grande tratado *El hombre fósil*, e mais tarde um volume em inglês sobre *Fossil Man in Spain*, além dum manual de arqueologia e antropologia pré-histórica (em colaboração com Garcia Bellido) e numerosas memórias e artigos. São particularmente importantes os seus trabalhos sobre os dólmenes em Espanha, sobre os petroglifos da Galiza, sobre pré-história e arte rupestre da África menor, etc.

Obermaier esteve mais duma vez em Portugal. A Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia elegera-o, há muito, seu sócio honorário.

*

* *

Desapareceram do número dos vivos, nos últimos anos, alguns ilustres etnólogos e arqueólogos portugueses: o Prof.

Dr. Vergílio Correia, da Universidade de Coimbra, Dr. Cláudio Basto, director da *Portucale*, Dr. Joaquim Manuel Correia, das Caldas da Rainha, Tomás Simões Viana, de Viana do Castelo, Rev. Dr. Manuel Alves da Cunha, de Luanda, Prof. Dr. Aarão de Lacerda, do Porto, Dr. Pedro Vitorino, do Porto, o Rev. José Monteiro de Aguiar, de S. Miguel de Paredes, e o P.^o Francisco Manuel Alves, reitor do Baçal (Bragança), sendo todos, excepto o último, sócios desta colectividade.

Pedro Vitorino fez na Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia algumas conferências, trabalhou no antigo Museu Municipal do Porto e, mais tarde, no Museu Nacional Soares dos Reis, em variados domínios arqueológicos, deixando uma numerosa e importante bibliografia. Vitimou-o um terrível desastre numa passagem de nível. A Comissão de Etnografia do Douro Litoral promoveu uma justa homenagem à sua memória, sendo uma delas a atribuição do seu nome a uma das salas do respectivo Museu. Publicou também a Comissão um valioso volume de homenagem ao nosso malogrado amigo e colega.

Vergílio Correia, professor de Arqueologia e História da Arte em Coimbra, fundador e director da *Terra Portuguesa*, director do Museu Machado de Castro, deixou um nome glorioso na etnografia, na arqueologia e na história da arte portuguesas. Foram notáveis, entre muitas outras, as suas explorações em *Conimbriga*. A sua bibliografia é magnífica e imensa.

Tomás Simões Viana foi um pesquisador local de louvável perseverança. Foram extensas as suas explorações na Cidade Velha de Santa Luzia, junto de Viana do Castelo.

O venerado Monsenhor Alves da Cunha foi conhecedor profundo e entusiasta da etnologia angolana. Poucos sabiam tanto dos Bacancalas e doutras populações da grande colónia portuguesa da África Ocidental. O seu nome ficará como o de um dos mais meritórios obreiros da acção colonial portuguesa.

Cláudio Basto foi, como Vergílio Correia, sócio fundador da nossa agremiação, à qual pertenceu até à sua morte, ou seja durante 27 anos. Era um escritor brilhante e culto, que deu valiosas contribuições, sobretudo, à filologia e à etnografia portuguesas.

O P.^o Monteiro de Aguiar fez interessantes pesquisas nos concelhos de Penafiel e Paredes, e reuniu em sua própria casa curiosos objectos arqueológicos e etnográficos.

Quanto ao Abade do Baçal, foi um incansável pesquisador de antiguidades transmontanas, tendo escrito em cerca de 10 volumes as *Memórias Arqueológicas do Distrito de Bragança* e muitos outros trabalhos. Era um homem modesto, afável, labo-

rioso, que recebeu justas consagrações e tinha imensas e merecidas simpatias no respectivo distrito. Ao Museu Regional de Bragança foi dado o seu nome.

*

* *

Faleceram ainda em 1946 dois sócios da nossa colectividade os quais, embora sem se terem especializado nas matérias nela cultivadas, não deixaram de testemunhar sempre um vivo interesse pelo labor da Sociedade. Referimo-nos ao Prof. Dr. José Pereira Salgado, ilustre professor de química, sucessor e discípulo dilecto de Ferreira da Silva, e, durante anos, Reitor da Universidade do Porto, e ainda ao distinto jornalista, crítico e escritor, Eduardo Santos (*Eduriza*), que durante muito tempo foi redactor do diário *Comércio do Porto*.

*

* *

Bruscamente arrebatado pela morte, perdemos ainda em 1947 um sócio ilustre que à arqueologia artística, história e crítica de arte, e ao ensino universitário dessas matérias no nosso país deu um brilhante e perdurável contributo. Trata-se de Aarão de Lacerda, antigo professor da extinta Faculdade de Letras do Porto e do Conservatório de Música da mesma cidade, antigo professor e director da Escola de Belas-Artes do Porto, e, nos últimos anos, sucessor de Vergílio Correia na sua cátedra universitária de Coimbra. Aarão de Lacerda, filho dum outro ilustre e saudoso universitário e possuidor duma vasta cultura e dum nobre afã de beleza e de saber, publicou muitos livros e artigos, sendo de destacar a *História da Arte em Portugal* e, pelas suas relações com a etnologia, o *Fenómeno Religioso e a Simbólica*. Foi director das revistas *Dyonysos* e *Museu*. Fez numerosas conferências. O seu labor cultural foi enorme e brilhante. Quem emocionadamente escreve estas linhas não pode esquecer a amizade fraterna que desde a mocidade o prendeu ao espírito aberto, culto, vivo e afectuoso de Aarão de Lacerda.

*

* *

A Sociedade de Antropologia inclina-se perante a memória dos ilustres extintos e exprime às famílias respectivas as suas profundas condolências por tão dolorosas perdas.

M. C.



REVISTA BIBLIOGRÁFICA

SERGIO SERGI — Terminologia e divisione delle scienze dell'Uomo. I risultati di un'inchiesta internazionale — «Riv. di Antropol.», Vol. XXXV, Roma, 1944-1947.

O ilustre professor de Antropologia de Roma reuniu 71 cartas de resposta a um inquérito internacional junto dos antropologistas e etnólogos sobre os seguintes pontos: significado dos termos Antropologia e Etnologia; distinção entre etnologia e etnografia; divisão das ciências antropológicas para fins teóricos e para ensino; extensão e posição do domínio do folclore. Multiplicaram-se os pareceres mas o prof. Sergio Sergi procurou, após breves comentários, chegar a conclusões gerais, baseadas em razões várias e nas opiniões predominantes. Entre estas encontram-se as dum significado lato para a Antropologia, que não se limitaria apenas ao terreno somático, mas seria integral, sómato-psíquica, e a da importância fundamental daquela disciplina na cultura universal.

MEENDES CORRÊA.

JUAN COMAS — Conferências de Antropologia e Biotipologia — Monterrey, N. L. México, 1944.

Resumo do ciclo de conferências feitas pelo A. no Instituto de Investigações Científicas da Universidade de Novo-Leão (México).

O A. agrupou os assuntos em três partes a saber: Antropologia racial, Antropologia morfológica e Orientação profissional.

Se bem que, como diz o A., as matérias tratadas não fossem esgotadas ou ainda acrescentadas por novas doutrinas, estes resumos constituem uma exposição clara dos conhecimentos actuais da Antropologia nos seus variados ramos.

HUGO DE MAGALHÃES.

H. OBERMAIER e A. GARCIA Y BELLIDO — *El Hombre prehistorico y los orígenes de la humanidad* — «Revista de Occidente», Madrid, 1947, 350 págs. 76 figs. XXXII estampas.

Só uma exposição calma, clara e verdadeiramente didáctica do panorama actual da Arqueologia justifica o crescente sucesso deste manual cuja 4.^a edição agora apareceu.

Dado que a Arqueologia é uma jovem ciência e ainda, portanto, no período de formação e renovação, facto que muitas vezes impede o fácil aparecimento de obras de síntese e confronto, todavia os A. A. conseguiram sempre, como nas anteriores edições, manter actualizadas as questões versadas, o que assume destacado interesse para quem inicia o estudo deste ramo de conhecimento.

A morte de Obermaier impediu a completa actualização dos capítulos referentes aos tempos paleolítico, mesolítico e neolítico, lacuna que o outro A. procurou preencher parcialmente com algumas notas.

Uma abundante e bem seleccionada bibliografia completa os capítulos respectivos. Outros índices tornam mais fácil a consulta deste útil manual, em cujas páginas se procurou condensar o que actualmente conhecemos sobre um importantíssimo sector do passado etnológico e arqueológico do homem.

_____ RUSSELL CORTEZ.

P. BOSCH-GIMPERA — *La formacion de los pueblos de España* — 1 vol. de cerca de 450 págs., 71 estampas e vários mapas. México, 1945.

Importante síntese sobre a pré-história e a história antiga da Península, elaborada com a sua larga e esclarecida visão e com informação ampla, pelo sábio e consagrado chefe da escola pré-histórica barcelonesa. Depois duma revista dos materiais à disposição dos investigadores e dum esboço geográfico da Península em conjunto e nas suas regiões, Bosch traça um breve quadro etnológico do paleolítico e do mesolítico, detendo-se em seguida na formação dos povos indígenas durante o neo-eneolítico e o bronze. Em capítulos sucessivos trata depois das duas vagas célticas, dos Tartéssios e Iberos, dos Fenícios, dos Focenses, e dos Gregos e Cartagineses no território, concluindo pelo estudo da acção da expansão cartaginesa e da conquista romana na evolução dos povos peninsulares, sendo o último capítulo uma sín-

tese da diversidade peninsular sob os domínios germânico e muçulmano e com a constituição dos novos agrupamentos, a saber: Astúrias-Leão; Galiza-Portugal; Castela montanhosa e o Estado castelhano; Bascos e Navarros; Aragão; Catalunha e a sua expansão; os núcleos muçulmanos; Andaluzia; e Granada.

Há muitos pontos de vista originais e cheios de interesse neste livro, sobretudo no que respeita às relações dos povos peninsulares com outros da Europa e do N. de África, e quanto à sistematização etnológica como também no que se refere à influência das raízes étnicas na fisionomia das populações modernas da Hispânia. Para Bosch a Espanha é, como já foi dito, uma «nação de nações» que ainda se não estabilizou. Nesse «complexo polinacional» a coesão e a unidade foram impostas não pela estrutura política, mas por uma convivência geográfica e pela livre acção das actividades e dos valores espirituais criados em comum.

Um índice alfabético de matérias, de nomes de autores e de topónimos, torna fácil a consulta rápida do belo livro para esclarecimento de muitos aspectos da história etnológica da Península.

M. C.

LUIS DE HOYOS SÁINZ — Antropologia pre-histórica española — I, Extr. da «Historia de España», de Espasa Calpe, Madrid, 1947.

O venerando e sábio antropólogo e etnógrafo espanhol, prof. Hoyos Sáinz, em cerca de 140 páginas da bela edição da «Historia de España», da casa Espasa Calpe, faz uma minuciosa e proficiente resenha dos documentos arqueológicos humanos encontrados até hoje nas estações pré-históricas da Península Ibérica. Fotografias de exemplares, gráficos, tabelas, larga bibliografia, acompanham o estudo que se refere a restos atribuídos a datas várias desde o paleolítico à idade do cobre.

A paletnologia portuguesa, sobre a antropologia dos concheiros mesolíticos de Muge, é tratada com desenvolvimento pelo A., que se não limita a expor a caracterização dos exemplares e a sua sistematização e interpretação segundo os autores, mas também formula numerosas opiniões pessoais, dando no final um esboço sintético da história paleantropológica da Península.

M. C.

ALMAGRO BASCH, M. e GARCIA Y BELLIDO, A.—*Ars Hispaniæ, Historia Universal del Arte hispanico*, vol. I. Arte prehistórico. Colonizaciones púnica y griega. El arte ibérico. El arte de las tribus celtas — 371 págs., 417 figs. Madrid, Editorial «Plus Ultra», 1946.

A abrir esta magnífica e imponente colectânea de estudos monográficos sobre a arte peninsular desde os mais recuados tempos até nossos dias e que segundo o plano se agruparão em 18 volumes, surge o dedicado à arte pré-romana.

A Martin Almagro, Catedrático da Universidade de Barcelona e director do Museu Arqueológico, foi entregue o período pré-histórico, enquanto que Garcia y Bellido, eminente arqueólogo e Catedrático da Universidade de Madrid, se ocupa dos influxos acusados pelas populações hispânicas, no decurso das várias colonizações, das manifestações artístico-arqueológicas das populações ibéricas e daquelas outras que mais vincadamente mostram as influências dos povos célticos.

Depois de acertadas generalidades sobre a arte quaternária, estabelece o 1.º A. a distribuição cronológica das variadas manifestações artísticas. Admitindo para o Perigordense uma origem africana, segue depois nas suas linhas gerais o critério de Breuil para a situação cronológica das pinturas rupestres conhecidas, a partir do Aurignacense antigo. Contra o usualmente aceite e vincando um provável africanismo para a indústria dos tempos solutrenses mostra terem estes períodos também o seu interesse artístico.

Almagro, baseado em investigações pessoais admite a possibilidade de a Arte rupestre levantina derivar da paleolítica e naturalista. De todas as suas descobertas e considerações, conclui: «el arte levantino español se desarrolló entre el magdalenense, del cual arranca, y el neolítico y la Edad del Bronce, en cuya fase esquemática muere».

Sucessivamente estuda a arte esquemática dos tempos neolíticos, a sua influência expansionista pelo resto da Europa, o vaso campaniforme, admitindo estilos derivados que se mantiveram até às chegadas das populações celtas, a arquitectura dolménica, a cultura de El Argar (1500 a 1000 a. J. C. segundo o A.) e finaliza com considerações sobre a cultura balear.

Garcia y Bellido, em erudita exposição, cheia de sugestões e problemas, estuda múltiplas questões da arte pré-romana do I milénio a. J. C.

Os tempos da influência púnica são revistos com toda a minuciosidade, estabelecendo uma cronologia a partir do século VI

a. de J. C., baseado para tal no estudo da série de achados já conhecidos.

Nos capítulos seguintes e dedicados à arte grega, em que distingue a existência de produções provinciais ou greco-ibéricas, à arte ibérica e à arquitectura, o A. expõe por vezes pontos de vista novos que justifica com numerosos argumentos.

Quando trata das tribos celticizadas o A. distingue completamente as manifestações destas das ditas ibéricas, nas suas criações artísticas, na sua raça e idiosincrasia, e estabelece os seus grupos principais, entre os quais inclui os citanienses galaico-portugueses, e situa-os cronologicamente entre o século VI e a penetração romana.

Poucas vezes se nos depara o ensejo de apreciar uma iniciativa editorial de tão largo alcance cultural, iniciativa que bem denota o grau de apogeu atingido na Península pelos estudos históricos e arqueológico-artísticos.

R. C.

C. VON RIET LOWE — *More Neolithic Elements from South Africa. Recent Archaeological Discoveries* — Repr. from the «South African Archaeological Bulletin», Cape Town, vol. II, 1947.

O ilustre pré-historiador da África do Sul ocupa-se, nesta importante nota, da cultura neolítica que chama «Free State Wilton» dada a abundância especial e carácter mais típico das respectivas estações no Estado Livre. Conhecem-se 21 estações na União, sendo 17 no dito Estado. Entre os elementos característicos figuram pontas de seta farpadas e pedunculadas, que sugerem ao A. vários paralelos, como com espécimenes dos dólmenes e do solutrense superior de Portugal.

M. C.

ALBERTO REX GONZALEZ — *Algunas observaciones sobre los caracteres antropológicos de los primitivos habitantes de Córdoba* — Universidad Nacional de Córdoba (Argentina), 1944.

Resumo, nota preliminar lhe chama o A., da Antropometria dos restos ósseos dos habitantes pré-históricos de Córdoba.

Foram determinados os caracteres métricos de 10 crânios, segundo as regras da Convenção de Mônaco e calculada a estatura de 15 indivíduos a partir dos ossos longos segundo o método de Manouvrier.

O A., nos 26 crânios que examinou de várias colecções, encontrou deformações do tipo tabular da classificação de Imbelloni.

Pelos caracteres craniométricos determinados considera os indivíduos como pertencentes à raça dos povos *Ándidos*.

H. M.

BOSCH-GIMPERA, P. — El mesolítico europeo — Sep. de «Ciência», vol. VII, 24 págs., 5 mapas, México, 1946-1947.

Deste ilustre Mestre da arqueologia peninsular acaba de aparecer um extenso e bem elaborado trabalho em que são revistos, sistematizados, correlacionados e situados cronologicamente os vários achados de indústrias líticas e outras manifestações humanas dos tempos finais do quaternário, dos tempos mesolíticos.

Subordina-se o estudo ao seguinte esquema:

I). Mesolítico Ia (Epipaleolítico) (8300-7800 a. J. C.). *a)* Ocidente e centro europeu. *b)* Norte da Europa: hamburgiense.

II). Mesolítico Ib (fase avançada) (7800-6800).

a) Ocidente e centro europeu. *b)* Europa oriental: mesolítico de Transcaucásia, Crimeia e Rússia; o swideriense da Polónia. *c)* Norte da Europa: a cultura de Lymby — Ahrensburg — Lavenstedt. *d)* No extremo Norte: finmarkiense.

III). Mesolítico II (6800-5000). *a)* Os grupos capsenses da Península Ibérica: costas mediterrâneas, concheiros de Muge e arte esquemática do interior. *b)* A cultura litoral do «Asturiense». *c)* O mesolítico do litoral da Bretanha. *d)* O cápsio-sauveterriense de França. *e)* No Sul da Alemanha. *f)* Cultura dos Bosques ou de Maglemose no norte europeu e grupos correlacionados.

IV). Mesolítico III (5000-3000).

a) Na Península Ibérica. *b)* Evolução do cápsio-sauveterriense francês; o tardenoiense. *c)* No Sul da Alemanha e na região do Danúbio. *d)* A cultura de concheiros de Erterbölle. *e)* Aspectos ocidentais relacionados com a cultura de Erterbölle: o campigniense. *f)* Mesolítico avançado da Europa Oriental. *g)* Aspectos litorais na Escandinávia e regiões afins: tradição maglemosiense e arte rupestre, relações com a cultura ártica.

Todo este esquema é desenvolvido depois e justificadas as ilações tiradas com abundante bibliografia monográfica, ao mesmo tempo que aparecem concretizadas nos mapas finais.

O trabalho é completado com um mapa em que são colocados no mesmo nível cronológico as estações correspondentes e

conhecidas no Norte de África, Península Ibérica, França, Inglaterra, Europa Central e do Norte, Polónia, Rússia e Oriente próximo.

R. C.

BLAS TARACENA AGUIRRE e LUÍS VÁSQUEZ DE PARGA — *Excavaciones en Navarra* — I (1942-1946). 1 vol. de 150 págs., 33 estampas e outras ilustrações — Pamplona, 1947.

A «Institución Príncipe de Viana», da Deputação Foral de Navarra, editou o primeiro volume duma série sobre escavações arqueológicas realizadas pelos A. A., por iniciativa daquele organismo, de 1942 a 1946. Sucessivamente se relatam neste volume os resultados das explorações no «Castejón» de Arguedas, de prospecções nos povoados de Echauri, no «Castellar» de Javier e nos «Casquilletes de San Juan» de Gallipienzo, da exploração do povoado celtibérico de Fitero, e do estudo de numerosas estações e achados romanos de Navarra. Entre estes últimos achados figuram muitos documentos epigráficos que os autores inventariaram e descreveram minuciosamente, dando um índice de nomes de localidades, divindades, imperadores e outras pessoas a que essas inscrições lapidares se referem.

As 5 estações de Arguedas e Echauri constituem, segundo os A. A., até agora as únicas objectivamente conhecidas da idade do ferro na Navarra e as suas indústrias são de tipos centro-europeus, ilírios ou célticos, mas não mediterrâneos, o que sugere se deixe em suspenso a hipótese geralmente aceite do iberismo dos Vascos.

O volume, bem ilustrado, é uma contribuição valiosa à arqueologia proto-histórica do país vizinho.

M. C.

OTTO SCHLAGINHAUFEN — *Skelette von Bonaduz aus dem Ausgang der La Tène-Zeit.* — Sep. de «Bulletin der Schweizerischen Gesellschaft für Anthropologie und Ethnologie», Bern, 1941-42.

Numa gruta em Bot Panadisch, a N. E. de Bonaduz, foram encontradas 4 sepulturas cujo espólio foi estudado pelo ilustre professor de Antropologia da Universidade de Zurique.

Como consequência do estudo cuidadoso e pormenorizado dos caracteres descritivos e das numerosas medidas efectuadas e

dos índices calculados, o A. é de opinião que são restos ósseos do final da época de La Tène ou, talvez, da que se lhe seguiu imediatamente; mas os caracteres do esqueleto facial conduzem a considerar estes esqueletos da época de La Tène de preferência a colocá-los na época romana.

ALFREDO ATHAYDE.

Memórias de los Museos Arqueológicos Provinciales — Vols. VI e VII, relativos a 1945 e 1946, publicados pela Inspección General de Museos Arqueológicos del Ministerio de Educación Nacional. Madrid, 1946-1947.

Desde 1940 que com certa regularidade aparecem os extractos das Memórias que os directores dos museus espanhóis dependentes do Corpo de Arqueólogos apresentam anualmente.

Num ritmo sempre crescente vão dando conta do muito já feito, organizando, melhorando, instalando convenientemente as colecções arqueológicas existentes nas várias capitais de provincia, de forma a darem uma imagem tão aproximada quanto possível do passado da região.

Os volumes relativos a 1945-46, dão-nos conta do intenso labor museológico, levado a efeito pelos arqueólogos do Estado Espanhol, mostrando quanto se fez nos vários museus que, na maioria dos casos, estavam mal instalados e deficientemente subvencionados. Agora, sem pressas, sem improvisações, com persistência, tudo se reformou, desde as dotações, largamente aumentadas, aos edifícios condignos das colecções que albergam.

Pelo seu conteúdo, são já estes volumes um óptimo material de consulta para o estudioso, tantos e valiosos são os elementos reunidos.

Bem satisfeito com a sua obra e a dos seus colaboradores, se deve sentir D. Joaquim Navascués, pois mercê da sua actividade existem de facto melhores condições de trabalho nos museus arqueológicos espanhóis.

R. C.

SOUCIA GRAF — Die Skelettfunde von Holderbank im Kanton Solothurn — Sep. du «Bulletin der Schweizerischen Gesellschaft für Anthropologie und Ethnologie», Bern, 1941-42.

Refere-se este trabalho ao estudo dos restos ósseos de dois esqueletos encontrados numas escavações feitas em Holderbank.

Depois de observar minuciosamente os caracteres descritivos e métricos destes esqueletos, o A. conclui por dizer que se deve tratar de restos ósseos medievais, embora apresentem caracteres dum tipo que já se encontra na época romana. Contudo, termina o A., só trabalhos posteriores baseados em novos achados dessa necrópole, poderão levar a uma conclusão definitiva.

A. A.

ERNST C. BÜCHI — Die Gebeine aus dem Johanniterhaus Bubikon (Kt. Zürich) — Sep. de « Bulletin der Schweizerischen Gesellschaft für Anthropologie und Ethnologie », Bern, 1944-45.

Nas escavações feitas numa capela em Bubikon, foram encontradas várias sepulturas com ossadas humanas, cujas inumações devem datar de entre os anos de 1192 e 1789.

O A. estudou essas ossadas minuciosamente, desenhando os crânios e sobrepondo os desenhos, a fim de poder observar melhor as suas afinidades, e elaborou tabelas, à vista das quais se podem comparar facilmente os caracteres merísticos considerados. Do mesmo modo procedeu com os ossos longos, concluindo por dizer que estas ossadas devem ter pertencido a indivíduos que viveram no final da Idade-Média com caracteres bastante aproximados dos dos Badenses.

A. A.

EUGÉNIO JALHAY — Epigrafia ammaiense, sep. da « Brotéria » vol. XLV, 23 págs., 13 figs., Lisboa, 1947.

Com este valioso trabalho presta o A. uma importante contribuição para o estudo dumha das regiões da Lusitânia, onde floresceu com grande pujança a vida romana e terão pois o maior interesse arqueológico e científico as escavações anunciadas para breve, nos lugares onde existiu a cidade romana de Ammaia, sendo muito de louvar a iniciativa tomada pela Câmara Municipal de Marvão ao subsidiar tais trabalhos.

Os materiais epigráficos que o ilustre arqueólogo erudita e proficientemente apresenta, informam-nos objectivamente da importância que os trabalhos breve executados naquela área assumirão, para o esclarecimento de inúmeras questões que a vida romana e a sua arte provincial suscitam.

Neste magnífico trabalho aprendemos que naquele *Municipium* se adorava *Toga* benfazeja, invocação que pela primeira vez aparece em Portugal. Surge-nos o culto da Deusa *Ocrimira*, descoberta sensacional e de destacado interesse, pois informa-nos da sobrevivência de mais um culto pré-romano nos tempos do Império e com ela vemos aumentar o número dos Deuses do Panteão indígena.

Quanto à ponte de Alcântara que o A. dá como desaparecida, eu não perfilho idêntica opinião. Apesar de restaurada no séc. XIII, das obras que no séc. XVI foram feitas e que desfiguraram o perfil do arco central e das efectuadas no século passado, muitos são ainda os elementos romanos conservados nesta ponte, pertencente à antiga via existente entre *Norba* e *Conimbriga*.

R. C.

FERMIN BOUZA-BREY — Sobre las acuñaciones suevas de plata a nombre de Honorio y Requiario — El Museo de Pontevedra, 1946.

Mercê de notas como esta, vai sendo melhor conhecido o período obscuro da História peninsular, que interessa à antiga Galécia durante os tempos suevos.

No presente estudo o A. aproveita o ensejo do achamento duma moeda de prata sueva, nas obras levadas a efeito no castro de Lanhoso e que era nem mais nem menos que um exemplar, cuja autenticidade não pode ser negada, e que vem dar foros de autêntico a outro publicado por Lelevel em 1835, moeda cunhada durante o reinado de Rechiário em Braga e que era considerado uma falsificação por numismatas que à questão se têm dedicado.

R. C.

W. M. REINHART — Os Sólidos « Gallecanos », moedas portuguesas — Sep. do « Arquivo Histórico de Portugal », vol. V, Lisboa, 1946.

O A. num intenso labor de numismata e de investigador, aproveita os elementos fornecidos pelos monumentos monetários para esclarecer os ainda nebulosos tempos suevo-visigóticos.

Por este trabalho fica assinalada uma provável e bem curiosa sobrevivência no uso dos numismas suevos.

Para o autor, os soldos suevo-lusitanos dos séculos V e VI,—os primeiros áureos cunhados em solo português e galego,—continuam, conhecidos por «Sólidos Gallecanos», a circular, com valor monetário portanto, nos tempos da Reconquista, até serem substituídos pelos morabitanos.

Uma vez mais fica demonstrado que, para o conhecimento deste tão importante período da nossa Proto-História, não poderemos deixar de entrar em linha de conta, não só com os informes que os documentos fornecem, mas também com o completo aproveitamento dos materiais encontrados em certas estações arqueológicas, os Crastos, pois é muito provável que em muitos casos os povos germânicos habitassem esses nossos povoados.

É pois uma bem curiosa contribuição para o estudo desta tão mal conhecida época, mostrando simultaneamente quantas achegas a numismática pode fornecer à História.

R. C.

D. RAFFAELLO PARENTI — Contributo alla conoscenza della cranologia del Fezzan — Extr. do «Arch. per l'Antrop. e Etnol.», vol. LXXV, 1945, Firenze.

Trata-se dum estudo sobre 40 crânios recolhidos no cemitério de Murzuch pelo Prof. Cipriani aquando da expedição ao Fezzan organizada em 1932 pela Sociedade Geográfica Italiana.

O exame cuidadoso dos exemplares conduziu o A. a concluir que a sua morfologia corresponde a um produto de cruzamento entre o tipo berbere (com tendências ora cromagnonóides ora anteroasiáticas) e o tipo negróide sudanense, porventura com traços paleonégrides. A aproximação bochimanóide nalguns factos surge explicável ao A. por simples convergência.

A monografia, extensa, é documentada com tabelas, gráficos e estampas.

Este e outros trabalhos do Instituto Antropológico da Universidade de Florença, dirigido pelo Prof. G. Genna, honram os seus autores e o instituto referido.

M. C.

OTTO SCHLAGINHAUFEN — *Rothhaarigkeit bei der schweizerischen Bevölkerung* — Sep. du «Bulletin der Schweizerischen Gesellschaft für Anthropologie und Ethnologie», Bern, 1944-1945.

Neste trabalho, estuda o Prof. Schlaginhaufen a frequência dos cabelos ruivos na população suíça.

Baseiam-se os seus resultados nas observações feitas em 35.339 mancebos examinados por ocasião das inspecções militares, e concordam com os anteriormente feitos por Kollmann em crianças das escolas. A Suíça, relativamente à frequência de cabelos ruivos, coloca-se na mesma categoria que a Islândia, a Dinamarca, Holanda e as Ilhas Britânicas. Analisando a pigmentação dos pêlos noutras partes da cabeça, a estatística elaborada pelo A. mostra que a cor ruiva aparece nos cabelos com menor frequência, seguindo-se, por ordem crescente, a barba, as pestanas, as sobrancelhas e o bigode.

Isto leva o A. a concluir que na população europeia existem mais ruivos, no sentido lato, do que os resultados indicam, quando se consideram apenas os cabelos; e que, no gene da coloração da pilosidade, intervém um factor de distribuição, do qual esta depende relativamente às espécies de pêlos e às diferentes regiões do corpo.

A. A.

H. VALLOIS — *Recherches anthropologiques sur les Peuls et divers Noirs de l'Afrique Occidentale* — Extr. de «Bull. de la Soc. d'Anthrop. de Paris», t. II, IX série, Paris, 1942.

O labor científico do ilustre professor francês não sofre interrupção e estende-se aos mais variados domínios da antropologia física, sempre com brilho e originalidade inconfundíveis, embora mantendo a tradição da escola antropológica francesa de Broca, Topinard, Verneau, Boule, etc. Posteriormente ao trabalho de que damos a presente notícia bibliográfica em vista do interesse especial que ele reveste para o estudo antropológico da nossa Guiné, Vallois publicou já muitos outros estudos, algumas importantes monografias e mesmo volumes de carácter geral, como a pequena brochura de iniciação *Les races humaines* (da série «Que sais-je?»), e a 3.^a edição, larga e proficientemente ampliada, da magnífica obra de Boule, *Les hommes fossiles*.

A notícia de que nos ocupamos baseia-se nas observações de Leca sobre 28 Fulas, 50 Jalofos, 11 Manjacos, 3 Diolas, 13 Kïssis, 20 Toma, 20 Guerzé ou Pessa, e 9 Manou ou Gon,

os quatro primeiros grupos do Senegal, da Gâmbia e do Casamança, e os quatro últimos da região da África Ocidental Francesa entre a Serra Leoa e a Costa do Marfim.

Vallois reconhece no conjunto das séries estudadas três tipos, o dos Fulas, o dos Jalofos e o dos negros da Guiné, dando a respectiva caracterização. Entre os Fulas e os Jalofos haveria maiores afinidades do que entre qualquer desses grupos e os Guineenses, os quais, embora menos prognatas, teriam maior índice nasal. Os Fulas seriam dolicocefalos, mas com menos mesaticéfalos do que os outros. Apesar da cor mais clara e do nariz saliente, os Fulas de M. Leca teriam muitos caracteres negróides. Estariam já longe do tipo fula clássico, intermédio entre os brancos e os negros, e, no entanto, eram Fulas do Futa-Djalon.

M. C.

LUIS DE HOYOS SÁINZ — *Distribucion de los grupos sanguíneos en España* — Madrid, 1947.

Baseia-se este trabalho nas determinações grupais efectuadas até agora, por vários investigadores, em todas as províncias espanholas. O número de indivíduos observados eleva-se a 50.791, a que correspondem, para toda a Espanha, as seguintes percentagens:

O — 38,60; A — 47,16; B — 8,97; AB — 4,31.

O A., depois dum prólogo em que aponta a importância da Biologia como base da Geografia humana e dum intróito para não biólogos em que descreve a iso-hemato-aglutinação humana e dá alguns informes da técnica de Beth-Vincent e da aplicação dos resultados à Antropologia, apresenta as características hemáticas gerais da Espanha, fazendo considerações de ordem racial.

Seguidamente faz o estudo da distribuição dos grupos sanguíneos, introduzindo neste capítulo cartas hemáticas provinciais e fazendo considerações a respeito dos «contrastos» ou das «convergências» entre essas províncias.

Apresenta depois um capítulo especial sobre Madrid ao qual se segue um outro sobre a comparação dos resultados correspondentes aos dois sexos, concluindo por dizer que valores hemáticos significativamente diferentes entre os dois sexos numa dada região, são sinal de heterogeneidade antropológica, critério até certo ponto discutível.

Faz em seguida comparações com valores hemáticos doutros países de que conclui por certa homogeneidade racial do conjunto do povo espanhol, de acordo com a opinião de alguns morfologistas.

Segue-se uma exposição de índices cujos componentes são as percentagens grupais, criticando a teoria de Bernstein e recordando o ataque que a esta fez o Prof. Dr. Mendes Corrêa, mas não cita, naturalmente porque a desconhece, a actual opinião deste último Professor. Apresenta o A. três relações centesimais suas, dando preferência à seguinte:

$$\frac{O \times 100}{A + B + AB}$$

cujo valor calcula para as diferentes regiões.

Organiza, combinando a Serologia com a Antropologia, as regiões hemáticas espanholas, dividindo-as em *puras*, *semi-puras* e *mistas*.

Como não podia deixar de ser, refere-se à hematologia portuguesa, citando apenas as determinações do Prof. Dr. Tamagnini e de D. Adélia Seirós da Cunha (as quais não são as únicas), servindo-se delas para estabelecer confronto entre os valores hemáticos portugueses e espanhóis. Refere-se, a propósito, ao que chama *índice de Bernstein* que para Portugal seria de 99,9. Parece haver aqui confusão: o valor 99,9 não é o índice de Bernstein, cuja expressão é p/q , mas sim a soma das probabilidades do aparecimento dos genes hemáticos, soma que tem a expressão:

$$p + q + r = 100 \quad (1).$$

Aplica o método de Streng e um outro do A. no qual se estabelecem diferenças ou semelhanças entre regiões ou povos pelo confronto das diferenças entre as percentagens de cada grupo hemático, método idêntico ao de Lahovary (*Les peuples européens*, Neuchatel, 1946), seguindo-se considerações acerca da actual distribuição dos grupos sanguíneos na Europa.

Termina o trabalho com uma adenda referente à primeira distribuição regional em Espanha feita pelo A., aos últimos trabalhos hematológicos franceses e às fichas sero-antropológicas usadas em Espanha.

(1) Bernstein (1925), *Z. induk. Abstam. u. Verer. Lehre*. 54:400.

É, como se vê, um trabalho importante de sero-antropologia, pois se baseia num número considerável de observações, mas é pena que o A. não tenha feito o estudo matemático de cada série, com o fim de saber se alguma delas seria de rejeitar; assim toma-as todas como boas. Também não determinou os parâmetros p , q e r segundo a hipótese de Bernstein, actualmente aceite pela maioria dos autores.

AMÍLCAR MATEUS.

RENATO MENDONÇA — A Influência africana no Português do Brasil — 3.^a ed., Livraria Figueirinhas, Porto, 1948.

Renato Mendonça, actualmente Cônsul do Brasil no Porto, acaba de reeditar um valioso livro de contribuição para o conhecimento da influência negra no português do Brasil.

Esta obra, que já teve duas edições no Brasil, foi agora revista, actualizada e acrescentada pelo autor, antes de ser dada a público pela primeira vez em Portugal.

Como se vê pelo título, o autor propôs-se estudar um capítulo importante da linguística brasileira, que também nos interessa, visto que em algumas das nossas colónias em que houve mestiçagem, se podem ter dado fenómenos idênticos na nossa língua.

Contudo, Renato Mendonça ultrapassou os limites da linguística, e o seu trabalho tem um interesse mais geral, visto focar problemas etnográficos, históricos, folclóricos e literários, para assim melhor poder seguir e documentar os fenómenos linguísticos, que estuda com maior profundidade.

O trabalho é importante para quem se dedica ao estudo da Etnologia, não só pelas conclusões a que chega o próprio autor, como pelas sugestões, tão ricas para quem, como nós, possui uma série enorme de problemas resultantes do encontro das culturas nacionais com as dos indígenas das diferentes regiões da Terra que colonizamos.

Chamamos a atenção dos filólogos para certos fenómenos fonéticos, registados pelo autor, como devidos a influência negra, que se repetem no nosso país, em regiões que estão ao abrigo de qualquer influência africana, como a mudança do fonema línguo-palatal *lh* na semi-vogal *y*:

No brasileiro *muyé* por mulher. No caboverdeano *meyor* por melhor. No guineense *fyá* por filha. Em S. Tomé *foya* por folha.

Pois no dialecto rionorês encontramos nós este fenómeno como regra: folha é também *foya*, trilho é *triyó*, mulher é *muyer*,

coelho é *coeyo*, etc. E contudo em Rio de Onor não deve ser possível qualquer influência negra. Não quero com isto dizer que o fenómeno verificado pelo autor não seja devido à influência de línguas africanas.

Além deste exemplo temos outro, que também se repete no Norte do país, na região minhota e nos arredores do Porto, que é a tendência a pronunciar a terminação *am* da 3.^a pessoa do plural do perfeito indicativo por *o* átono: amaram > *amaro*, fizeram > *fizero*, disseram > *dissero*. Renato Mendonça diz que no Distrito Federal isto é frequente entre os negros e gente da sua classe.

Também menciona a redução dos ditongos *ei* e *ou* por influência africana:

ei → ê — cheiro → chêro
 peixe → pêxe
 beijo → bêjo
 ou → ô — lavoura → lavôra
 couve → côve
 louco → lôco.

Como sabemos a população de Lisboa e do Sul do país tem a tendência a pronunciar da mesma maneira os ditongos *ei* e *ou*.

Limitamo-nos, repito, a chamar para este problema a atenção dos filólogos.

JORGE DIAS.

ANTÓNIO DE CÉRTIMA — Sortilégio senegalês — 1 vol. da colecção «Por terras de maravilha» — Porto, 1947.

Este livro que o talentoso e consagrado autor dedica aos seus amigos franceses, não é apenas uma obra de alto valor literário, nem interessa exclusivamente os etnógrafos e colonialistas que se ocupam de assuntos da África Ocidental Francesa. Toda a gente ali encontra descrições coloridas, impressões sugestivas, temas empolgantes, sobre as populações, história e acção colonizadora, nesses países que o autor percorreu ou nos quais permaneceu mesmo longamente. É um livro que se lê dum fôlego, numa atracção crescente pelas narrativas, ali feitas, de viagens e de convívios, pelos quadros pitorescos de paisagens ou de exotismos étnicos, pelas evocações de velhos impérios mandingas ou pelas descrições de episódios variados da actualidade colonial.

António de Cértima refere-se, a págs. 121-123 do belo volume, à colecção de crânios senegaleses, que, por sua louvável solicitação e por seu obsequioso intermédio, o médico francês Dr. P. Jouenne ofereceu ao museu do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto. António de Cértima era então cônsul de Portugal em Dakar. Hoje ocupa idêntico cargo em Sevilha.

M. C.

GERHARD LINDBLOM — *Nose Ornaments in Africa*, Stokolm, 1945.

No domínio da Etnografia africana, a ornamentação do nariz ocupa um dos primeiros lugares. Tal ornamentação, obtida, no geral, pela introdução dos mais variados objectos através do septo nasal, ou da asa do nariz, é praticada em quase toda a África, principalmente entre os negros da zona equatorial.

O A., notável ergologista, já nos havia dado outros estudos sobre Etnografia africana, como um referente a navalhas e outro a fundas.

Na presente brochura de 56 págs. editada sob o alto patrocínio do Museu Etnográfico da Suécia, faz-se um estudo pormenorizado dos adornos nasais e da sua distribuição geográfica, entre os povos Bochimanes e Hotentotes, na África do Sul e Oriental, Angola e Congo, Camarões, Alto Nilo, Sudão Oriental, Região do Tchad, Sudão Central e Ocidental, África do Norte, Marrocos, Egipto e Abissínia.

Acompanha este valioso trabalho um excelente mapa da África, com a localização dos diferentes tipos de ornamentação, que elucida altamente os estudiosos deste aspecto curioso da Etnografia africana.

H. M.

BROUZA-BREY — *Cancioneiro popular gallego de Moscosso* — «*Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares*», Tomo II, 1946, págs. 171-182; id. — *Paremeologia juridica de Galicia* — id. id., págs. 240-245.

No primeiro destes trabalhos o distinto etnógrafo galego Bouza-Brey publica cerca de uma centena de quadras e outras composições poéticas populares, tais como «*Romances*» e «*Orações*», recolhidas em Moscosso (Redondela — Pontevedra) por um erudito industrial, D. José Augusto Ventin Duran, à memória do qual o A. se refere em justa homenagem.

As poesias estão agrupadas por categorias dos respectivos temas. Muitas delas têm similares no folclore do norte de Portugal.

No segundo trabalho Bouza-Brey juntou 98 provérbios, onde transparecem conceitos jurídicos populares, ou se marca em síntese a opinião que os camponeses têm da gente dos tribunais e das questões judiciárias.

Advogados e escrivães não são poupados pela acrimónia de alguns dos provérbios registados como mostram os seguintes:

Abogado novo xusticia polas silveiras.
 Ninguém vai ao abogado que non veña consolado.
 Consellos a abogados, peitear a carecas e catar pulgas a cás,
 son trabalhos vás.
 Boa demanda, ruin demanda, ten o escriban da tua banda.
 Bô ou mal preito, o escriban ao teu xeito.
 Con preito perdido ou gañado, ten o escriban do teu lado.

Estes provérbios marcam bem a ideia, que o povo tem, de quanto o escrivão pesa na orgânica jurídica, na elaboração da justiça dos homens.

Tem o povo de Portugal o mesmo parecer, como se vê pelos 3 provérbios que colhi no norte do país, o primeiro nos arredores do Porto e os outros dois em Moncorvo.

Numa boa ou má demanda, o escrivão da nossa banda (Maia).
 Boa demanda, má demanda, o escrivão da tua banda (Moncorvo).
 Se tiveres uma perdiz dá-a ao juiz, se tiveres um leitão dá-o ao escrivão (Moncorvo).

O trabalho de Bouza-Brey levou-me a respigar entre nós provérbios referentes ao tema jurídico. Podia dar uma lista de alguns precisamente iguais ou muito semelhantes.

O A. que é um distinto etnógrafo e ao mesmo tempo ilustre «juiz de audiência» em Santiago de Compostela, apresentou uma valiosa contribuição para o estudo de uma das mais interessantes facetas da paremeologia galega que, como diz logo de entrada, está por fazer.

SANTOS JÚNIOR.

J. ROQUE — Rezas e benzeduras populares — Beja, 1946.

Com um prefácio de Fernando de Castro Pires de Lima o Sr. Joaquim Roque deu à estampa numerosas rezas e benzeduras

populares alentejanas, seguidas de considerações gerais sobre bruxas, feiticeiras e lobisomens, almas do outro mundo, fantasmas, medos, avejões, etc.

A informação folclórica fornecida pelo A. no seu livro é abundante e valiosa.

M. C.

MARCEL MAGET — Le « Pain Bouilli » à Villar d'Arène (Hautes Alpes). Separata dos *Archives suisses des traditions populaires*. Tomo XLV, 1948.

Marcel Maget, conservador adjunto do Museu Nacional das Artes e Tradições Populares de Paris, faz um estudo modelar como método etnográfico num curioso costume hoje muito circunscrito, de cozer o pão anualmente, que observou em Villar d'Arène.

Villar d'Arène é uma aldeia situada a 1.650 metros de altitude, no sopé de Meije (3.983) que lhe encobre o sol completamente de Novembro a 15 de Fevereiro. As condições naturais, excepcionalmente adversas, obrigaram a população a manter-se durante séculos num isolamento económico quase completo e atida aos magros recursos naturais.

A escassez de cereais, de carne e de combustíveis originou um curioso sistema de fabricar o pão uma vez por ano — « Pain Bouilli » — no forno comunal, de maneira a aproveitar ao máximo os recursos de que dispunham.

Marcel Maget descreve com escrupulosa fidelidade todas as fases por que passa o pão desde o fabrico do fermento até à utilização posterior durante todo o ano.

Aquilo que não pôde observar no período de tempo em que permaneceu na aldeia, procurou sabê-lo por informação, dando com escrupulosa probidade os nomes e idades dos informadores.

Marcel Maget não se contenta com a simples descrição dos factos; procura também interpretá-los e explicar as razões por que as populações daquela região resolveram o problema alimentar daquela maneira, comparando os elementos actuais com os documentos e estatísticas de outras épocas, que sobre a região existiam.

A abertura de modernas vias de comunicação e o aproveitamento de novas fontes de economia, entre as quais se destaca o turismo, vieram modificar bastante as condições primitivas e com elas, também, os hábitos seculares.

A estrada, permitindo o transporte de combustíveis baratos, o aumento da produção mediante processos agrícolas mais moder-

nos, o abaixamento da densidade populacional, pela emigração de novos elementos para a indústria, e a prosperidade da população restante, pela afluência de turistas para os desportos de inverno e alpinismo no verão, transformaram completamente o quadro primitivo.

Entre os antigos, o apego ao pão anual mantém-se vivo. Mesmo aqueles que vivem longe da terra recebem esse pão como grande petisco. Contudo o costume está em franco declínio, e Marcel Maget mostra a descida vertiginosa da curva, que só teve uma subida durante a ocupação alemã na guerra passada.

O autor apresenta-nos fotografias e desenhos do forno comunal das diferentes fases do fabrico e dos costumes relativos à preparação do «Pain Bouilli».

É um estudo de 39 páginas que se lê com agrado e enorme interesse e que pode servir de modelo aos que queiram fazer tais trabalhos entre nós.

J. D.

Revue de Géographie Humaine et d'Ethnologie — Directores: PIERRE DEFFONTAINES et ANDRÉ LEROI-GOURHAN. Secretário geral: MARIEL JEAN-BRUNHES DELAMARRE. 1.º número, Janeiro-Março, 1948, Paris, Gallimard.

Editada pela casa Gallimard de Paris, acaba de aparecer uma revista em que, pela primeira vez, se procuram associar a Geografia Humana e a Etnologia.

Basta o nome das pessoas que se lançaram no empreendimento, para lhe augurar um triunfo certo.

Neste primeiro número aparecem à cabeça dois artigos, um de cada director, que têm por fim expor os propósitos da obra, e a razão por que se associaram duas ciências independentes.

Pierre Deffontaines escreve a *Défense et illustration de la Géographie Humaine*, onde faz uma síntese muito clara, com pontos de vista originais, da Geografia Humana.

André Leroi-Gourhan, no artigo *Ethnologie et Géographie*, explica também os objectivos e limites das duas ciências e mostra as vantagens da sua associação sem que daí resulte perigo para a independência de cada uma.

No programa de Etnologia da revista, procuram-se definir os materiais de estudo de todas as formas de actividade humana presente e passada e de os colocar no espaço.

O conceito de Etnologia de Leroi-Gourhan é amplo e pode-se dizer que abrange o estudo do homem sob todos os aspectos: social, religioso, económico, cultural, jurídico, antropológico, tanto no presente como no passado. Diz o autor: *Toute dissociation est une dissociation de commodité: l'homme est unique dans le temps.*

Contudo, a associação com a Geografia Humana dá ao estudo dos problemas etnológicos da revista uma necessidade de localização espacial hoje muito em voga. A cartografia dos fenómenos culturais apresenta vantagens enormes para a ampla compreensão dos problemas.

A revista traz, além desses, vários artigos, alguns dos quais de grande interesse como o: *Essai de classification des genres de vie montagnarde* de Pierre Deffontaines. O autor faz uma rigorosa divisão das diferentes formas de ocupação da montanha. Ele mostra a antiguidade da penetração humana nas montanhas.

Na Suíça apareceram estações musterienses a mais de 2.000 metros, e os caçadores magdalenenses e azilienses chegaram no Delfinado acima dos 2.000 metros, em épocas mais frias que as actuais.

Jacques Faublée traz um artigo sobre a vida indígena em Madagáscar, intitulado, *À Madagascar: Des villages Bara, Site, Migration, Évolution.* Não faltam pormenores curiosos que devem interessar aos nossos colonialistas.

André G. Haudricourt apresenta um valiosíssimo trabalho acerca do carro, *Contribution de la Géographie et l'Ethnologie de la voiture.* Sob o modesto título de contribuição, pressente-se a vastidão de conhecimentos que estão por detrás desta meia dúzia de páginas. É um trabalho concentrado, rigoroso e modelar no género, em que conjuga todos os elementos etnológicos para nos dar uma clara visão de problema.

A revista contém nas suas 127 páginas vários artigos ilustrados com fotografias, mapas e desenhos, a que se seguem crónicas e uma boa secção de informações.

A preocupação de tornar a revista um órgão internacional, que facilite o intercâmbio de conhecimento das ciências a que se dedica, e a qualidade da colaboração, levam-nos a acolhê-la com toda a simpatia.

J. D.

H. BREUIL et GEORGES ZBYSZEWSKI — Contribution à l'étude des industries paléolithiques des plages quaternaires de l'Alentejo littoral — Lisboa, 1946.

Este belo trabalho com que os dois ilustres arqueólogos vieram enriquecer o conhecimento da Pré-história portuguesa é, como dizem os seus autores, o resultado do estudo das indústrias paleolíticas que encontraram no litoral do Alentejo, entre Sines e Vila Nova de Mil Fontes.

Os jazigos paleolíticos estudados localizam-se nos arredores do Cabo de Sines, Fortim de Porto Covo e Vila Nova de Mil Fontes. Os primeiros forneceram um material semelhante ao que tem sido colhido nas estações paleolíticas sitas nas praias de Portugal para o sul do Douro, sendo digna de especial menção uma indústria de fácies micro-lusitana, contemporânea do Abevilense ou do Acheulense antigo, proveniente dos jazigos do Cabo de Sines e da Praia da Lagoa. O aparecimento de «coups-de-poing» acheulense em apreciável quantidade, em Porto Covo e acentuando-se mais para o Sul, vem apresentar novas características a este Paleolítico do litoral.

Porém, é principalmente o estudo dos jazigos de Vila Nova de Mil Fontes que, a nosso ver, se reveste de maior interesse, seja pelo aparecimento dos curiosos machados ditos mirenses, seja pela existência de picos tipologicamente idênticos aos do litoral do NO. da Península Ibérica, picos esses que os autores consideram pré-asturienses. Esta fácies que, segundo Breuil e Zbyszewski, se acentua a partir do Languedocense, foi pelos mesmos designada *miro-asturiense*.

Em nosso entender, a cultura de picos do NO. peninsular parece, analisando os materiais que por ora possuímos, haver perdurado até uma fase mais tardia do que a presente cultura de fácies *miro-asturiense*. É de notar que, no Sul, não aparece o pequeno seixo afeiçoado em peso de rede; pelo contrário, encontramos no Norte alguns machados lembrando os de Vila Nova de Mil Fontes. Haverá alguma relação entre estas duas zonas culturais? Sendo indústrias do litoral, natural era que encontrássemos, junto à costa, essa ligação. Porém, tal não sucede; antes, pelo contrário, a zona do sul parece estar bem separada da do norte, a não ser que o contacto se tenha dado pelo interior e, para esta sugestão tomemos como indício picos ou proto-picos encontrados em Muge, Lisboa (Serra de Monsanto) e Tomar.

Também, semelhantemente a Breuil e Zbyszewski que não tiveram dúvidas em considerar pré-asturienses os picos de Vila Nova de Mil Fontes, nós cremos que os picos do NO. peninsular

são, em grande parte, do Paleolítico, de onde evoluíram até ao Mesolítico, através do Acheulense e do Languedocense.

O trabalho dos dois consagrados pré-historiadores é acompanhado do estudo das formações geológicas em que foram encontrados os jazigos e contém uma admirável documentação fotográfica.

J. CAMARATE FRANÇA.

ABEL VIANA, JOSÉ FORMOSINHO e OCTÁVIO DA VEIGA FERREIRA
— Duas raridades arqueológicas — Separata do n.º 24 da
«Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares,
Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores», Lisboa, 1948.

Num pequeno mas interessante artigo noticiam os autores a aparição de dois achados pré-históricos que, por pouco vulgares entre nós, bem merecem o título que deram à comunicação: um bocado de tecido e uma navalha de barbear, ambos encontrados no decurso de investigações efectuadas na necrópole de Caldas de Monchique (Algarve).

O tecido embrulhava um machado de cobre ou bronze, estreito, de gume ligeiramente curvo, e foi descoberto dentro dum dólmen sob túmulo. Cronologicamente, os autores do trabalho, crêem que o tecido pertença ao Bronze Mediterrâneo I.

A navalha de barbear foi salva dum amontoado de sucata e deverá ser coetânea, segundo os autores, do Bronze Atlântico I ou II.

J. C. F.

ÍNDICE DO VOL. XI

	Pág.
LUÍS A. DUARTE DOS SANTOS — O normótipo da mulher portuguesa na metodologia do autor	5
MARIA FERNÃO COUCEIRO DA COSTA — Estudos sobre a população da cidade do Porto. I — Evolução demográfica	80
A. A. MENDES CORRÊA — Histoire des recherches pré-historiques en Portugal	115
AFONSO DO PAÇO, M. VAULTIER e G. ZBYSZEWSKI — Gruta da nascente do rio Almonda	171
HUGO DE MAGALHÃES — Notas antropológicas sobre dois portugueses do século XV (João de Albuquerque e sua mulher D. Helena Pereira)	213
SANTOS JÚNIOR — Tabelas de apreciação de alguns caracteres descritivos em Antropologia	225
G. ZBYSZEWSKI et J. CAMARATE FRANÇA — La plage milazzienne de Areias (Cascais)	262
LERENO ANTUNES BARRADAS — Contribuições para o estudo do paleolítico português	272
F. RUSSELL CORTEZ — A indústria paleolítica de Carvoeiro do Vouga	279
J. CAMARATE FRANÇA — A estação pré-histórica do Alto da Cabreira (Montanto)	291
MÁRIO LYSTER FRANCO e ABEL VIANA — Cemitério da Idade do Bronze nos arredores de Faro	299
ANTONIO FRAGUAS FRAGUAS — Notas del Folklor de boda en Galicia	306
ANTÓNIO CRUZ — Notícias da necrópole de São Tiago de Arados descoberta no século XVIII	329
Vária:	
As casarotas da Serra da Amarela (JORGE DIAS)	189
Construções circulares no litoral português (JORGE DIAS)	192
Centro de Estudos de Etnologia Peninsular (A. A. MENDES CORRÊA)	195
Ruínas do tipo castrejo no Algarve (JORGE DIAS)	350
Acerca do Atlas Etnográfico de Portugal (JORGE DIAS)	352
Instrumentos paleolíticos da Ribeira da Guarda (Gare) (F. RUSSELL CORTEZ)	357
Evolução demográfica da cidade do Porto (M. F. COUCEIRO DA COSTA)	359

	Pág.
A 3. ^a sessão plenária da Comissão Internacional das Artes e Tradições populares (1947) (JORGE DIAS)	361
2. ^a Conferência Internacional dos Africanistas Ocidentais (MENDES CORRÊA) Lutuosa (M. C.)	365 371

Revista bibliográfica :

P.^e Afonso dos Santos, 211; Almagro & Garcia y Bellido, 378; Bosch-Gimpera, 376, 380; Bouza-Brey, 384, 391; Breuil & Zbyszewski, 396; Büchi, 383; Cerda, 207; Cértima, 390; Comas, 375; Dankmeijer & Renes, 206; Garcia y Bellido, 210; Gimenez Reyna, 208; Gimenez Sanchez, 208; Gonzalez, 379; Graf, 382; Hoyos Sáinz, 377, 387; Jalhay, 383; Lindblom, 391; Magei, 393; Pina Manique, 209; Memórias de los Museos Arqueologicos Provinciales, 382; Mendonça, 389; Niceforo, 205; Obermaier & Garcia y Bellido, 376; Paço & Vaultier, 209; Parenti, 385; Pericot, 206; Reinhart, 384; Revue de Geographie Humaine et d'Ethnologie, 394; Rief Lowe, 379; Roque, 392; Sergi, 375; Schlaginhausen, 203, 381, 386; Schlunk, 211; Tarracena & Parga, 381; Vallois, 386; Viana, Formosinho & Ferreira, 397; Vroklage & Barge, 205; Weidenreich, 204.

Trabalhos de Antropologia e Etnologia

(Antigos «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia»)

VOL. XI — FASC. 3-4

SUMÁRIO:

- HUGO DE MAGALHÃES:**
Notas antropológicas sobre dois portugueses do século XV
(João de Albuquerque e sua mulher D. Helena
Pereira) (pág. 213).
- SANTOS JÚNIOR:**
Tabelas de apreciação de alguns caracteres descritivos em
Antropologia (pág. 225).
- G. ZBYSZEWSKI et J. CAMARATE FRANÇA:**
La plage milazzienne de Areias (Cascais) (pág. 262).
- LERENO ANTUNES BARRADAS:**
Contribuições para o estudo do paleolítico português
(pág. 272).
- F. RUSSELL CORTEZ:**
A indústria paleolítica de Carvoeiro do Vouga (pág. 279).
- J. CAMARATE FRANÇA:**
A estação pré-histórica do Alto da Cabreira (Monsanto)
(pág. 291).
- MÁRIO LYSTER FRANCO e ABEL VIANA:**
Cemitério da Idade do Bronze nos arredores de Faro
(pág. 299).
- ANTONIO FRAGUAS FRAGUAS:**
Notas del folklor de boda en Galicia (pág. 306).
- ANTÓNIO CRUZ:**
Notícias da necrópole de São Tiago de Arados descoberta
no século XVIII (pág. 329).
- Vária:** — Ruínas do tipo castrejo no Algarve (JORGE DIAS);
Acerca do Atlas Etnográfico de Portugal (JORGE DIAS);
Instrumentos paleolíticos da Ribeira da Guarda (Gare)
(RUSSELL CORTEZ); Evolução demográfica da Cidade do
Porto (M. F. COUCEIRO DA COSTA); A 3.^a sessão plenária
da Comissão Internacional das Artes e Tradições popu-
lares (1947) (JORGE DIAS); 2.^a Conferência Internacional
dos Africanistas Ocidentais (MENDES CORRÊA); Lutuosa
(M. C.).
- Revista bibliográfica:** — ALMAGRO & GARCIA Y BELLIDO
(378); BOSCH-GIMPERA (376, 380); BOUZA-BREY (384, 391);
BREUIL & ZBYSZEWSKI (396); BÜCHI (383); CÉRTIMA (390);
COMAS (375); GONZALEZ (379); GRAF (382); HOYOS SÁINZ
(377); JALHAY (383); LINDBLOM (391); MAGET (393); ME-
MÓRIAS DE LOS MUSEOS ARQUEOLÓGICOS PROVINCIALES
(382); MENDONÇA (389); OBERMAIER & GARCIA Y BELLIDO
(376); PARENTI (385); REINHART (384); REVUE DE GEO-
GRAPHIE HUMAINE ET D'ETHNOLOGIE (394); RIET LOWE
(379); ROQUE (392); SERGI (375); SCHLAGINHAUFEN (381,
386); TARRACENA & PARGA (381); VALLOIS (386); VIANA,
FORMOSINHO & FERREIRA (397).